

“Der Fall Jürg Zünd”

Tradutora: Monica Niemeyer

Tel. 2476-3350 / Cel. 9656-0769

Início Data: 09 de março de 2009 – Finalizado em: 20 de abril de 2009

O caso Jürg Zünd

CONTEÚDO

A.	Relatório	193
I.	A ascendência	193
a)	A família do lado paterno	193
b)	A família do lado materno	195
II.	Histórico de vida e de doenças	195
a)	Histórico de vida	195
b)	Observações na primeira clínica de tratamento	200
c)	Relatos pessoais	205
d)	Os exames experimentais	212
1)	O Teste de Rorschach	212
2)	O Teste de Associação	222
B.	Daseins-análise	230
I.	Pertencimento e eternidade (o <i>modus</i> dual)	230
II.	A mundaneidade (o <i>modus</i> plural)	232
	Genialidade e insanidade	252
III.	A existência (o <i>modus</i> singular)	253
a)	A temporalidade	253
b)	O tempo vazio do autismo	257
IV.	Resultados da Daseins-análise	259
a)	Angústia	262
b)	Vergonha e infâmia	263
c)	Culpa	265
d)	Desconfiança, inveja, suspeita, ódio	266
e)	Insanidade	266
C.	Análise clínico-psicopatológica	269
	Introdução	269

I. Sintomatologia	271
a) A angústia	271
b) Obsessão	275
c) Delírio persecutório	275
d) Outros sintomas	277
e) O autismo	278
II. Evolução	283
III. Diagnóstico	285

No presente estudo também buscamos nos aproximar do problema da esquizofrenia a partir da forma polimorfa da esquizofrenia simples. O caso do qual partimos como exemplo é muito semelhante aos casos *Ellen West* e *Nadia (Janet)*¹, tanto do ponto de vista clínico, como do antropológico; no entanto, por mais que nele também predomine o elemento angustiante, o caso oferece muito menos dificuldades diagnósticas. A ponte entre o Caso Ellen West e o Caso Jürg Zünd é constituída pelo Caso Nádia. Se no Caso Ellen West a problemática residia quase que exclusivamente no âmbito do mundo próprio (“auto”- e “somatopsíquico”) e, em Nádia, tendia já com bastante nitidez para o âmbito do mundo compartilhado (“alopsíquico”), em Jürg Zünd predomina com muita nitidez a problemática do mundo compartilhado, o sofrimento por “ser diferente dos outros”. Enquanto Ellen basicamente *se envergonha* apenas diante de si mesma, Nadia e Jürg se envergonham quase que exclusivamente diante dos outros. Em razão disso, Ellen West é muito menos “perturbada”, no que diz respeito às relações ou trocas no mundo compartilhado, do que os dois últimos. Enquanto ela se limita a comer sozinha, em parte para não ser cansada ou pressionada pelos outros e, por outro lado, para não chamar atenção por sua voracidade, em Nadia tanto quanto em Jürg Zünd o medo de chamar atenção dos outros e tornar-se alvo de chacota por sua aparência, sua indumentária ou por determinadas maneiras de se comportar encontra-se em primeiro

plano, sem dúvida alguma aliado a temores relacionados com o mundo próprio. Pois, como já observamos anteriormente e passaremos a enxergar com clareza cada vez maior, os “transtornos” alo-, auto- e somato-psíquicos permitem uma distinção apenas descritivo-sintomatológica; no âmago da existência, eles não se “concatenam” intimamente, mas têm uma única e mesma raiz.

A. RELATÓRIO

I. A ASCENDÊNCIA

a) A família do lado paterno

O *pai* de Jürg Zünd, oriundo de uma família suíça no estrangeiro e criado no exterior, era um homem pequeno, gracioso, demasiadamente discreto, gentil e tímido, com movimentos acanhados e desengonçados, asmático. (Faleceu aos 72 anos, de ataque cardíaco). O pai é o segundo filho mais velho entre 7 irmãos; seu *irmão* 1 ano mais velho é *severamente catatônico* e imbecilizado (veja adiante), seu *irmão* 2 anos mais novo realizou boas coisas em uma profissão acadêmica, é bastante sociável, musical, mas um tipo esquisito, solteirão; faleceu aos 70 anos de câncer no intestino. Depois vinham 2 irmãos que faleceram no primeiro ano de vida de uma doença cerebral constatada por uma autópsia, depois 2 irmãs, das quais a *mais velha* era muito nervosa, mas nunca esteve internada em uma instituição; delicada, altamente talentosa, estudou música, emancipada, atritou severamente com o pai, fortemente *ciclotímica*; aos 50 anos, cometeu o *suicídio*, depois de haver feito uma tentativa de se matar, muitos anos antes. A *irmã mais nova do pai* é viva, mas “sempre na iminência de ser internada em um manicômio”; foi uma aluna exemplar, casada, 2 filhos, uma filha que esteve em um

sanatório por conta do nervosismo e um filho que mudou de profissão diversas vezes, levando uma existência de aventuras.

O *pai do pai* foi um conhecido acadêmico (ciências do espírito), que mereceu as mais elevadas honras acadêmicas no exterior. Temporariamente doente do pulmão (tuberculose). Sua presença “produzia calafrios”. Os irmãos dele foram dados como desaparecidos do outro lado do Atlântico.

O *avô do pai* foi um jornalista brilhante e um revolucionário e, no fim da vida, empobreceu; o irmão dele, alto oficial, muito rico por casamento, morreu em um asilo para indigentes. Ambos ávidos duelistas.

A *mãe do pai* também era suíça, uma dama da alta sociedade. Um *irmão dela* era depressivo. Um segundo irmão, por circunstâncias pessoais, emigrou para o exterior.

Do *irmão catatônico do pai* reconstituímos o seguinte quadro, com base nos históricos de doença das instituições nas quais ele viveu e se tratou a partir dos 18 anos, com uma curta interrupção, até sua morte (aos 47 anos): jovem talentoso e educado cursou o ginásio até a 6ª série, mas desde os 13 anos foi mostrando mudanças no caráter. Com o passar do tempo, foi se tornando irascível, difícil de conduzir, preguiçoso, descompromissado com seu rendimento escolar, sem persistência. Aos 15 anos, teve escarlatina. Aos 17 anos, chama a atenção com afirmações exorbitantes. Fortemente influenciado por pontos de vista materialistas por um amigo. Ao completar 18 anos, entra em surto agudo: humor exaltado, risos sem motivos, troça de todas as pessoas, considera seu amigo um gênio, descuida de si próprio, precisa ser lembrado de sua higiene, insulta as pessoas na rua, arrepende-se em seguida, mas se justifica dizendo que precisa dar vazão a sua fúria, por não encontrar satisfação interior. À fase maníaca segue-se logo uma fase depressiva, com idéias de perseguição, ouvindo vozes: afirma estar sendo enterrado vivo. Ele próprio pede sua internação (aos 18 anos e meio).

Microcéfalo, orelhas e dedos do pé atrofiados. Fumante contumaz. Toca piano bastante bem. Exagera seus talentos. Afirma ouvir vozes de conteúdo ameaçador, tapa as próprias orelhas. Sem nenhum senso crítico, pressiona por receber alta. Em poucos meses, ele fica “visivelmente mais fraco mentalmente”. Idéias de perseguição aumentam, à noite fica inquieto. Ao completar 19 anos já é descrito como confuso, incoerente, bastante amortecido em seu humor, sorriso imbecilizado, posturas catatônicas, estereotípias, recusa de alimentação, reclusão em cela. Mas ainda toca bem o piano. Enorme ganho de peso e aumento da demência. Aos 24 anos, ainda toca formalmente bem o piano, mas sem muita emoção. Vive em um estado de “idiotia total”, apresentando coprofagia etc. até os 47 anos, quando ocorre a morte por tuberculose pulmonar. *Diagnóstico* no primeiro histórico de doença: idiotia, confusão; no segundo (depois de passado meio ano): paranóia primária com passagem para demência; na terceira: vazio.

b) A família do lado materno

Na família da mãe (também suíça no estrangeiro) supostamente há sangue eslavo-judaico. A própria *mãe* é irritadiça, imprevisível, sempre quer ter razão, muito ambiciosa, apresenta traços “históricos”, terminou o curso superior, muito inteligente. Aos 55 anos, faleceu de atrofia renal, quando o paciente estava com 30 anos de idade. Uma vez que o pai cedia muito facilmente, o casamento aparentemente era muito harmônico. Uma *irmã da mãe* morreu de tuberculose ainda criança, uma segunda irmã, de uma doença renal aos 30 anos de idade; a terceira irmã é viva, saudável, viúva, segura de si, mulher de negócios competente. Um *irmão da mãe* é “*maníaco*”, ‘cuca-

fresca' porém muito bem sucedido, casado, faleceu de ataque cardíaco. O *pai da mãe* era muito equilibrado, patriarcal, faleceu de câncer retal.

A *mãe da mãe* faleceu de tuberculose.

O paciente tem uma irmã mais nova, bem casada, aparentemente um tanto “nervosa”, com pendores literários e artísticos.

II. HISTÓRICO DE VIDA E DE DOENÇAS

a) Histórico de vida

Infância. Jürg Zünd, suíço nascido no exterior, aprendeu a caminhar e a falar no tempo esperado. As primeiras e vagas recordações infantis vão até o terceiro ano de vida. Até o 5º ano de vida, totalmente saudável fisicamente. Aos 5 anos, logo depois de ingressar na escola infantil (5 – 7 anos), teve pneumonia e desde então ficou propenso a doenças, sofrendo freqüentemente de bronquite. Dos 3 aos 5 anos, ocasionalmente entrava em um estado (estando semi-desperto, ou depois de acordar) em que tinha uma “sensação anormal nas pontas dos dedos” e uma sensação pesada no fundo do nariz, enxergando as pessoas apenas como silhuetas e todos os objetos como se estivessem mais distantes. Ele, então, gritava loucamente, agarrando-se à mãe quando esta se aproximava de sua cama. Além disso, já “como criança pequena”, antes de ter ouvido falar disso, ele tinha sonhos em que pessoas eram “decapitadas”, nos quais ele via como um prisioneiro tinha “espasmos de perda de sangue”. Nessas ocasiões, e apenas nessas, ele tinha certa “neurose de cheiros”, que, no entanto, ele não consegue descrever melhor. Esse sonho tinha algo de incrivelmente absurdo, sinistro. – Criança muito vivaz, de modo algum solitário, mas muito impetuoso; gosta de brincar tanto com meninas, como com meninos. Para os pais, era uma criança normal como todas as outras crianças. Mãe mais

severa que o pai, ambos medrosos, por essa razão ele foi muito “preso” e controlado em todos os seus passos. Quase nunca lhe era permitido brincar na rua ou no pátio da escola com outras crianças, por essa razão, convicto desde pequeno de que o que valia para as outras crianças, não valia para ele! Por um lado, sentia-se mimado, por outro, “*exposto*”. Ele era o único menino na região que usava cabelos compridos, paletós mais longos que as outras crianças, sapatos amarelos com botões, galochas. Por essa razão, era bastante ridicularizado pelos outros, sentindo-se diferente deles, também em casa não havendo “nenhuma instância à qual ele pudesse se dirigir (por essa razão)”. Não era de modo algum cercado de amor idolatrado, mas “tornado confuso” pela privação de qualquer contato com outras crianças fora da escola. Se ele não estava em casa logo após o término da aula, o pai aparecia no pátio escolar; por essa razão, ele se sentia *envergonhado* diante dos outros. Todos os pedidos e todas as cenas de nada valiam e daí a sensação, desde cedo, de que ele “precisava morrer”.

Escola primária (7-12 anos), por todas essas razões os tempos de escola primária foram “anos terríveis”. Mesmo depois do nascimento da irmãzinha (aos 8 anos), as coisas não melhoraram (somente mais tarde, quando ele ficou mais velho e não permitia mais que o maltratassem assim). Sofria bastante diante do contraste entre os seus pais, que o protegiam tanto, e os colegas, que faziam troça dele. Atacava furiosamente estes últimos, o que, por sua vez, exasperava os pais novamente. Junto aos colegas sempre tinha a sensação de *estar traindo* os seus pais, por eles formarem um mundo à parte; ele se censurava por sentir-se melhor junto dos camaradas do que junto dos pais. A essa contradição, no entanto, somava-se mais uma. No andar de baixo da casa deles, viviam o pai, um irmão e uma irmã da *mãe*. Junto do avô ele se sentia especialmente protegido. O tio e a tia freqüentemente levavam o sobrinho para passear aos domingos, uma vez que era muito difícil tirar os pais de dentro de casa. Sentia-se muito mais livre junto dos

parentes da mãe, uma vez que se posicionavam melhor diante da vida, desempenhavam importantes papéis na cidadezinha, comportavam-se como *grandseigneurs* e eram admirados por todos. Imaginava sentir uma oposição oculta do pai contra eles, por sua postura de vida ser tão diferente. Enquanto os pais procuravam afastá-lo das rusgas com colegas, o tio o elogiava por sua valentia. Na presença do tio, o pai teria sorrido diante do elogio, mas depois ele teria comido o pão que o diabo amassou. Ele era dominado pela sensação de que no andar de baixo era aceito, enquanto no andar de cima sempre pairava sobre ele a espada ameaçadora de Damocles (* N.T. – A espada de Damocles, um protegido de Dionísio de Siracusa, pendurada acima de sua cabeça por um fio de crina de cavalo, simboliza o fato de que também as pessoas felizes estão expostas a perigos e ameaças), uma vez que a mãe era muito imprevisível e sujeita a instabilidade, e, muitas vezes, lhe dava bofetões nas orelhas. O pai, ele tolerava apenas por seu talento musical, a música tendo sido o principal elo de união entre os dois.

Adicionalmente às tensões contraditórias mencionadas, havia ainda a pressão exercida pela *opinião pública*; de uma das empregadas, ele ouviu que na cidadezinha em que viviam seus pais eram vistos como “não normais, alterados e orgulhosos”.

Enquanto os estados de angústia descritos cessaram por volta dos 5 anos de idade, durante os anos de escola primária persistiu um “*medo de doenças e de cirurgias*” que lhe foi incutido pela mãe, excessivamente medrosa e alterada. Ao ouvir que no carro em que um conhecido o levou certa vez, dias antes um homem havia sido levado a um hospital, ele foi acometido por um enorme temor de, eventualmente, ter sido “contaminado”. Quando, no entanto, ele ficou sabendo que se tratara de um acidente (perna quebrada), o temor desapareceu imediatamente. Certa vez, no dentista, ele teve um *colapso* (sofreu um desmaio), o que seu pai entendeu como sendo uma situação ridícula. Daí para frente, nunca mais foi ao dentista sem o pai ou a mãe. Também isso o

deixou bastante desgostoso. Uma vez que ele foi tratado de modo tão diferente das outras crianças – e, por essa razão, foi alvo de tanto deboche, quando criança ele se sentia *como se estivesse totalmente despido, como se estivesse exposto só de camisa, como se olhassem através dele*; daí ele sempre ter tido a sensação de precisar se *esconder*.

A masturbação foi iniciada somente na puberdade. A questão de como nascem as crianças nunca o interessou especialmente, primeiro acreditou na cegonha, torcendo sempre para que ela lhe trouxesse uma irmãzinha. O esclarecimento dos fatos ligados ao sexo deu-se através da criação de coelhos de um colega de escola. Já como adolescente, tinha “sentimentos bastante sensuais diante das moças”.

Puberdade. O 15º ano de vida significou uma incisão em sua vida, por causa das dificuldades sexuais (masturbação). Sensação de que estaria sendo injusto com os pais por causa disso, de que eles o percebiam nele. Nunca praticou masturbação mútua. De significado nefasto foi a leitura de um folheto sobre a masturbação com indicações de seus efeitos maléficos sobre todo o sistema nervoso e, em especial, sobre os órgãos sexuais. Tudo o que ele havia passado, até então, “era inofensivo quando comparado a essa possibilidade”; sensação de que “agora as coisas ficaram muito sérias”. Já antes ele havia sofrido diante de certo espelhamento de si, mas era mais fácil conseguir se distrair dessa sensação; agora, depois da masturbação, ela passou a se manifestar com intensidade muito maior. Antes, apesar da ocorrência no dentista, ele nunca tinha medo de sofrer um desmaio, mas agora este medo tornou-se um complexo. Seus medos, de um modo geral, antes lhe pareciam infundados e referiam-se apenas às questões com os pais, mas depois da masturbação, seus medos lhe pareciam ter fundamento. As transformações da puberdade sobrevieram muito rapidamente. Antes ele era muito mais vivaz que os outros, não deixava passar muita coisa, agora ele estava indolente, passava

horas deitado no sofá, envergonhado, confuso, amuado, exagerando nas sensações ligadas ao corpo; ao mesmo tempo, muito irascível, indisciplinado, agressivo (“para super-compensar”), sensível, criticando tudo, muito mais isolado que antes. A sensação de poder sobre as meninas agora se transformou em sentimentos de desvalia, muito contido na presença delas. Para provar que ele ainda era “o cara”, certa vez desferiu uma bofetada na orelha de um professor (de 50 anos). Tendo lido num dicionário de conversação que o certo seria deitar-se sobre uma superfície dura, à noite ele colocava uma tampa de papelão sob o lençol, para todas as manhãs escondê-la novamente.

Os *tempos de colegial* foram repletos de conflitos com os professores; ele foi um aluno bastante desagradável para os professores; certa vez, conforme já mencionado, ele estapeou um professor. Era muito vergonhoso, para ele, que o pai dele fosse bastante conhecido do professorado e os professores com frequência o “denunciavam” ao pai, o que ele novamente questionava junto a eles. Aproximadamente por volta dos 18 anos a masturbação aos poucos deixou de ocorrer. Desde então o humor depressivo que já existia antes disso aumentou fortemente, de modo que, agora, passou a ter autênticas “depressões”. Já aos 18 anos surgiu a sensação de chamar a atenção dos outros sobre si ao entrar em uma sala de concerto, por exemplo, ou a sensação de sentir-se mal ao fazê-lo, de modo que *por essa razão* chamava a atenção dos outros sobre si mesmo. Sempre tinha medo de contrair alguma mácula, sempre dava justamente *aquela* impressão que ele não gostaria de ter dado. Fez seu exame de Matura aos 20 anos (como era costume na época), obtendo bons resultados.

Estudo universitário em Ciências Naturais (dos 20 aos 23 anos). Fez seu primeiro exame com notas mínimas, o segundo exame lhe foi impossibilitado porque ele não conseguiu fazer um teste em um estágio prático que ele nunca frequentou – o que o deixou muito enraivecido. Nessa época, ele sempre se sentia melhor à noite, razão pela

qual ele se deitava tarde e dormia todas as manhãs, ao invés de ir à faculdade. O estudo em si o teria interessado; mas ele tinha a consciência pesada, uma sensação ruim de estar perdendo algo. Severas alterações de humor várias vezes ao dia. Frequentes poluções, no verão a cada 8 dias, no inverno mais raramente, no outono raramente. Aos 22 anos, a pedido do pai, passou a fazer um tratamento ambulatorial com um médico de nervos, e já na sala de espera tinha medo de sentir-se mal. Sentiu-se compreendido pelo médico, fortalecido pela personalidade deste, amparado por sua autoridade; mas nunca conseguiu manter o planejamento diário por ele recomendado. Depois de um ano, o médico desaconselhou o estudo universitário e recomendou, insistentemente, a dedicação à música. Ele, no entanto, foi contra porque não se considerava um artista de primeiro escalão e não teria se contentado com menos. Além do mais, temia os holofotes. Optou, então, por um estudo superior em uma ciência do espírito aplicada.

Segundo estudo universitário (dos 23 aos 34 anos). Primeiro, 2 semestres em X, mas nunca ia à faculdade por causa de suas “fobias”. Em seguida, depois de várias e longas interrupções com férias, 4 anos em Y. Companhias agradáveis, aos poucos tornou-se menos “tenso”; mas também aqui não ia à faculdade, mas, apesar disso, conseguiu eliminar algumas matérias. Certa vez, foi carregado para fora do teatro por haver desmaiado; antes de desmaiar, sentiu-se mal – e, por sinal, depois de assistir a uma cena em que um médico testou os reflexos de seu amigo e estes não funcionaram. Tratava-se, portanto, de um problema na medula espinhal e ele “o tomou para si”. De resto, ele sentia-se tão inibido quando estava junto de outras pessoas, que ele não conseguia nem fazer movimentos próximos dos naturais. Ao encontrar pessoas na rua, ele sempre se perguntava: que impressão eu estou passando agora? Sentimentos de inferioridade por ter tais pensamentos. Temia que, ao tirar sua capa de inverno na faculdade, chamaria a atenção por um movimento “que tinha um quê de degenerado”. Ele não inferia, mas

constatava que os movimentos dele excitavam os músculos responsáveis pelo riso dos outros. Tornou-se cada vez mais estranho, em decorrência de seu acanhamento e sua conduta. Sempre dominado pela sensação de “estar no ponto central da crítica do outro”. Essa sensação muitas vezes se intensificou para transformar-se em uma espécie de angústia que em nada se diferenciava da angústia de morte. Ele empalidecia e se admirava que seu coração suportasse tudo aquilo. De qualquer maneira, em Y as coisas foram um pouco melhores do que em X. Apesar disso, ele “se esquivava de tudo o que era essencial”, passeava bastante, tinha uma namorada, mas sem contato sexual, e tocava muito piano a quatro mãos com um estudante do conservatório.

Aos poucos, por causa de seu “terrível medo de ser ridículo”, amadureceu nele a decisão de continuar seus estudos em um outro Estado, onde ninguém o conhecesse. Ele tinha a esperança de, então, poder participar também das aulas práticas e de não ter tanto medo de chamada oral. Ele se decidiu por Z.

Em Z., outros 4 - 5 anos. Ele morou com parentes muito ricos e, portanto, sentia-se “coberto” do ponto de vista social. No início passou por grandes dificuldades emocionais no que dizia respeito ao trabalho; aos poucos, foi melhorando. Trabalhava principalmente em casa; mandava fotografar os principais trabalhos, para poder estudá-los em casa. Também carregou montanhas de livros no táxi, da biblioteca para casa. Participou de 6 seminários. Sempre ficava enjoado, quando lia algo a respeito de delitos morais. Sofria com o fato de gerar despesas para os pais, sem conseguir chegar ao resultado desejado. Com a ajuda de um profissional (“Repetitor”), acabou por fazer o exame de doutorado e, meio anos depois, com a ajuda desse mesmo profissional, compilou um excelente trabalho de doutorado, de modo que, aos 34 anos de idade, recebeu o título de Doutor. Em Z. ele teve pela primeira vez um caso de verdade e isto lhe fez muito bem, porque “ele se sentia menos, em relação aos outros” por essa razão.

Também o título de Doutor lhe deu certa “cobertura”. Em Z. ele freqüentava a ópera – que ele apreciava mais do que o teatro, uma vez que a música lhe dava alento. Depois do trabalho de doutorado, ele passou a fazer longas viagens de automóvel, ele mesmo sentado ao volante. Apesar de sentir-se melhor, a doença como tal progrediu em Z., uma vez que lá, pela primeira vez, ele passou a ter “*idéias compulsivas*” *sexuais*. Em primeiro plano encontrava-se o medo de que os outros pudessem perceber que ele estava tendo uma ereção, bem como o medo de que “a pele de sua bolsa escrotal” era fina demais (veja adiante).

Entre Z. e o ingresso na primeira clínica psiquiátrica (34-37 anos). Passou parte desse tempo com a irmã, que havia se casado nesse meio tempo, mas a maioria do tempo com o pai (a mãe havia morrido um ano antes). No último ano, ele visitava com freqüência um (outro médico) de nervos em X. Ele reconheceu que as coisas não avançavam no que dizia respeito à saúde dele e que “não conseguia encontrar o caminho para a prática”, passou a apresentar freqüentes dores de cabeça e recorria sempre ao *Optalidon* (6 a 8 comprimidos ao dia), que em Z. certa vez lhe fora receitado pelo dentista, mas havia esquecido totalmente dele. Em Z. ele tomava *Optalidon* de vez em quando, mas, depois de sua volta, passou a tomar diariamente. Depois de retornar à casa, seu estado piorou. O ambiente caseiro (o pai e uma irmã totalmente “anti-musical” da mãe) foi veneno para ele: clima depressivo, vida anormal. Não fazia mais nada, agora, levantava tarde, passava o dia inteiro deitado pelos cantos e só saía depois de escurecer, não se encontrava com ninguém, não mantinha nenhum tipo de correspondência. O tratamento em Z. de nada havia adiantado; o médico em questão deixara a situação amadurecer e depois, no momento certo, interveio e mandou-o para uma clínica de tratamento (no início de seu 37º ano de vida).

b) Observações realizadas na primeira clínica de tratamento

(dos 37 aos 41 anos)

O paciente inicialmente veio para uma consulta, a fim de travar conhecimento com o médico com o qual iria se tratar. Ele estava muito nervoso, sofria de depressões crônicas, há 3-4 anos tomava diariamente 6 comprimidos de Optalidon, tanto contra as depressões, como principalmente porque o Optalidon lhe dava “segurança no contato com o mundo externo” e o “protegia de sentir-se ridículo”. Padecia do medo de vir a ter uma ereção diante de alguma mulher e do medo de que outros o percebessem. Compara esse medo ao temor que o acoixa em uma loja de departamentos de que o tomem por um ladrão ou, no mínimo, o observem por esta suspeita. – O olhar do paciente não é exatamente paranóico, mas perturbado, inseguro e “desconfiado”. O comportamento de um modo geral é tenso, a postura corporal estranhamente torta. Durante a conversação, ele relaxa um pouco. Desde a temporada em Z. ele não teve mais relações sexuais, as raras poluções o deixavam enfraquecido, geralmente ocorriam de forma puramente fisiológica e, mais raramente, acompanhadas de fantasias acerca de relacionamentos anteriores. Fala baixo e lentamente, o tom de voz é depressivo. Ele se decide pelo tratamento, mas, depois de diversos avisos de chegada, efetivamente chega só seis meses mais tarde e justamente na noite de Natal (para fugir da festa de Natal em casa do pai e da tia).

O peso, no início do tratamento, era de 46 kg! De altura mediana, formato da cabeça relativamente grande, rosto pontiagudo, perfil não propriamente angular. Pernas arqueadas em formato de “O” bastante evidente, perna esquerda com formato de sabre mais pronunciado que perna direita. Reflexos nervosos e cutâneos exacerbados. Pulso regular. Pressão 120/75. Saudável do ponto de vista orgânico. O boletim de admissão

menciona como *diagnóstico* uma esquizofrenia paranóide. Paciente é admitido na ala aberta.

Durante as refeições, o paciente não diz nenhuma palavra, a não ser que alguém se dirija diretamente a ele. No entanto, ele conversa longa e animadamente com pessoas isoladas, principalmente aquelas do sexo feminino, sendo muito benquisto por elas por causa de seu comportamento cavalheiresco, mas geralmente apenas quando alguém outro o envolve em alguma conversa. Observa seus pares minuciosamente e é demasiadamente crítico em seus julgamentos. Ele tem grande cultura e comportamento traquejado. Nunca lê jornal. Política não o interessa, a guerra é muito cruel. De vez em quando toca piano, de preferência Chopin, e de modo bastante artístico no que tange ao toque, à expressividade e à leveza. Seu *modo de andar* é tão peculiar que, na rua, chama a atenção já à distância: ele caminha muito devagar, a cada passo ele move um ombro fortemente para frente, depois o outro, balançando os braços ao mesmo tempo, de forma que a impressão premeditada que ele deseja passar, de um tranqüilo e inofensivo vadio, se transforma na impressão de um indivíduo afetado, orgulhoso, pomposo. Age como se não estivesse interessado em seu entorno. Quando alguém o cumprimenta, ele – como que surpreendido – leva a mão desajeitada ao chapéu. Ao mais leve afeto, ele tem dificuldade em formular em palavras o que está ocorrendo, substituindo as palavras por expressivos gestos com as mãos e os braços, passando a mão na testa e na cabeça, cerrando a boca, abrindo bem os olhos. Afetos mais intensos fazem com que ele repentinamente se levante da cadeira, curvando-se para o lado e para trás de tal forma que se pensa que logo ele irá cair, ao mesmo tempo voltando ligeiramente os pés para dentro; a seguir, larga o corpo sobre a cadeira, totalmente voltado para si.

Do ponto de vista psíquico, é *muito contido* e *indeciso*, não responde às cartas que recebe, nem mesmo às cartas enviadas por algum órgão oficial, posterga as compras que

precisa fazer durante semanas e meses, seus pertences estão sempre em grande desordem, sofre muito com toda essa situação e demonstra gratidão e alívio quando é ajudado.

O *humor de base* é de depressivo a desesperado, sofrendo fortes alterações de acordo com a estação do ano, o tempo, os desafios emocionais e as afecções corporais (o paciente ao menor resfriado sente-se muito doente). Durante muito tempo pensou seriamente em suicídio e ainda fala no assunto, mas explica que agora apenas é acossado pelo pensamento acerca da razão pela qual ele *deixou de* levar a cabo o seu intento enquanto ainda tinha forças para tal, bem como pelo medo de que agora não mais consiga fazê-lo. Em outras ocasiões, ele torna a ameaçar com o suicídio, dizendo que não seria tão burro a ponto de contar ao médico *como* ele planejava fazê-lo. Durante longo tempo, a tarefa de discipliná-lo é muito árdua porque ele manifesta uma resistência ativa ou passiva diante da maioria das orientações que recebe. Em seguida ele *se irrita* e começa a *resmungar* de modo rabugento, tanto diante do médico, quanto da equipe de apoio. Apesar dos avisos e das proibições, ele sempre procura encontrar-se com uma paciente que se insinua a ele. Diante da ameaça de ser dispensado da clínica, ele reage com a ameaça (junto a terceiros) de que o médico será processado por ele, caso interrompa o seu tratamento; pois o médico cometeu um erro em seu tratamento, “colocando junto dele” uma paciente que nem deveria estar na ala aberta. Questionado acerca deste assunto, ele imediatamente apresenta um olhar *paranóico penetrante e ameaçador*, mas, depois de passado algum tempo, volta a apequenar-se e a ficar totalmente maleável.

Em suas noites atormentadas e insones, ele tem a sensação de que a cama é tão dura quanto o ferro, os edredons, frios e asquerosos, afirmando que é simplesmente terrível que o deixem sofrer tanto, sendo que “horas preciosas se passam sem serem

aproveitadas”. O médico também estaria errando, ao não ajudá-lo a conseguir ter relações sexuais; se ele tivesse um caso ou uma mulher que fosse gentil e paciente com ele, dedicando-se totalmente a ele, ele com certeza ficaria curado. Mas aqui ele voltava todas as noites para o mesmo quarto, com os mesmos pensamentos de que não agüentaria por muito tempo mais. Acusa o médico de se ocupar muito pouco dele, visitando-o pela manhã e não à noite, não fazendo psicanálise com ele, etc. Consentiu rapidamente em abandonar o Optalidon, mas continuou a mostrar-se ávido por medicação, brigando por aquele ‘calmantezinho’ mais fraco que lhe propiciaria um apoio e facilitaria a ele o contato com os demais - ou por um analgésico contra as suas freqüentes e, com certeza, torturantes dores de cabeça, que muitas vezes não lhe permitiam trabalhar.

No que diz respeito ao *caráter*, no sentido corriqueiro da palavra, a impressão que tivemos desde a primeira consulta vem se confirmando. Jürg Zünd exige do médico o maior dos interesses, a maior das dedicações, mas de sua parte é incapaz de abrir mão de sua esfera privada e de suas necessidades particulares, mesmo que estas entrem em conflito com aquilo que é exigido pelo médico. Certa ocasião, ele comprou medicamentos (não alcalóides) escondido em uma farmácia, escondeu o fato por longo tempo do médico e negou veementemente, até que, diante das evidências, tornou-se impossível continuar mentindo. Mesmo aí ele não desceu do pedestal: o médico é quem o estaria forçando a comprar medicamentos escondido porque lhe prescrevia tão poucos medicamentos. Por outro lado, Jürg Zünd, no trato diário e em seus relacionamentos, tem muita consideração pelos outros, é modesto, gentil e tem muita paciência com os internos de difícil trato. Seus modos são perfeitos em todos os sentidos. Quando algo ou alguém o diverte, ele consegue rir francamente. E, como já mencionado, ele consegue manter conversações durante longos períodos, demonstrando, nessas ocasiões, uma

enorme cultura e uma crítica apurada, ainda que geralmente negativa. Suas leituras diminuían cada vez mais. O autor que mais lhe aprazia era Hesse.

No que diz respeito ao *trabalho*, uma das principais exigências do médico, já na primeira consulta, era a de que o paciente desse continuidade à formação prática em sua profissão, a fim de poder realizar o exame prático na universidade. Essa perspectiva foi para o próprio paciente uma das principais razões para internar-se na clínica, uma vez que de fato ele sofria muito com a sua falta de atividade (e a “desclassificação como vagabundo”) e se preocupava com o seu futuro, do ponto de vista financeiro. Com muitas dificuldades e muitas interrupções, o paciente conseguiu ir ao escritório durante os primeiros dezoito meses. No início o chefe dele afirmava que ele era muito interessado, tinha facilidade em captar e com certeza poderia fazer o exame. Quando chegou a hora, ele teve mais uma vez uma leve “gripe”, atirou-se na cama e, apesar de todos os esforços, não foi possível motivá-lo a reassumir o trabalho.

A fase queixosa durou mais ou menos o mesmo tempo que o período de trabalho no escritório (aproximadamente um ano e meio). Ambos ainda constituíam um indício de certo movimento ascensional; com o aumento da incapacidade para o trabalho, foi também diminuindo a irritabilidade, sem, contudo, desaparecer totalmente. O paciente não fazia mais quase nada. Suas “ocupações” se limitavam a passeios regulares, de vez em quando encadernava algum livro, jogava bilhar e, eventualmente, tocava piano. Da música, dizia que ela era a única coisa que ainda podia levá-lo a vibrar, mas que ele era incapaz de acompanhar as notas; só tocava ainda, portanto, aquilo que ele sabia de cor de antigamente. A expressão e a compreensão musical, mesmo nesse estágio, *não sofreram prejuízo*. Os convites para apresentar um concerto, ele declinava com a desculpa: “Isso tudo nada tem a ver comigo, não me interessa nenhum pouco”. Uma vez que o fazer nada do paciente aos poucos se tornou insuportável, tentou-se conseguir

uma “melhora de transferência”, através do remanejamento para uma outra clínica. O paciente, pouco a pouco, começa a aceitar o plano, com a condição de que o novo médico seja um “cidadão do mundo”. Depois de 4 semanas, ele retorna em um estado lamentável, tendo emagrecido 5½, ficando novamente abaixo de seu peso inicial; cai de cama e, ao longo de 2 semanas, fica muito difícil motivá-lo a levantar-se outra vez. Com o médico da outra clínica, Jürg Zünd se declara satisfeito, afirmando que ele o compreendera e lhe autorizara muito mais medicamentos do que recebia aqui, mas, sobre a clínica em si, seus comentários não deixam pedra sobre pedra. Explica meio sério meio brincando que foi uma baixeza do médico tê-lo enviado para lá. Lá ele tinha a freqüente sensação - como informa posteriormente - de que seria assassinado, dizendo que sobreviveu à própria morte, pois ele teria sido atirado do alto da instituição para o vale, e que os trens interestaduais e o lago *já não eram os mesmos*. O colega escreve-me, informando que não conseguiu diagnosticar no paciente *uma esquizofrenia ativa*, mas uma esquizoidia *máxima*. Ele era um paciente extremamente cansativo, para o médico, mas ‘acordava’ quando atacado. Era preciso carregá-lo o tempo todo, pois assim que era deixado solto, caía feito um saco vazio. Essa troca de instituição tinha acontecido depois de 1½ ano. Depois de mais um ano, foi feita uma segunda tentativa. Desta vez, durou 4 meses. *Diagnóstico*: “Esquizofrenia hipocondríaca, com fobias”. Embora naquele momento não houvesse nenhum sinal propriamente esquizofrênico, ele certamente poderia ser considerado esquizofrênico em função de seu jeito extravagante, fora-do-mundo, mimado e cheio de caprichos. De uma maneira geral, adaptou-se bem às regras da instituição, mas levou uma vida totalmente autista, sem alegria e sem quaisquer contatos. “Ele foi uma carga bastante grande, principalmente porque não conseguimos absolutamente nenhum progresso do ponto de vista terapêutico.” A pedido do próprio paciente, foram-lhe ministrados alguns eletrochoques abortivos. Ele

informou que, após o choque, sentia-se transportado de volta à infância. Acerca desse tratamento, ele sempre se queixava do quanto os eletrochoques o haviam prejudicado, mas sem conseguir explicar detalhes. De resto, Jürg Zünd foi bem disciplinado naquela instituição, de dia não recebia mais medicamentos, mas à noite, ao contrário do que vinha acontecendo anteriormente, prescreveram-lhe soníferos - o que mostrou bons resultados. Faltando de forma crassa com a verdade, ele informara que na instituição anterior recebia diariamente 10 Optalidon + 3 Phanodorm + Coffeminal. Também nessa segunda transferência foi impossível motivá-lo para qualquer tipo de trabalho, caminhava muito e ficava sentado pelos cantos. Por duas vezes, excursões para uma cidade maior para um encontro erótico não trouxeram resultado algum. Dessa vez, nada tinha a reclamar dos médicos ou da instituição, mas sempre voltava a manifestar que ele era “de melhor constituição racial e que, por isso, essa vida primitiva do campo lhe era insuportável.” Certa ocasião, afirmou que *não poderia mover-se* porque acreditava, dessa forma, poder *parar o tempo*.

Também desta instituição Jürg Zünd voltou à primeira clínica por sua própria vontade. Permaneceu nela por mais 6½ anos (até os seus 41 anos), deixando-a, depois, por outras razões. Desde então ele esteve temporariamente em tratamento particular, em seguida novamente em tratamento institucional. O último relatório dizia o seguinte: “O paciente, de um modo geral, apresenta um interesse um pouco maior pelo mundo do que apresentava de início, mas está muito longe de uma retomada da atividade profissional. A falta de esperança em relação a sua condição levou-me a fazer uma terapia com eletrochoque, com a qual o próprio paciente concordou. Depois do segundo ou terceiro tratamento, ele declarou, espontaneamente, que o mundo lhe parecia ser mais colorido outra vez e que a distância entre o mundo e ele havia encurtado, descrevendo tudo isso de uma forma que permitia descartar influências puramente sugestivas. Esse efeito, no

entanto, não foi duradouro e não foi possível alcançá-lo novamente, nem com os tratamentos realizados posteriormente.”

c) Relatos pessoais

Voltar-nos-emos, agora, aos relatos pessoais da forma como ocorreram, em parte *espontaneamente*, em parte durante a *exploração sistemática*.

No início, a *esfera sexual* estava em primeiro plano. Pouco a pouco, ela foi ficando para trás em relação às demais queixas e medos, sem, contudo, desaparecer totalmente dos bastidores. No que diz respeito ao “*medo de ter uma ereção*”, já externado na primeira consulta, manifestado pela primeira vez em Z., o mesmo surge principalmente dentro do trem, quando o paciente não consegue mudar sua postura. Ao passar por um túnel ou quando ele está vestindo um casaco de inverno, o medo desaparece. Assim que ele se sente “*exposto*” (a expressão predileta do paciente), i.e., quando fica à mercê da atenção de outras pessoas, manifesta-se da idéia de que uma determinada dama possa perceber que ele está tendo uma ereção. Nessa ocasião, ele não tem nenhuma certeza de que, realmente, esteja tendo uma ereção. Este temor, ele não costuma ter diante de toda mulher, ao contrário, a maneira de uma dama falar, a voz dela ou o seu perfume pode ter “algo de sedutor” que, então, provoca o temor. Não é preciso que a mulher seja linda, mas apenas importa como ele a “avalia socialmente”. Mesmo que ele lhe tirasse a roupa, ele seria o último a ter uma ereção. Não depende do visual, da idade ou do sex-appeal de uma dama, mas “o determinante é o social”. Em Z., por exemplo, ele manifestou o medo diante de uma senhora de 70 anos, porém muito distinta, uma verdadeira personalidade. O medo da ereção, na verdade, é apenas uma determinada forma de seu *temor social em ser ridículo*, pois se ele observasse uma ereção em outro homem, ele

pensaria que este é um proletário. Ele faz uma distinção entre os “tipos” que perceberiam uma coisa destas nele e aqueles que não prestam atenção nisso, que são inofensivos e que não percebem que ele é acanhado. Isto ele percebe “instintivamente”. Por essa razão, ele precisa evitar encontros com gente do primeiro tipo, sente-se acuado por isto, não vislumbra “nenhuma possibilidade de existência” e, por sinal, “do modo mais perverso possível”. Só a presença de senhoras normalmente lhe provoca o medo, mas um homem ou uma criança podem *observá-lo*. Ele não sabe citar modelos infantis para as senhoras em questão (também nada sabe a respeito de tendências exibicionistas ou de travestismo). No mais, o temor de acordo com sua raiz *social* não está atrelado apenas ao sexo feminino. Ele pode surgir também diante de um velho camarada dos tempos de colégio “de boa estirpe”, mas nunca diante de parentes ou professores. O medo de ereção é pior no verão do que no inverno – e não só por estar ou não usando um casaco. Na instituição, ele se sente mais protegido do que fora dela, porque lá se sabe que ele é paciente e que, portanto, ele não “está exposto ao escárnio” (de estar tendo uma ereção). Jürg Zünd sempre enfatiza, ele mesmo, a “forte *conexão existente entre o social e o sexual*”. Da mesma forma ele se torna cada vez mais consciente, no decorrer do tratamento, de que essa associação remonta a sua “colossal ligação com a mãe”. A ambição social da mãe não foi satisfeita, e, por essa razão, o (por longo tempo único) filho teve que compensá-la. Por essa razão o restante da família sempre afirmou que ela confundia a criança. Mas ele não cumpriu aquilo que prometera na infância. Daí provinha “a consciência pesada obrigatória”, quando pensava na mãe dele. A mãe dele tinha, em sua apresentação pessoal, uma segurança totalmente diferente da do pai (muito tímido). As enormes exigências sociais da mãe o atrapalhavam em seu relacionamento sexual. “Eu não conseguiria satisfazer-me sexualmente com uma mulher

que não agradasse à minha exigente mãe!”. “É a mesma coisa, só que iluminada por um ângulo diferente”. Ele afirmava também sonhar “social e sexualmente”.

Antes de examinar o medo do ridículo *social* em Jürg Zünd, precisamos mencionar os seus outros temores na esfera sexual. O paciente sempre usa um *suspensório* (* N.T. Espécie de “funda”, utilizada em casos de hérnia e de escroto rendido), em parte por não suportar “sentir o escroto pendurado tão frouxo”, em parte por temer que alguém possa notar que o escroto dele era pendurado muito baixo. Ele acredita que “o não-uso do órgão” contribua para essa frouxidão. Por outro lado, ele também teme que “se” possa perceber que o suspensório não esteja corretamente colocado, pois, nesse caso, passa-se a caminhar feito um velho decrépito. Quando ele usa um casaco, as coisas ficam melhores, quando não usa, fica muito “inibido ao caminhar”. No tempo em que ele tomava *Optalidon*, todos estes medos eram como que “varridos”; seus movimentos, então, tinham “o ritmo correto”. Certa vez, estando semi-acordado, viu-se com muita nitidez num campo de batalha na Rússia, convicto de que o seu suspensório “não agüentaria a longa campanha; então estarei perdido, porque não conseguirei mais me movimentar, porque então o suspensório escorregará ou levará um tiro, aí eu me tornarei alvo de troça por parte de todos”.

O paciente se pergunta se não haveria um tratamento especial indicado para o “tecido esgarçado (de seu escroto)”, eventualmente uma operação, já que uma vez um médico descobriu varizes em seu escroto. Ele também sofre muito pelo fato de um lado do escroto estar pendurado mais baixo que o outro. Ele acredita que sentiria um enorme alívio se as varizes forem operadas, pois “tudo se tornasse mais simétrico”. No verão o tecido do escroto fica mais mole do que no inverno, no vale mais mole do que nas montanhas. Quando ele coloca muito açúcar no chá, às vezes sente “dores terríveis” no escroto e na região inguinal - tão fortes que ele inclusive pensa estar com apendicite.

Depois de um mês de internação na clínica e de haver aumentado 3 kg no peso, o paciente teve uma poluição (a última havia ocorrido 6 meses antes); sentiu-se muito cansado, mas também muito feliz, porque via nisso um “despertar de suas forças”, principalmente de seu sistema nervoso. Depois disso, sempre que tinha uma poluição, ficava de 2 a 3 dias muito “esgotado”, irritado, depressivo e ávido por medicamentos.

Relações sexuais, ele havia tido várias, mas nunca um relacionamento mais longo. Depois de uma ou duas relações, ele enjoava da moça. Desde adolescente, conforme já mencionamos, ele tinha sentimentos sensuais em relação às meninas, quando rapaz ele se excitava rapidamente e gostava de namorar; no início, timidamente, mas quando chegava ao ponto, era muito decidido. As moças com quadril estreito faziam o seu tipo; o tipo de mulher do sul, com ancas largas, o repugnava.

No que diz respeito ao *medo* generalizado *do ridículo*, o mesmo representa um agravamento circunstancial de seu *sentimento de inferioridade social*. Jürg Züing é dominado pela questão da impressão que possa causar “como pessoa” em seu entorno, e atravessado pela convicção de que essa impressão seja de antipatia, que se pense que ele não vale nada e que, aos outros, “tudo ficava evidente”. “A gente sempre se sente como sendo o contrário do outro, essa pode ser a sensação mais terrível que existe, porque a gente constata que não existe mais lugar nesse planeta para a gente, a gente é uma ovelha sarnenta”. Essa sensação pode se intensificar até o “medo do ridículo em seu grau mais elevado”, suscitando, inclusive, pensamentos de suicídio. Se ele pensa ter feito um papel ridículo diante de determinada pessoa, ele espera, em seu íntimo, nunca mais encontrá-la. Na rua, ele afirma sentir-se “constantemente observado”, assusta-se quando observa duas pessoas conversando, acreditando que elas estejam falando dele. Por outro lado, é ajuizado o suficiente para saber que se trata apenas de uma *suposição*, para ele muito natural. Do ponto de vista objetivo, não é de todo descabida – por causa

de sua maneira chamativa de andar e de se comportar. Ele sabe muito bem que “na rua ele não anda com a mesma naturalidade das outras pessoas”. Ele tem “*um grande interesse pelas outras pessoas, mas envergonha-se por causa desse interesse*”. A consequência disso é uma postura estereotipada, contida, o contrário da despreocupação, pois ele precisava “corrigir” de antemão toda impressão desfavorável causada nos outros. Ele automaticamente referia as risadas dos outros a sua pessoa, mesmo que a razão lhe dissesse que *não* era o caso! “Envergonho-me da minha falta de masculinidade, dessa falta de indiferença, eu tenho a sensação de que não tenho raça, de que a perdi. Isso é algo repugnante.” A consciência de ser *muito pouco indiferente*, de ser *interessado demais*, ele interpreta como algo degradante, como “o instinto de um bisbilhoteiro” - o que, na verdade, ele não é, pois *no fundo as pessoas nem mesmo o interessam*. “*Nem A, B,C, me interessam, mas interessa-me o que dizem as pessoas.*” Ele tem medo de que os outros percebam que é envergonhado, que isso possa ficar muito evidente e, de tanto medo, acaba por se tornar evidente, chama atenção como um comportamento desviante, esquivo, de modo que a gente se sente muito antipático e, “*de preferência, gostaria de desaparecer em um buraco na terra*”. “Eu procuro *disfarçar esse medo através de reações bruscas, para dissimular essa incômoda fraqueza psíquica* - o que só me joga cada vez mais para trás e me coloca em contradição com o mundo que me cerca. E, relacionado a isso está o medo de ser ridículo.”

Esse medo de ser ridículo se manifesta como um medo de determinadas *situações*, antecipadas pela fantasia. Jürg Zünd, por exemplo, imagina que poderia acontecer um acidente, “no trem, em uma curva, poderia pisar nos pés de alguém ou entrar em conflito com alguém por causa de uma outra questão qualquer ou, em uma loja, tornar-se suspeito de haver roubado alguma coisa. Todas essas são situações de uma possível

“*desclassificação iminente*”, de uma possível *catástrofe irreparável*”. Ele teme que o outro, em uma situação dessas, “*perderia as estribeiras em relação a ele!*” Na verdade, ele sempre tem as extremidades geladas e uma pulsação de 200 e sente-se bem por não carregar consigo uma arma; pois ele tem vontade, ainda antes de conseguir pensar, de *destruir* o outro, física e moralmente, atacá-lo com um objeto qualquer, enfiando-o na costela do outro; pois ele sentia que aí se passava *algo* que ele não suportava, que tinha que *sumir* o mais rápido possível. Essa sensação ele não suportava. Por isso poderia acontecer, no encontro com um outro qualquer, dele vivenciar um *medo mortal*. Por isso ele estava *em constante estado de alerta*. “Eu tenho a sensação de que a catástrofe ocorrerá a qualquer momento.” Para ele ficava muito difícil passar para um outro uma descrição do *que seria a catástrofe*, mas, para ele, ela era uma das coisas mais certas. “Eu sobrevivi ao meu próprio declínio, sinto-me supérfluo e desmesuradamente fraco; toda a minha existência tem algo de inútil, de inosso e de imensamente doloroso.” Mas Jürg Zünd tem esse medo não só quando está na rua, mas também quando está no quarto, “de qualquer um que se aproxima de minha porta”. Ele não tem nenhum momento de paz, sente-se constantemente “*pressionado*” e “*solapado*”. A essas “situações catastróficas” pertence, entre outras, mesmo que inicialmente a mais temida, a situação de uma possível ereção e suas conseqüências na sociedade. Ele próprio admite que esse medo da catástrofe iminente está relacionado à “carreira frustrada” dele e, com isso, admite que “aparentemente, ele é muito ambicioso”.

A sensação de *ser sempre o contrário do outro* se condensa não só com a sensação “de *que os outros vivem em um mundo diferente do dele*”, mas também com a sensação “de *que os outros formaram uma conspiração contra mim, porque eles não me revelam o segredo de como eles fazem, para serem saudáveis*”. Nisso ele tem o desejo de que o médico saiba de tudo isso, para poder ajudá-lo. O médico, por exemplo, deveria estar

presente quando uma dessas situações temidas ocorre, para entender que ele tem um “calcanhar de Aquiles”. Se ele entendesse isso, ele veria o calcanhar de Aquiles, aí ele se conscientizaria de “seu diagnóstico errado” (?) e poderia “livrá-lo dele em um passe de mágica”. Jürg Zünd sempre enfatiza novamente “o abismo *intransponível*” que existe entre ele e as outras pessoas. Aqueles que têm saúde, não só lhe são antipáticos, mas ele os detesta, ele fica feliz quando “os vê longe outra vez” (aqueles que entram em seu quarto). Assim, ele cada vez mais é “empurrado para fora do trampolim da vida *normal*”. Quando ele vê conhecidos na rua, ele faz de conta que não os viu ou cerra os seus olhos.

Jürg Zünd constantemente se compara com aqueles que têm saúde, com o resultado de que, ao fazê-lo, percebe “a mácula de sua vida” e, por meio de seu ódio, declara-os culpados por “não revelarem o seu segredo e esconderem algo dele”. Só um narcótico ou uma satisfação sexual dariam a ele a sensação de força para “transportar” o abismo entre ele e os outros e o “levariam a uma indiferença”. “Assim como sou agora, não sou indiferente, porque eu sempre sinto que alguma coisa na vida me está sendo negada.”

Quanto à sensação de que os saudáveis não só tinham uma vida melhor que a dele e “se uniam” contra ele, freqüentemente soma-se a ela uma sensação de animosidade por parte deles em relação a ele: “Quando eu me sento à mesa, tenho a sensação de que todas as pessoas me atacam.” Ele não acusa o médico de não lhe revelar “a fonte de sua alegria de vida”, mas, como já mencionado, acusa-o de cometer erros em seu tratamento, de não vê-lo freqüentemente nem por tempo suficientemente longo. Essa acusação, por vezes, assume formas grotescas, como, por exemplo, a de afirmar que o médico seja dependente de morfina e de que só faça suas visitas médicas alcoolizado; e a de afirmar que ele tenha tido o azar de “ter se tornado a vítima de um dependente de morfina” que *acabara com ele*. Quando Jürg Zünd vem com estas coisas, ele tem um

olhar francamente paranóide, que, no entanto, imediatamente desaparece se a gente lhe explica, rindo, que nem ele mesmo acredita em uma bobagem destas. Ele, então, imediatamente admite que suas idéias não correspondam à realidade, mas acrescenta, sempre, que essa *forma de compreensão somente piora* a coisa, i.e., o seu estado calamitoso.

O torturante, justamente na *compreensão* dos aspectos doentios de suas “idéias”, fica visível no seguinte exemplo: “Eu tenho a sensação de que Franz (o porteiro) não me revela o segredo que lhe permite suportar o cargo monótono dele com tanta tranqüilidade. Isso está ligado a fortes sensações de medo. Tenho a impressão de que ele me esconde uma sabedoria de vida bastante essencial, nisso ele é um patife exatamente igual aos demais. Esse é um tipo de *assassinato* que não é punido, mas que, por isso mesmo, é muito mais cruel. Eu tenho plena certeza de que isto tem a ver com a minha postura doentia. Se eu não estivesse mais doente, meteria a mão na cara dele, da mesma forma como eu faria se ele se mostrasse brusco em alguma ocasião. Eu tenho a sensação de que eu me sentiria muito melhor se eu fosse realmente louco. Quando alguém se entrega ao bem-estar de seu ódio, ele não sente mais medo. O ponto alto do medo encontra-se na discrepância entre a compreensão de que *não é assim* e a força do medo em si. O pensamento de que Franz, em seu posto, é igual aos outros, não me tranqüiliza, mas ainda aumenta o medo.” Depois de afirmações como essa, não nos admira mais quando Jürg Zünd, de certa feita, afirma: “*Eu tomei para mim todo o medo do mundo*”. Certa vez, ao ouvir tocar a campainha durante a noite, ele entra em estado de pânico, esperando que alguém lhe anunciasse a morte de algum parente próximo.

A esse medo alopsíquico ou dirigido ao mundo circundante soma-se o sofrimento na esfera somatopsíquica ou *do mundo-corporal-próprio*, a síndrome hipocondríaca. No que isso diz respeito à esfera sexual, já foi descrito. Mas isso diz respeito também à

cabeça, aos órgãos sensoriais isoladamente e, principalmente, ao *cérebro*. “Eu tenho a impressão de que meu centro de gravidade está na cabeça, puramente do ponto de vista físico, tudo está ferido na cabeça”. “Quando eu tenho dores de cabeça fortes (sobre as quais se queixa quase que diariamente), em enxergo cor-de-rosa; isso me lembra de sangue, de pequenas artérias que deveriam saltar. Eu tenho a sensação de que a dor (na cabeça) se situa mais profunda do que pode estar, isto é, dentro do cérebro, mas o cérebro não pode doer.” As dores de cabeça às vezes são, “como se cobras estivessem mordendo o cérebro por trás”. Ele tem a sensação de que, se ele pudesse alcançar dentro do cérebro através da “ponte cerebral” (ele se refere ao cruzamento dos nervos óticos), as dores melhorariam, ele teria mais controle sobre si, teria mais energia e esperança. Ao sentir as dores de cabeça, ele sempre tinha a sensação como se o cérebro estivesse podre (= preguiçoso). Ao mesmo tempo ele tinha um gosto tão ruim na boca, que ele associava as palavras dor de cabeça e “mau hálito”! “Ambas fazem parte de meu estado tanto quanto o sabre faz parte do oficial.” Quando isso ocorre, ele “*enxerga*” diante de si s “ponte cerebral”.

Junto com as sensações gustativas anormais, as *sensações olfativas* torturantes têm um papel especial, que ele, no entanto, não consegue descrever melhor ou comparar com qualquer outra coisa. Ao mesmo tempo, ele tem sensações fantasiadas de “figuras tão insossas”. Nesses momentos, ele “realmente é doente mental”, ele então não se reconhece mais no espelho, ele se sente totalmente transformado. Aí ele é sempre acometido de idéias suicidas. Certa vez surgiu uma dessas “neuroses olfativas” (expressão dele) durante um *sonho*, e, como na primeira infância (p. 195), depois de um *sonho com decapitação*. Desta vez, no entanto, ele mesmo estava sendo decapitado e, por sinal, duas vezes. “Uma coisa totalmente insossa, apavorante, esse sonho”. Ele o sonhou em um estado de “sensação de desclassificação social”. Ele não tinha a mínima

idéia do por que estava sendo decapitado no sonho. Esse sonho contribuiu muito para trazer à consciência a sua solidão, tanto durante o próprio sonho, como depois do despertar.

O paciente queixa-se ainda de não ter mais reservas psíquicas de qualquer espécie, de estar totalmente esgotado. A um acompanhante, ele afirmou que só é ainda um morto vivo: “Vous vous promenez avec un cadavre” (* N.T. Você está passeando com um cadáver). Ele continuava a falar e a responder só por hábito: “*As coisas, comigo, não se encadeiam mais*”. Com isso, ele se refere tanto à tarefa de pensar como um todo, como também aos passos isolados do exercício de pensar que devem conduzir a uma solução. Na verdade, não existia mais nada nele além de um “fio vermelho”, do qual ele conseguia segurar somente uma ponta muito pequena que, além disso, ele sempre temia perder. (Esse fio se refere não só ao pensar, mas a sua existência toda.) No *abstrato* ele ainda conseguia pensar um pouco, mas na vida *prática* ele se sentia diante de uma *catástrofe* iminente, ou seja: ele não estava mais dando conta do recado. “*Eu então não acredito mais que eu seja eu!*” Nessas situações de fracasso total diante de uma tarefa de pensamento ou de uma resolução, ele freqüentemente tinha o desejo *de poder recomeçar como criança outra vez*; ele, então, não se perderia mais tanto, trabalharia mais e seria mais ajuizado no que diz respeito ao sexual. Em outra ocasião, ele expressa este desejo dessa forma: “Eu gostaria de *aparafusar o tempo para trás*, de volta aos 15 ou pelo menos aos 18 anos, para na segunda vez passar por um desenvolvimento normal.” – O *tempo* como tal passa muito devagar para ele, só depois de um Optalidon (que contém cafeína!) passa mais depressa.

De resto, Jürg Zünd enfatiza, *até o fim*, que o que acontece é que ele “é consciente demais das partes sexuais”, “dos tecidos moles”, razão pela qual ele só gostaria ainda de *ficar parado*. Que a vida, para ele, era uma tortura insuportável. Que ele estava

perdendo o seu eu cada vez mais, principalmente quando não estava fazendo nada ou quando aquilo que estava fazendo era totalmente automático. Em casa, ele se sentia *perseguido pelo deboche, escárnio e mal-querer, como em terra inimiga*; e essa era uma sensação que não dava para descrever, uma sensação pérfida, um sentir-se “abandonado por todos os bons espíritos”. Jürg Zünd ainda hoje se pergunta que papel deveria desempenhar em um encontro normal. Ele não consegue nem imaginar que as pessoas não percebam que ele está condenado. Desde a leitura da brochura sobre a masturbação, instalara-se nele uma espécie de “*mania por um pouco de anonimato*”. Com o Optalidon, ele ainda podia *construir uma muralha em torno de si mesmo*, aparecer de cara dura. Ao mesmo tempo, ele *treinou colocar-se uma máscara*, para poder passar pelas pessoas “como um passante inofensivo”. A necessidade premente por anonimato em Jürg Zünd assume, portanto, formas diferentes que em Ellen West e, sobretudo, em Nadia de *Janet* (veja O Caso Ellen West). Jürg Zünd não deseja ser magro a ponto de não ser notado como Ellen West, nem mesmo não ter um corpo como Nadia, mas *dissolver-se nas massas sem ser notado*. Tudo, nele, está orientado para “*forçar de volta às suas próprias barreiras o seu extremamente atormentado eu*, conseguir colocá-lo dentro de determinados *limites* aceitáveis de modo que os outros não mais percebam que eu carrego a mácula daquele que é diferente”. No entanto, por outro lado Jürg Zünd sente a necessidade de “*romper com as barreiras individuais*”. Isso fica muito bem ilustrado com o seguinte exercício de pensamento: “Se em 1914, quando rompeu a guerra, eu estivesse em A. e tivesse me oferecido como voluntário, eu teria tido a sensação de que *fujo do meu próprio eu e me realizo na empolgação* generalizada. Isso teria sido (ao mesmo tempo) uma espécie de *saída honrosa*, porque aí ninguém mais poderia *apontar o dedo para mim*, pois eu *não estaria mais lá*. Ninguém mais imporia

em mim *um valor oficial de mercado*, ninguém mais *me cotaria*. Eu estaria enquadrado e minha virilidade estaria fora de qualquer questionamento”.

Já neste ponto chamamos a atenção do leitor para a comparação extremamente despersonalizante de sua individualidade com um papel bancário ou de troca lançado no mercado, dependente do *mercado financeiro* e que representa um *valor monetário* e, por outro lado, com a comparação a um entusiasmado voluntário de guerra. Que as expressões ‘mercado financeiro’ e ‘entusiasmo pela guerra’ sejam mencionados lado a lado em uma única frase e, da mesma forma, ‘cotação bancária’ e ‘ser consumido no entusiasmo de guerra pela pátria’ sejam apresentados como *tertium comparationis* (*comparação de terceiros*), é um marco bastante característico da extensão “abstrata” do “pensar” de nosso doente. Apontamos ao mesmo tempo para o fato de que o anonimato e o desejo de não chamar atenção lhe pareçam possíveis de duas diferentes maneiras, na forma do inofensivo passante e na forma do sujeito arrastado pelo entusiasmo dos demais. Mas, *nenhuma das duas* formas leva à *suspensão* de seu eu no sentido da doação de si mesmo, ao realizar-se, portanto, através da *verdadeira* comunicação, e muito menos através da comunhão (amor), mas apenas para o *represamento* do *torturante* Eu em suas barreiras ou limites, no primeiro caso com a finalidade de não chamar atenção e, no segundo, com a finalidade de atestar a própria virilidade. É um *utilitarismo* generalizado, o que domina esse Eu.

d) Os exames experimentais

1. O Teste de Rorschach

Encontram-se à disposição dois Protocolos de Rorschach, o primeiro do primeiro ano e o segundo, do terceiro ano de sua primeira internação²:

Primeiro Teste

- | | | | | |
|------|----|----|--|-----------------------------------|
| I. | a) | 1. | Raio-X | G Hd F Anat. |
| | | 2. | Além disso, lembra um besouro ou um morcego (ri). A linha central lembra a medula espinhal, o osso esterno; eu nunca permitiria que me fizessem uma punção lombar, o pior de todos os horrores! Não é como nas extremidades. | G F+ T V |
| | | 3. | As manchas brancas (formas intermediárias) lembram de um desenho topográfico do Mar Mediterrâneo. Os pontos pretos são como balas no tecido em um Raio-X, talvez um tumor – ou um nariz de bêbado com uns pontos em cima. Lembra uma aula de desenho, quando se espalhou tintas na paleta. | D Formas intermed.
Geométricas |
| | c) | 4. | Móveis; nos quais se pode bater com a tibia (nas raízes); passa por eles (nas asas) e arranca algum pedaço deles. | Dd F-Obj. |
| | | 5. | Vagina (G), não sei por que, não é simpática, não que fosse de apelo erótico. Clitóris (acima, no meio). Posição típica durante o exame ginecológico (estica os braços, ao mesmo tempo, de forma desordenada).

No final do experimento: causa desilusão – afrouxamento. | Dd G F-Sexo. |
| II. | c) | | Borrões – não limpo, nem caprichado. | Fracassado |
| III. | a) | 1. | (Demora muito). Esse está difícil, aqui em baixo quase como uma chave. | D F-Obj. |
| | | 2. | Do lado, macacos – não é uma impressão muito clara. | D F+ T |

3. (Vermelho, acima, ambos). Pavões do tipo chinês, como no biombo. D FbF T
- (Vermelho, meio). Tambor com tripé (para o tambor não bater no pé e ficar com a postura correta; tripé no pé direito, esq. Tambor), turbilhão. D F-Obj.
- c) 5. Sangue, mas que está correndo, à esquerda e à direita, abaixo. D Fb Sangue
6. Uma pessoa com olhos de gato (o branco dentro lateral; as partes que saltam cinzas pertencem ao contorno do olho), e um gorro de pele preto, maçãs do rosto saltadas (tudo acima no meio) Md+Obj.
- IV. a) 1. Pele, quando exposta sobre a mesa de um comerciante de peles, passa-se por cima com a mão e ele diz raposa ... Mais nada. G F+ T V
- c) 2. Morcego. G F+ T
- V. a) 1. Borboleta, não resta dúvida. G F+ T V
- c) Borboleta também.
- b) Nada de especial.
- VI. a) 1. Nada definido – no máximo lembra o bigode de um gato (acima, lateral) Dd F+ Td
- c) 2. (Centro) Calha, como uma pequena calha cortada em um toco de madeira. Dd F-P fl d
- VII. a) 1. Um pouco como nuvens (prolong. acima centro). Do-DdHdF Nuvens
2. Prolongamentos de caramujo, ligado à fantasia de ser recolhido. Dd F-Td Impr.
3. Rabo de raposa, muito peludo. – Em tudo me chama atenção a simetria. – Os prolongamentos dos caramujos são vagos. – Também algo em que a gente se arranha. Dd F+ Td
4. (O todo) arco = *clef de voûte* (chave curva) – como nun viaduto. G F-Arquitetura
- VIII. a) 1. (Cinza azulado, centro). Tórax, osso esterno com costelas (não o cinza claro acima). D Zw F-Anat.

- | | | | | |
|-----|----|----|---|---------------------|
| | c) | 2. | Ovelha (ou urso) ou melhor, um carneiro, | D F+ T V |
| | a) | 3. | ou um tamanduá (as duas cabeças de porco). | D F+/- Td |
| | | 4. | Os ossos da bacia, os discos, osso ílaco, mas muito vago. | D D-Anat. |
| IX. | a) | 1. | (Marrom averm.). Manchas de creme de chocolate sobre uma toalha de mesa, ou num livro amarelado; o outro não me diz nada; lembra uma paleta – tudo me lembrou paleta. | D Fb F Manchas |
| | | 2. | Quadros de anatomia. – Simetria. | D FbF Anat. Simetr. |
| | c) | 3. | (Ri). Acima vermelho: como uma coroa – o todo dá a impressão de um brasão. | D G F – Brasão |
| X. | a) | 1. | Simpático! Lembra muito as figuras tecidas sobre tapetes – exótico – pode ser usado como motivo em um biombo, fantástico; pássaros, besouros, cores tropicais. | G FbF Ornamento |
| | | 2. | Pássaros verdes, pássaros amarelos (amarelo, centro) – (canários?). Não, não posso dizer pássaros verdes. | D FbF T |
| | | 3. | Olhos de pavão (verde, abaixo). | D FbF Td |
| | | 4. | (Bem acima, no meio) insetos cinza, aqui como se fossem moscas (os cabelos, em cima, nos besouros cinza). | Dd F-T |
| | | 5. | Cabelos de batatas que ficaram muito tempo no porão, aí elas ganham esses brotos.
No todo, um motivo totalmente louco para um biombo, de estilo francamente exótico, elegante e com certo charme. Muito sol e muita luz combinam aí. | D F+ Plantas |

Durante o experimento, sob a impressão da música “pensativa, íntima e calmante de Reger” (que realmente passava do quarto ao lado para a sala de exame) e ela (a música) é também um tanto cheia de si. E depois Brahms – enquanto o ouvimos, muitas vezes podemos captar no ar o aroma de um fino charuto de Havana – o que jamais acontece

com Schubert, cuja música lembra bairros com casas elegantes, modernas, não do período do barroco, como Salzburg e Mozart. – Com Chopin, eu vejo uma triste e ampla planície, que eu, no entanto, consigo vencer – ou, então, eu ouço um francês requintado.

G +	4	F +	9	Md	1	V	4
G +/-	1	F +/-	1	Anat.	4	Fracassado	1
G_	2	F -	13	Sangue	1	Obj.	1
D G	1	F	6	T	9	Impr.	2
Dd G	1	Fb	1	Td	5	Do_	1
D	13	Hd F	2	Geometria	1	Simetria	2
Dd	7			Obj.	3		
D Zw.	3			Sexo	1		
				Pfld. (?)	1		
				Nuvens	1		
				Arquitetura	1		
				Manchas	1		
				Brasão	1		
				Ornamento	1		
				Plantas	1		
32		32		32			

Quantidade de respostas:	32 (12)	Fracassado	1
Tipo compreensivo:	G +/- D G D Dd DZw	Choque de cores	-
Sucessão:	Distraído	Choque escuro	-
Tipo vivencial:	O B: 7½ Fb		
Respostas vulgares:	4		
Respostas originais:	0		
Porcentagem de forma:	41 %		
Porcentagem de animais:	44 %		

Fator de orientação: 0,6

Discussão de Rorschach I (*Roland Kuhn*)

A. Os fatores de teste “puramente formais” segundo Rorschach:

O resultado, com certeza, – como já revela um primeiro olhar – não é normal. Antes de tudo, o percentual de formas é muito baixo (normal não menor que 60 e aqui, apenas 41). Em seguida, chama atenção a sucessão distraída da forma de compreensão: em algumas das pranchas (até a 6) muitas respostas, em seguida apenas uma ou nenhuma para a prancha (IV) Tipo-G, para outra (III) Tipo D, e para outra (VI) Tipo Dd, em seguida tudo misturado novamente (I e VII), ou uma sucessão quase ordenada na prancha X. – Na seqüência, sem dúvida aparecem consideráveis anomalias na receptividade afetiva, traduzidas pela falta de interpretação de movimentos e do surgimento de respostas com cores, que revelam uma afetividade não-adaptada, egocêntrica e frágil quanto ao humor. – É significativo, ainda, que as tendências à perseverança não são anormalmente fortes, e isso se constata a partir do percentual animal normal. Nesse contexto também vale notar as tendências à confabulação. Estas estão contidas em D G, nas impressões e, principalmente, no baixo percentual de formas. Finalizando, ressaltaríamos ainda a falta de interpretações de figuras humanas, que praticamente só aparecem na forma de anatomia e sangue. Isso naturalmente está correlacionado à falta de interpretação de movimentos e também aponta para relações perturbadas com as pessoas imediatamente próximas.

A partir desses resultados “formais” de teste, pode-se dizer em termos diagnósticos que apenas entrariam em questão um grau mais acentuado de imbecilidade ou uma psicose.

Para uma psicopatia, os achados são muito fora da norma, para a suposição de uma neurose, não existem quaisquer elementos de apoio (falta de B, falta de choque de cores). Decididamente, contra a imbecilidade fala a sucessão e a multiplicidade dos conteúdos interpretativos, de modo que resta apenas a possibilidade de uma psicose. Dentre todas as psicoses, pensaríamos em primeiro lugar em uma esquizofrenia, principalmente por causa da sucessão com o ‘fracassado’; também combinam com isso o modo de compreensão, o tipo de vivência e a porcentagem de forma. Uma psicose orgânica em si não faz uma sucessão distraída; poderia, portanto, estar presente no máximo como complicação e uma epilepsia não apresenta uma variedade de resultados como essa, quando os demais fatores de teste estão constelados desta forma.

Rorschach diversas vezes apontou para o fato de que, na avaliação dos protocolos dos esquizofrênicos, o conteúdo da interpretação como tal deve ser considerado. (Veja entre outros “Psychodiagnostik”, 3ª ed., Berna, 1937, p. 27, 35, 45). *A. Tschudin* e *W. Binswanger* o descreveram pormenorizadamente em pesquisas especiais (veja Suíça, *Archiv für Neur. Und Psych.*, vol. LIII, 1944).

As interpretações I. 4. “móveis, nos quais se pode bater com a tibia”, III. 4. tripé, para o tambor não bater no pé, VII, 2. prolongamentos de caramujos, “também algo em que a gente se arranha” são bastante inusitados e, em um indivíduo adulto, devem ser tratadas como “interpretações esquizofrênicas absurdas” no sentido de *Rorschach*, isto principalmente porque o protocolo inteiro não apresenta um Tipo Dd totalmente definido. Elas pertencem à categoria das “interpretações auto-referidas” - sempre muito suspeita, para a esquizofrenia, - e representam um subtipo desse grande grupo até hoje não examinado em maior profundidade. - Algo semelhante ocorre na tendência às impressões e nas associações secundárias ao teste, todas elas bastante auto-referidas, abstratas ou vazias. Elas não revelam uma riqueza de idéias e não representam uma

transformação de vivências cheias de afeto em objetos, como ocorre, por exemplo, com o artista.

Marcante é a tendência à divisão em partes de figuras mais nobres (I. 5.: Órgãos sexuais, III.5.: Sangue, III. 6.: Olho, VI. 1.: Bigode de gato, VII.2. Prolongamentos de caramujos etc.). Em relação ao protocolo total, estas interpretações no final destrutivas devem ser entendidas como uma confirmação do diagnóstico de esquizofrenia, principalmente porque, entre outros, faltam produções compensatórias como, por exemplo, a animação das manchas.

A seguir, chama atenção que, dentro de pouquíssimo tempo, o mesmo pequeno detalhe de uma mancha pode representar coisas totalmente diferentes, enquanto o restante da mancha fica totalmente esquecido; de tudo pode surgir tudo, o que faz com que certo traço mágico seja introduzido no protocolo; este traço, no entanto, não é preenchido com cenas míticas vivas, mas esvaziadas de sentido: o “vago”, nivelado, domina tudo, o detalhe sem nenhum significado, e onde a muito custo surge uma síntese (tapete exótico, X. 1.), trata-se de uma série de detalhes sem coerência interna. Tudo isso são confirmações adicionais para um diagnóstico de esquizofrenia.

Sobre os conteúdos de um protocolo destes naturalmente ainda haveria muito que dizer. Limitamo-nos a alguns indícios que acima de tudo contêm aquilo que é genuinamente “Rorschach-técnico”. Permitimo-nos fazer ainda uma última observação psicológica.

O fracassado na prancha II., e a forma idiossincrática de compreensão da prancha VII, assim como o tipo de compreensão da prancha VI. Apontam para complexos sexuais, pois justamente essas pranchas facilmente dão margem a interpretações de cunho sexual e à interpretação de símbolos sexuais. Seria incorreto, no entanto, concluir apenas por recalcamientos de ordem neurótica, a partir do comportamento da pessoa que está sendo testada. Uma interpretação de ordem sexual tão massiva como a que ocorre na prancha

I. 5., seria quase que impensável em uma neurose, e esta interpretação já comprova que os conteúdos correspondentes não estão simplesmente recalçados. Devem existir relações muito intrincadas, que não podem ser apreendidas totalmente apenas através do teste de interpretação de formas.

Segundo Teste

- | | | | | |
|------|----|----|--|---------------------------|
| I. | a) | 1. | Morcego (o todo), o vôo rasante de um morcego, algo pouco apetitoso, como é o caso nos morcegos. Que ele não invente de voar direto na nossa cara. | G F+ T V 0 |
| II. | c) | 1. | (Ri). Lembra uma vagina (vermelho, acima). Minha inquietação, vendo essas figuras, me vem à consciência com muita força; uma sensação de que não estou preparado para a vida, não estou dentro da vida. | D F_ Sexo _ |
| III. | a) | 1. | Esqueleto, a parte da bacia (abaixo, no centro). | D F_ Anat. _ |
| | | 2. | Garçons, que estão servindo alguma coisa, braços, pernas, cabeças, essas coisas estranhas sobre o peito, como se eles tivessem alguma afinidade com o Vermelho. | G B + M V 0 |
| | | 3. | Rosa-vermelho forte, daquelas que se coloca na lapela. A parte posterior da cabeça poderia receber um tapa, mereceriam um tapa, esses dois. As longas golas, como os maitres de antigamente. | D FbF Pfld._
Impressão |
| IV. | a) | 1. | Parece de novo uma pele, no comerciante de peles, que nos joga uma pele destas sobre a mesa; é de se perguntar, que cara tinha esse bicho, o que é frente e o que é trás. Estranho, a gente aí poderia ser enganada. (Lembra-se de um mercado de peles em Z., queria comprar uma pele para a irmã, sensação de | |

- insegurança). G F+ T V 0
- V. a) 1. Minha nossa! As orelhas lembram um canguru, algo grotesco. Eu não consigo entender o gênio do Disney: ao contrário de outros, sempre me exaspera um pouco; tenho vontade de viajar para a América; tudo isso me ocorreu bastante rápido; é aquilo de novo: eu sobrevivi a mim mesmo! (porque ele não entende Disney, enquanto o restante do público ri e aplaude). Do Dd F+/- Td_ (?)
Impressão grotesca
- VI. c) 1. Sulco (faz um movimento enérgico com a mão na direção da figura), como o Canal de Suez; não me diz muita coisa. Dd F_ Geogr._
2. Na frente está a cabeça, a parte de trás da cabeça. Dd F_ Td_ (?)
3. O ferrão de um inseto; os pelinhos também fazem parte. Dd F_ Td_ (?)
- VII. a) 1. Absolutamente nada! Aqui em baixo se junta, está lá embaixo... as 2 figuras simétricas são acopladas embaixo. D F+/- Md' (?)
2. Como a sínfise pubiana; lembra-me do meu infeliz estudo em Ciências Naturais, com as fobias. Dd F_ Anat._
- VIII. a) 1. Ovelhas (os ursos). D F+ T V'
2. Falta de gosto, nas cores; mulher que se veste mal. G Fb Vestido 0
- IX. a) 1. O vermelho, embaixo, parecem sacos com testículos que já estão quase caindo, algum tipo de coisa pendurada, seriam fáceis de castrar. Com parafusos a gente poderia - - eu me pergunto, por que isso vive? Porque é aparafusado e não colado (como ocorre na sínfise), só parece vento, mas está solidamente aparafusado. Economia esperta de material? Esta é a questão que eu coloquei a mim mesmo, a dúvida inquietante: levanta-se ou não se levanta, como na arruela ou em um lustre, no

qual a gente quer se enforçar. Eu viso sempre a ordem, solução definitiva através da apresentação de um último esforço em minha vida, de resto, então, o Nirwana, aquilo de que se trata em todas estas figuras: como se a gente devesse dobrá-las ao meio, ao longo de seu eixo, para depois guardá-las. Uma sensação de que aquilo não crescerá por cima de nossa cabeça. *Sempre o último esforço, que eu ainda quero fazer; o último, isso eu quero deixar claro.*

D F_ Sexo_
Impressão

- X. a) 1. Um jardim de rosas. Lembra aqueles pacotes de semente na drogaria. Mas não tenho jeito para isso, não consigo abrir a boca para perguntar (na loja). G Fb F Objeto 0
2. (Azul, acima). Aranhas, tipos de insetos. D F+ T'
3. Caranguejos, caranguejos (preto acinzentado, acima, meio), é preciso cuidar, para não ser picado; pois quando eu estou ferido, tenho dificuldade em pedir ajuda. Ou atropelado na rua por uma bicicleta ou com um rasgo nas calças, então pedir (ajuda) a alguém é pior do que as maiores dores; sensação de que eles se envergonham. Eu sobrevivi a mim mesmo, não pertenco mais à época. A postura dos outros em relação a mim - no que diz respeito ao meu desamparo, acanhamento, vergonha - é crua e ordinária: que eles possam se divertir às minhas custas. Difícil de suportar, o riso dos outros. D F+ T_
4. Amarelo, acima, meio: “Esferas centrífugas com rodas de impulsão se separam e voam na cara da gente, justamente na minha cara, mesmo que outros puderam olhar n-vezes para a máquina. Quando é a minha vez, acontece algo, embora já por muitas décadas isso tenha estado, dia após dia, na máquina”. Dd F+ Objeto_

5. Aquelas coisas que rastejam e voam - coisas
que não são nada agradáveis.

D F+/- T+

Tempo de teste: 32 minutos

G+	3	F+	6	M	1	V	4
G_	2	F+/-	3	Md	1	Impressãp	4
D	9	F_	7	Anatomia	2		
Dd	6	B	1	Sexo	2		
		FbF	2	T	6		
		Fb	1	Td	3		
				Plantas	1		
				Objeto	2		
				Geografia	1		
				Vestido	1		
		<hr/>					
	20		20		20		

Quantidade de respostas:	20 (8)	Fracassado	-
Tipo compreensivo:	G+/- D Dd	Choque de cores	-
Sucessão:	Distraído	Choque claro-escuro	-
Tipo vivencial:	1 B:3½ Fb		
Respostas vulgares:	4		
Porcentagem de forma:	46,8%		
Porcentagem de animais:	45,0%		
Fator de orientação:	0,36		

Discussão de Rorschach II (*Roland Kuhn*)

No que diz respeito aos fatores de teste “puramente formais” do segundo protocolo de Rorschach, podemos dizer o mesmo que foi dito em relação ao primeiro. Também aqui os percentuais de formas são muito baixos, a sucessão dos modos de compreensão é distraída e a receptividade afetiva é fortemente perturbada. As tendências à confabulação são menos explícitas que no primeiro achado, o que se revela através da falta das expressões DG genuínas, na tendência a um percentual de forma ligeiramente mais elevado e menos anatomia e cores. Também a diminuição das respostas, de 32 para 20, aponta na mesma direção.

O segundo achado caracteriza-se por um “ater-se a si mesmo” mais vigoroso da pessoa que está sendo testada: no sentido *rorschachiano*, ele está mais introvertido. Interpretações de confabulação e de movimento estão coerentes, sendo que em crianças, por exemplo, à medida que elas crescem, as DG se transformam em B genuínas. Portanto, corresponde integralmente à dinâmica interna do novo protocolo o fato de que, ao lado da perda das DG, surja uma B. Na interpretação, a diminuição adicional do fator de orientação mostra que as partes internas das manchas estão sendo consideradas com uma ênfase ainda maior do que foi o caso no primeiro teste. Isto também é um indício de um “ater-se a si mesmo” mais vigoroso.

Se tudo isso sugere que, em relação ao primeiro teste, a pessoa que está sendo testada estava em um estado de melhor equilíbrio psíquico por ocasião do segundo teste, de que essa pessoa estava mais no controle de si mesma, por outro lado os aspectos esquizofrênicos aparecem com uma clareza ainda maior nos comentários às interpretações e impressões. De frases como: V. “Eu sobrevivi a mim mesmo” ou da explicação sobre o castrar e o aparafusar na prancha IX, a conclusão pela esquizofrenia é imediata. Mas também a seqüência dos conteúdos interpretativos permite reconhecer a

mesma falta de planejamento, como foi o caso no primeiro teste (p. ex. prancha VI: o Canal de Suez transforma-se no ferrão de um inseto. No geral, pode-se dizer que o segundo teste é mais figurativo do que o primeiro. Com isso, as forças formativas esquizofrênicas também se manifestam com uma nitidez maior, a esquizofrenia se pronuncia mais claramente.

Discussão particular dos Testes de Rorschach³

Os resultados de avaliação destes testes nos interessarão somente na parte clínica. Aqui nos interessa apenas o “o que” das interpretações, seu conteúdo e forma mundanos e o que quer que signifique seu conteúdo existencial.

Já nas 41 respostas do primeiro teste e os comentários a eles pertinentes surge em primeiro lugar, assim como no segundo teste e no experimento das associações, a enorme *sensibilidade* e *vulnerabilidade* intelectual e corporal do doente: ele, por exemplo, não só enxerga na prancha IV. a *pele* exposta sobre a mesa de um comerciante de peles, mas, ao mesmo tempo, ele mentalmente afaga essa pele: “passa-se por cima com a mão e ele diz raposa”. Quando em I. a) ele enxerga a medula espinhal e o osso esterno, ele explica na mesma frase que ele nunca permitiria que lhe fizessem uma punção lombar, isto seria o pior de todos os horrores. Em I. c), ele enxerga um móvel, no qual se pode bater com a tíbia”, em III. a) em baixo, um tambor com “tripé” para que, ao andar, ele não bata no pé”, em VII. c) “também algo em que a gente se arranha” (continuação, abaixo). Junto com isso, vem aquilo que os franceses denominam *dévalorisation* - e que nós traduzimos apenas insuficientemente por “*tendência à desvalorização*” - e também inclui tumor e nariz de bêbado em I. a), impressão de “*désillusion*” ou “*afrouxamento*” em I. c), “*borrões*” (“*não limpo, nem caprichado*”) em

II. c), a interpretação de “manchas de creme de chocolate sobre uma mesa ou em um livro amarelado” em IX., (marrom-avermelhado), a interpretação “cabelos de batatas que ficaram muito tempo no porão” e, em X. a), (os “cabelos”, em cima, nos besouros cinza). À tendência à desvalorização, no sentido de deixar de ser vivo, pertencem ainda as interpretações como pele, raio-x e aquelas anatômicas, mas é preciso mencionar que o paciente, no passado, se ocupava do estudo da anatomia. Também as interpretações sexuais são “antipáticas”, “não ordenadas”. Seguidas vezes, trata-se da impressão da postura durante o exame ginecológico: “Pernas esticadas” (estica os braços para o alto, ao mesmo tempo, de forma desordenada). A elevada tendência à desvalorização do erotismo para a sexualidade pura também se revela no experimento apenas como um traço no contexto da desvalorização da existência. Apenas a *esfera estética* continua a valer, mas, também ela não é “de primeira mão”, mas se congela em *ornamentação* exótica e em *obra* de arte (faz parte disso também a menção repetida da aplicação de cores sobre a paleta). Assim, em III. a) (acima, vermelho, ambos) são interpretados “pavões no estilo chinês sobre biombos”, e da mesma forma X. lembra “fortemente as figuras tecidas sobre tapetes – exótico – pode ser usado como motivo em um biombo”. Essa atmosfera estética, de acordo com a explicação do paciente, foi corroborada pela sonoridade emanada concomitantemente (e de fato) da música pensativa, íntima e calmante de Reger, que de longe penetra na sala de exames. Ao ouvi-la, ele pensa também em Brahms, “enquanto o ouvimos, muitas vezes podemos *captar no ar* o aroma de um fino charuto de Havana – o que jamais acontece com Schubert, cuja música lembra bairros com casas elegantes, modernas, não do período do barroco, como Salzburg e Mozart”.

À ornamentação pertence também a interpretação de coroa ou brasão em IX. c). Jürg Zünd, entretanto, sempre volta a enfatizar a impressionante *simetria* das figuras de borrões, fato que examinaremos em maior profundidade mais adiante.

No segundo teste o número de respostas mostra um forte retrocesso, ou seja, em mais de um terço, de 32 para 20. Esse retrocesso, naturalmente, não deve ser atribuído a um eventual defeito intelectual, pelo contrário, ele pode ser explicado pelo aumento da introversão, concomitante com a alteração fortemente depressiva do humor; em outras palavras, pelo fato de que o paciente - tanto nos testes, como também (e principalmente) na experiência de associação realizada pouco depois - vive ensimesmado em seu histórico de vida com uma exclusividade *ainda* maior do que antes, retirando de sua própria “vida” todas as interpretações e transportando-as para sua vida atual. Enquanto, por exemplo, ele viu no primeiro teste, em IV., simplesmente uma *pele* “exposta sobre a mesa de um comerciante de peles, passa-se por cima com a mão e ele diz raposa”, no segundo teste, em IV., ele vê não só uma “pele no comerciante de peles, que a joga diante de nós sobre uma mesa”, mas ele sente, ao mesmo tempo, a “*suspeita* de que aí ele poderia ser enganado”. Nesse momento, ele é acometido pela lembrança de um mercado de peles em Z., onde ele quis comprar uma pele para a irmã e se sentiu *inseguro* quanto a ser enganado, exatamente como lhe ocorreria ainda hoje. Em II. c) (vagina), a “inquietação ao ver essas figuras lhe vem à consciência com muita força”: “tenho a sensação de que não estou preparado para a vida, não estou dentro da vida”. Em V. a), que lhe parece como algo grotesco, ele divaga sobre as figuras de *Disney* que, “ao contrário dos outros”, sempre o exasperam um pouco, o que para ele é uma prova de que “sobreviveu a si mesmo”; pois enquanto o público ri e aplaude, *ele* não entende nada desse tipo de arte. As “2 figuras simétricas em VII. a), que são acopladas embaixo, como a sínfise pubiana”, imediatamente o lembram de seu “infeliz estudo em Ciências

Naturais, com as fobias”. Especialmente ilustrativa para o alto grau de “auto-referência” das interpretações é aquela interpretação em IX. a), embaixo (sacos escrotais que estão caindo). Ainda voltaremos a falar neles mais pormenorizadamente.

Também em relação aos “caranguejos”, (em X. a), (preto acinzentado, no meio), ele afirma que “é preciso cuidar, para não ser picado; pois, quando eu estou ferido, tenho dificuldade em pedir ajuda. Ou atropelado na rua por uma bicicleta ou com um rasgo nas calças, então pedir (ajuda) a alguém é pior do que as maiores dores; sensação de que eles se envergonham. Eu sobrevivi a mim mesmo, não pertencço mais à época. A postura dos outros em relação a mim - no que diz respeito ao meu desamparo, acanhamento, vergonha - é crua e ordinária: que eles possam se divertir às minhas custas. Difícil de suportar, o riso dos outros.”

Constatamos que “o pouco que Jürg Zünd consegue se distanciar de si”, no segundo teste é ainda muito menos do que no primeiro. Ao mesmo tempo ele está *ainda mais* consciente de sua situação do que antes, ele se vê estável no reflexo do espelho, na “reflexão”. Sua *sensibilidade* e *vulnerabilidade*, seu total desamparo impõe-se a ele com uma força ainda maior do que antes, e esse desamparo, também no teste, é mais vivenciado (éprouvé) do que sentido (senti) e é interpretado objetivamente. No entanto, essas “sensações palpáveis” não deixam de estar presentes. Em I. a), por exemplo: morcego em vôo rasante, “que ele não invente de voar na nossa cara”. Na figura em III. a), a vulnerabilidade está totalmente *objetivada*: “a parte posterior da cabeça poderia receber um tapa, mereceriam um tapa, esses dois”. Em VI. a), também aparece a “parte posterior da cabeça”. Conforme vimos em IX, a figura interpretada objetivamente (a dos sacos pendurados) se transforma muito rapidamente na vivência do próprio medo da castração. Em X, misturam-se novamente as impressões sensório-táteis com aquelas de fraqueza existencial e vulnerabilidade (de um lado, picado, atropelado por uma

bicicleta; de outro, envergonhado, sobrevivido, tímido, desconfiado, medroso). Em X. a), (amarelo, no meio), manifesta-se de maneira drástica o medo constante de “sensações dolorosas”, tais como perigos corporais e ferimentos:

“Esferas centrífugas com rodas de impulsão se separam e voam na cara da gente, justamente na minha cara, mesmo que outros puderam olhar várias vezes para a máquina. Quando é a minha vez, acontece algo, embora já por muitas décadas isso tenha estado, dia após dia, na máquina”.

Também no segundo teste a *desvalorização* e a ‘des-vivificação’ do mundo aparece com bastante clareza, seja na captação do grotesco (V.), daquilo que é “de mau gosto”, nas cores dos ursos (VIII.2.), de uma “mulher que se veste mal” (VIII. a), complementando o “casaco” azul) na interpretação dos testículos que caem (IX.). Mesmo que em X. a), ele interprete “um jardim de rosas”, esse quadro lindo logo se transforma em uma casa precária numa horta de periferia e um “pacote de sementes em uma drogaria”.

No segundo teste, Jürg Zünd também acompanha as interpretações com vigorosos movimentos das mãos - como, por exemplo, na interpretação do *sulco* em VI. C) (linha do meio) – na direção do objeto interpretado.

2. O Teste de Associação

A aplicação deste teste junto com o II. Esquema de *Jung* coincide com o período em que foi aplicado o segundo Teste de Rorschach. Uma vez que Jürg Zünd apresenta tempos de reação bastante prolongados, reagindo com frases completas a maioria das vezes e trazendo sempre novas associações - tanto para a reação, quanto para a reprodução - o teste foi sempre interrompido depois de aproximadamente 30 reações, ou seja: depois de mais ou menos uma hora. O segundo teste teve lugar 2 semanas após o

primeiro, e o último, 4 semanas mais tarde. E, uma vez que não ocorrem diferenças de espécie alguma entre os respectivos testes, podemos considerar o experimento como um todo.

No Teste de Associação, durante o qual as duas mãos estão livres, Jürg Zünd faz gestos mais freqüentes e ainda mais expressivos do que durante o Teste de Rorschach; ele visivelmente precisa se esforçar para sair do simples gesto e da gesticulação, para conseguir formular a reação fazendo uso de palavras. Torna-se muito difícil, para ele, reagir com uma única palavra, mesmo depois de lhe serem mencionados (no terceiro teste) alguns exemplos de reações em palavras, vindas de pessoas cultas. (No entanto, será demonstrado, através dos exemplos, que ele também é capaz de reagir com palavras). O que ocorre, de um modo geral, é que uma palavra-chave *chama para diante dos olhos* de nosso paciente uma *situação* específica relacionada ao seu histórico de vida de maneira tão vivaz, que ele reage a essa situação energeticamente, através de gestos, ou espontaneamente, por meio de gesticulação - mas precisa procurar durante um bom tempo até encontrar a palavra ou a frase por meio da qual ele pode articular sua reação. Em outras palavras, seu tipo reacional corresponde ao tipo 'constelação de complexos' de Jung, permitindo, de certa forma, que se conclua por um diagnóstico de *histeria*. No entanto, ao contrário do que ocorre na *histeria*, na qual os complexos que se estendem por 2, 3 ou mais reações se destacam do teste completo como se fossem ilhas e, nesse caso, geralmente estão recalcados, estes (complexos) revelam-se menos pelo conteúdo e mais pelas marcas de complexo diagnósticas, de modo que somente podemos detectá-los e analisá-los 'a posteriori' - ao contrário do que ocorre na *histeria*, neste caso o teste é quase todo constelado em termos de complexos - e as reações *livres* de sinais de complexos destacam-se do teste como um todo, como se fossem pequenas ilhas isoladas e o complexo se revelasse claramente e sem problemas também em

termos de conteúdo. No que se refere ao recalcado, quase nada se consegue encontrar, tudo é consciente simplesmente e, quase sempre, torturantemente consciente.

No que se refere aos *tempos de reação*, já a média aritmética do teste completo revela o valor bastante acentuado de 7,2 segundos (valor médio para homens é de 1,6 segundos!). A “média provável” (no sentido de *Kraepelin e Jung*) é de 6,8 segundos. A diminuta diferença entre os dois valores, portanto, mostra que, sem exceção, os tempos de reação são bastante prolongados. *Os transtornos de reação* são muito elevados em vista da distribuição do teste sobre 30 – 35 reações. Mesmo que ainda deixemos valer como + as reações que traduzem, ao menos aproximadamente em palavras, o *sentido* da reação de forma correta, o que nos parece ser permitido no caso de tantas reações na forma de frases, ainda assim chegamos a aproximadamente 15% de transtornos de reação. Se deixássemos valer como + somente a reação puramente verbal, o número de transtornos de reação seria naturalmente muito mais elevado. No que se refere à qualidade das associações, trata-se quase que exclusivamente de associações internas, um sinal de quão forte é o afeto (do sofrimento); pois somente o afeto pode deslocar dessa maneira o tipo de reação para o lado das associações internas em um indivíduo testado desse nível intelectual e de linguagem. De acordo com isso, o completar palavras e as *associações pelo som da palavra* pertencem totalmente às exceções:

Boca	Justo (alemão: Mund / gerecht)	9 +
Ar	Balão de ar (alemão: Luft / Luftballon)	35 balão
Acordar	Pãozinho (* N.T. No original: wecken / “Birre-Wecke”)	90 -
Humilde	Humildade é um enfeite (Resistência contra a humildade, uma vez que, na infância, exigia-se dele que fosse humilde)	30 -
Floresta	Incêndio	11 +
Bom	Bom e bonito (kallokagathós, reminiscências ginasiais)	12 +

Escrever	Marceneiro (alemão: schreiben / Schreiner)	35 –
	(Associação sonora. Mas vê diante de si o avô, enquanto este escrevia. Associação sonora, provavelmente um desviar do torturante complexo de não saber escrever uma carta).	

Rimas não ocorrem. Os longos tempos de reação dos primeiros exemplos revelam que também nas associações externas os complexos estão presentes.

Se destacarmos as reações que se referem a *valores* chegaremos ao elevado número de 35%; destas, significativamente 27 são de valoração negativa e apenas 8 de valoração positiva, a saber:

Café	Algo muito agradável	25 +
Voar	Tem algo de libertador	35 +
	(Ao mesmo tempo lembra-se do <i>contrário</i> , que sentiu diante de jovens pilotos em Z.).	
Mercado	Algo pitoresco	17 firmeza
Esquecer	Adormecer sob influência de narcótico	17 algo agradável
Pescoço	Algo delicado, como uma tulipa	19 pescoço feminino bonito
Bonita	Figura agradável bonita, que conversa com simpatia, francês.	110 sentido +
	Acrescentam-se, ainda, 2 agradáveis odores (R. 25-60)	

É característico de Jürg Zünd que as reações positivas de valor sempre se refiram a um “valor” sensorial ou erótico.

As reações que expressam uma valoração negativa são, naturalmente, sempre reações de constelações de complexos. Veremos exemplos das mesmas logo a seguir.

Exemplos de reações de constelações de complexos:

5. Dor	Que eu pude me transportar tanto para a <i>música</i> durante certo tempo, que eu tenha sido tão <i>introvertido</i> .	45 sentido +
8. Rir	Risada ordinária, que escutam aqui e ali.	100 +
12. Assustar	Que a cada vez que me assusto eu sinto dores corporais – minha tragédia – <i>tragédia do sentir-se envergonhado</i> .	100 + (dor)
14. Cansado	Esta é uma coisa que eu não consigo dizer direito. O <i>complexo inteiro está de volta</i> . Aparência cansada depois do esforço sexual.	30 -
18. Forte	Açougueiros ficam fortes porque tomam o <i>sangue</i> dos animais (isso é o que um colega de escola lhe disse, certa vez).	30 sentido +
20. Trabalhar	<i>Consciência pesada</i> em relação à minha falecida mãe, porque eu não era trabalhador. Por isso, eu sentia <i>medo</i> na escola e em casa. Eu faltava muito na escola. Sempre tinha a sensação de <i>estar exposto</i> .	40 sentido +
35. Perigo	<i>A falta de chão</i> . A queda para dentro do <i>desconhecido</i> .	90
39. Machado	A morte por meio do <i>decapitar</i> .	35 +
46. Alegre	Algo inofensivo, de que eu não gosto. Dá-me nos nervos.	100 -
50. Livre	Algo <i>nojento</i> – existe em diversas quadras esportivas. Os 4 F (fresco, piegas, feliz, livre) (* N.T. No alemão, as 4 palavras iniciam por F).	27 sentido +
62. Nobre	Este papel de parede eu acho nobre. <i>Esta palavra me causou dor de cabeça!</i>	25 +
63. Mangueira	No exército fala-se em mangueira, eu sofro, porque não posso participar	35 militar
64. Amar	Algo <i>encomendado</i> , que nada tem a ver com a realidade. Lê-se muitas vezes sobre isso na literatura alemã. Tem algo de não-masculino, <i>mentiroso, convencional</i> .	40 encomendado
67. Avareza	É algo terrível, velho, endurecido feito osso, antipático, <i>inóspito</i> . Uma fortaleza que não podemos carregar. Eu não gosto de pedir favores a ninguém.	30 sentido +

68. Procurar	Eu não sei, <i>tudo é desagradável</i> para mim, o Senhor pode dizer o que quiser. Procurar é, naturalmente, um <i>esforço e, portanto, desagradável</i> . Se uma criança (ele, quando criança?) precisa procurar uma moeda debaixo de um sofá, é um esforço.	.. sentido +
69. Coberta (Obs.: No alemão, “Deck”, que tanto pode significar coberta, como convés)	No Código Penal alemão – Direito Marítimo – valem para os oficiais do convés algumas normas especiais. Oficial de convés, palavra esquisita – diz-se que um <i>ouro</i> cobre. Muitas vezes presenciei como as pessoas torcem a boca ao ouvir essa palavra.	40 sentido +
71. Folha	(Movimento resignado com a mão). Vejo na minha frente como ela cai, a folha cai assim que o cabo arrolha. Eu era um péssimo botânico.	65 sentido +
73. Estação de trem	<i>Bronquite</i> – na <i>fria</i> e enfumaçada sala de espera no inverno – incrível, irreal.	20 sentido +
74. Duro	Sensação de uma geada em torno da cabeça – sensação de <i>estar apanhando</i> – um sopapo.	65 sentido +
75. Confiança	Aí eu tenho uma postura <i>pessimista</i> . De um lado, o desejo por poder confiar, a <i>necessidade de encostar-se em alguém</i> , de outro lado, a <i>negação</i> .	30 sentido +
78. Útil	<i>Não</i> posso fazer uma vistoria, <i>não</i> consigo <i>fazer um balanço</i> no final da vida, a desconfiança.	60 sentido +
81. Obrigação	<i>Revolta</i> .	20 +
83. Sofá	Produz forte impressão em mim, uma mulher está sentada ou deitada no sofá, mais ou menos vestida.	35 dama
86. Pagar	Pensei em <i>cama</i> ao pensar em pagar; “Noite feliz, <i>cama</i> se quebra”; quando ele mencionou a frase em casa, esta lhe foi proibida, sendo que ele imediatamente se deu conta que os moleques que lhe ensinaram a frase haviam dado uma ‘indireta’, para <i>mexer</i> com ele.	25 cama
89. Amor	Algo <i>enfadonho, mentira convencional</i> . Quando alguém fala em amor, eu penso, isso não existe, existe apenas a paixão passageira.	35 não existe
90. Ajudar	Sim eu me envergonho de ajudar onde eu <i>gostaria muito de ajudar</i> ; tenho a sensação de que poderia <i>causar um</i>	--

prejuízo à minha virilidade.

91. Economia Horrível. Movimentação de gente em torno das mesas 16 horrível
reservadas, um dia igual ao outro. Conversas com a dona
da taberna, administração do lugar, medo de *poder-ficar-
malcriado, exposição.*

(*N.T. No original, “Wirtschaft”, palavra que tanto pode ser traduzida por “economia”, no sentido de administração dos negócios, como por “taberna”, “restaurante”, “cervejaria”, sendo mais comum a denominação “Wirtshaus” para este segundo sentido. O paciente, no caso, fez uma associação com “taberna”.

92. Liso O chão encerado deixa inseguro. Minhas pernas em forma 20 -
de “O”.
96. Cheio *Touro*, que tem *um saco escrotal pesado*, eu teria vontade 50 sentido +
de dar um tiro nele. Transpiração que envergonha ao
levantar um saco, fico com a cabeça vermelha, sinto os
pés frios
99. Osso “Dedo” decepado. Açougue – fico abismado com o fato 40 sentido +
de eles não *decepam o dedo*. Faz frio, dentro de um
açougue, *pega-se um resfriado.*
100. Bonito Não consigo entrar em acordo com os outros, no que diz 85 sentido +
respeito a esse conceito – *convencional – uma mentira da
sociedade.*

Chamamos a atenção aqui apenas para a *auto-referência* generalizada das reações, a *desvalorização* do mundo e da existência (reações 50, 64, 89, 100, mas também 71, 73, 75, entre outras) e o seu caráter “*revoltante*”, *contrário à sociedade* (reações 50, 81, 91). A postura básica *sado-masoquista* (reações 12, 18, 39, 69, 74, 91, 96, 99) quase que não necessita ser comentada separadamente. Em *uma* palavra, o ser-no-mundo com o qual estamos aqui lidando se ressentida da falta de *distância*: “o mundo” *topa* “contra o corpo” do paciente a toda hora ou *pressiona* “sobre a alma” dele. Ambas são apenas expressões *antropológicas* para aquilo que nós descrevemos como a *sensibilidade* e a *vulnerabilidade* do paciente. Uma vez que tudo, para ele, está *perto demais*, tanto as pessoas, como as coisas, ele *topa* contra todos e contra tudo ou, no mínimo, *tem medo*

de *bater* ou de *ser batido* (machucar-se). A distância do mundo, o *segurar-o-mundo-longe-de-si* e o *afirmar-se-no-mundo* só ocorre, ainda, pela via da desvalorização. O reverso dele, no entanto, é a sua “falta de hospitalidade”, o seu lado ameaçador, a estranheza, o cair (reação 71) na *falta de chão* (reação 35).

Mas não queremos nos adiantar à Daseins-análise, pois estamos tratando, ainda, de preparar o *material* para a mesma. Para essa finalidade, precisamos continuar a buscar pelos modos como Jürg Zünd está no mundo e tem o mundo. O fato de que o mundo “*topa* contra o corpo” dele a toda hora fica evidente no teste de associação, não só pela característica do *situar-se* em uma constelação de complexos, mas, também e especialmente pelo fato de Jürg Zünd vivenciar essas situações *no presente e através dos sentidos* e, na verdade, através de *todos* os sentidos. Agrupamos a seguir as respectivas reações, sendo que as repetições, naturalmente, são inevitáveis:

Olfato (10 reações)

6. Podre	<i>Não cheira</i> bem.	35 Coisas sujas
25. Finalidade	Porta-moedas, <i>cheira</i> bem. Finalidade, <i>para poder sair da prisão do individualismo</i> . Algo <i>libertador</i> . Na exploração dessa resposta, o paciente informa, posteriormente, que, à palavra <i>finalidade</i> ele imediatamente pensou em <i>finalidade do tratamento</i> , que reside em <i>libertá-lo da prisão do individualismo</i> . Mas isso seria possível somente através da sexualidade, através da mulher. Aí ele teria pensado em uma mulher elegante, com um porta-moedas ou uma bolsa de couro marroquino e, ao mesmo tempo, sentiu o odor do <i>couro</i> , bem como o do <i>perfume</i> dela, mas também sentiu o <i>cheiro de</i> (um casaco) <i>pele</i> .	40 +
31. Boca	<i>Hálito</i> .	--

32. Beber	<i>Cheiro</i> de tabaco e de cerveja.	32 Bebedor
33. Cama	Lembrança do comentário de Jürg Jenatsch em C. F. Meyer, <i>sentir</i> o cheiro do <i>ninho paterno</i> (vilarejo).	--
43. Sangue	De novo o <i>cheiro</i> , o <i>cheiro de sangue</i> .	21 +
53. Malcriação	Tempo da escola primária, quando uma colega disse: mas este é um malcriado. Ele ainda sentiria o <i>cheiro</i> da sala de aula. “ <i>Eu vivo intensamente com o nariz</i> ”.	75 Colega de escola
55. Chaminé	Vejo-a bem alta diante de mim, a chaminé da fábrica da infância, <i>cheiro a fumaça</i> .	--
60. Desejar	<i>Cheiro</i> novamente. Lista de desejos antes do Natal. Ainda <i>cheiro</i> o perfume da tia.	--
73. Estação de trem	A sala de espera <i>cheia de fumaça</i> (compare acima)	--

Dentre estas 10 reações olfativas, apenas 2 são agradáveis (couro, perfume), as demais, são desagradáveis (cheiro de hálito, tabaco, cerveja; cheiro de “ninho”, sangue, escola, sala de espera e de fumaça).

Paladar (2 reações)

9. Café	<i>Algo muito agradável</i> .	25 +
56. Saborear	Taboa de carnes de caça.	20 Prazeres culinários

Pele (4 reações)

23. Chão	Chão de tábuas, medo de <i>andar descalço</i> sobre chão de tábuas por causa das <i>farpas</i> .	30 +
29. Água (ao invés de maçã)	Algo frio, gelado, que lhe produzia “fissuras” nas mãos, quando criança.	50 frio
92. Liso	O assoalho deixa <i>inseguro</i> . Minhas pernas em formato de	20 -

“O”

99. Ossos Dedos decepados. Açougue. 40 +

Nessas reações torna a aparecer nitidamente a vulnerabilidade corporal, que já conhecemos através do Rorschach, ocorrendo o mesmo nas seguintes reações dolorosas:

Sensação dolorosa (3 reações)

12. Assustar Que a cada vez que eu me assusto, eu tenho *dores no* 110 +
corpo.

62. Distinto Esta palavra me produzia *dor de cabeça.* 25 +

(* N.T. nobre,
aristocrático)

74. Duro Sensação de uma geada em torno da cabeça – sensação de 65 +
estar apanhando – um sopapo.

Sensações de frio e de umidade (3 reações)

29. Água Algo frio, gelado, que lhe produzia “fissuras” nas mãos, 50 Frio
quando criança.

73. Estação de Bronquite em uma sala de espera *fria* (veja acima).
trem

77. Porão Úmido. 10 +

Sensações corpóreas (6 reações)

10. Largo Barriga caída, algo *caído.* 40 +

16. Voar Tem algo de *libertador* 35 Sentido +

21. Vela Lê *voile, la voile.* Fazer nada. Algo *que embala.* 53 Que
Lembrança de X, onde ele era um grande “boa vida”. embala

40. Perceber Cansaço. 30 +

48. Esquecer Adormecer sob influência de um *narcótico.* 15 Algo
agradável

68. Procurar Esforço desagradável (veja acima).

Rosto (15 reações)

O que vale para os sentidos próximos vale também para os distantes: Jürg Zünd não só “tem no nariz” o cheiro e o fedor do mundo, não só sente o perigo, a pressão, a dor, o frio e a umidade do mundo em sua pele e em seu corpo, como também tem o mundo o tempo todo “diante dos olhos” ou “nos ouvidos”. Não existe a distância, o longínquo, o desvencilhar-se de um peso, o descansar – a não ser em alguns poucos odores “agradáveis” ou em quadros esteticamente atraentes, ou em fantasias de voar ou de não fazer nada dentro de um barco à vela que o embala, que, por sua vez, são constantemente assombradas pela consciência pesada.

19. Fruto (ao invés de fruta)	Figos, verdes	30 +
27. Mão	Diversas mãos, que me causaram forte impressão na infância, a mão do meu avô, na qual eu bati uma vez.	50 Sentido
41. Caminho	<i>Vejo</i> – Serpentina, pessoas com fantasias da época Biedermeier, Seldwyla, ‘dégoût’. (*N.T. O paciente se refere ao grande poeta suíço Gottfried Keller [1819 – 1890], autor, entre outros, do conto “A gente de Seldwyla”); algo lhe provoca nojo (‘dégoût’).	100 Cena de Gottfried Keller
47. Mercado	Algo <i>pitoresco</i> , balões de ar, carrossel.	17 Colorido
55. Chaminé	Vejo-a bem alta diante de mim, a chaminé da fábrica da infância, <i>cheiro a fumaça</i> .	35 Vejo-a diante de mim
59. Pescoço	Algo delicado, como uma tulipa.	19 Pescoço feminino bonito

61. Pedra	Aquilo que queima sob o sol; caminho pedregoso nas montanhas, monótono, com mochila.	50 Caminho pedregoso
69. Coberta (ou convés)	Oficial de convés ... muitas vezes presenciei como as pessoas torcem a boca ao ouvir essa palavra.	40 Sentido
71. Folha	(Movimento resignado com a mão). Não é muito. <i>Vejo na minha frente</i> como ela cai etc.	65 Vejo na minha frente
83. Sofá	... uma mulher está sentada ou deitada no sofá, mais ou menos vestida.	35 Dama
87. Cobra	<i>Vejo-a</i> mais, aí é preciso prestar atenção, medo de que ela venha se arrastando pela grama, no caminho, no meio do feno. Lembrança da infância.	
91. Economia (ou taberna)	Compare acima com a visão da movimentação de gente em torno das mesas reservadas.	
97. Compreensão	É o contrário da inteligência, não sei a razão. <i>Vejo</i> o Dr. X (um antigo médico) na minha frente. Na inteligência, o “aspecto racial” tem a ver.	25 Sentido
98. Castigar	Um feixe de varas, um chicote russo, um homem bêbado, que bate em crianças.	30 Homem bêbado

Audição (12 reações)

3. Canção	Tempo da escola primária, quando a gente precisava berrar alto.	50 +
8. Rir	Riso ordinário, que se escuta aqui e ali.	100 -
24. Assobiar	<i>O senhor o pronunciou</i> da mesma forma como o Professor X naquela época. Naquela época, eu tinha muito medo.	45 +
44. Exibir-se	Um cão que <i>late</i> .	20 +
49. Tambor	Pensei em ‘Roulez tambours’	15 +
52. Comer	Algo – quando <i>o Senhor o pronuncia</i> , ocorre-me outra coisa do que se outro o tivesse pronunciando.	100 Dessert? (sobremesa?)
53. Malcriação	Tempo da escola primária, quando uma colega <i>disse</i> : mas este é um malcriado etc.	75 Menina da escola
63. Mangueira	Militar, sempre <i>falando</i> em mangueira etc.	50 Militar

70. Bom	Bom e bonito (reminiscência estética do tempo do ginásio).	12 +
72. Torturar	Em todos os lugares, a sexualidade participa: “Você não deve torturar-me”, “ <i>pronunciado</i> de uma forma tipicamente feminina”.	75 Sentido +
86. Pagar	Cama. “Noite feliz, cama se quebra” etc.	25 +
88. Fino (no original: fein)	<i>Soa</i> mais banal do que o <i>fine inglês</i> . Sempre e eternamente, a mulher <i>que o pronuncia</i> está por detrás.	

De acordo com o que vimos acima, encontramos qualidades sensoriais claras distribuídas por reações diversas ou muitas vezes na mesma e única reação, 55 vezes. No que diz respeito ao papel do médico que está aplicando o teste, encontramos vários indícios de que Jürg Zünd “reage” a ele (à voz dele e a sua maneira de falar), mais um indício, do quanto o mundo compartilhado “topa contra o corpo dele”.

Se perguntarmos pelo “elemento” que corresponde ao Dasein neste caso, encontraremos no Teste de Associação indícios de *ar* (voar) e de deixar-se levar, boiando sobre a *água*. A qualidade dessa água é a do frio, do gelado que faz com que a pele sofra rachaduras. Por outro lado, no caso Jürg Zünd o genuíno elemento em que o Dasein se movimenta, o elemento que o puxa para baixo e do qual ele procura se libertar - tanto no ar, como na água - é a matéria dura e resistente, o *material* que voa contra sua cabeça, machucando-o e ferindo-o. Para Jürg Zünd, também as pessoas, a “gente”, nada mais é do que material-humano duro, resistente, que fere.

No Teste de Associação, revela-se com muita clareza a não-dissociação entre “corpo e mente” da qual Ellen também falava, culminando na constatação de que o termo “*distinto*”, (* N.T. no sentido de *nobre, aristocrático*), (tão “carregado de complexos”), lhe “produzia dor de cabeça” (reação 62). Faz parte disso também a “costumeira” sensação de dor corporal ao assustar-se (reação 12), sensação pertencente ao mesmo complexo; na verdade, faz parte do complexo *tudo aquilo* que reunimos sob o conceito

coletivo de sensibilidade exacerbada e vulnerabilidade: o estar aflito e o sofrimento são os traços básicos deste Dasein; a separação do Dasein em aflição mental e corporal seguramente tem um significado secundário, “acessório”.

O Teste de Associação, no entanto, oferece não só esclarecimentos sobre a proximidade e a imposição direta do mundo, na forma de percepções e observações sensoriais, mas também sobre o “*pensar*” aí envolvido. O pensar não só é auto-referente em alto grau, mas também revela, dentro dessa sua auto-referência, uma tensão muito clara entre aquele pensar bastante *concreto*, dirigido para o detalhe explícito e que fica capturado nesse detalhe – e um pensar *abstrato*. Exemplos disso são: 64. Amar – algo mentiroso, convencional, 89. Amor – algo enfadonho, uma mentira convencional, 100. Belo – uma mentira da sociedade. Por mais que estas abstrações sejam auto-referentes ou típicas das constelações de complexos. e por mais que elas se apresentem isoladamente, seria totalmente errado ignorá-las. Elas revelam que ainda resta um caminho ao paciente, no sentido de conseguir “manter o mundo distante de si”. Entretanto, enquanto o indivíduo saudável mantém o mundo distante de si por meio da contemplação do objeto (“reflexão”), do exame e da pesquisa, através do ‘*frio conhecimento*’ (*Le Senne*) ou da *criatividade* artística, Jürg Zünd só consegue “manter o mundo distante” servindo-se de generalizações *degradantes* que produzem desilusões (veja Protocolo do Teste de Rorschach 1, II), através da transferência ou da degradação destas ao mundo das aparências “abstratas”, convencionais. Aqui devemos nos lembrar da afirmação de Jürg Zünd (p. 211) de que só no plano abstrato ele ainda conseguia pensar, mas, na vida prática, sentia-se sempre diante da iminência de uma catástrofe (do mundo e do eu), i.e., não se sentia capaz de enfrentá-la: “Eu então não acredito mais que eu seja eu”. Ele procura se safar deste fim-do-mundo e fim-do-eu *empurrando para longe de si (ad acta)* aquele objeto prático e concreto tão poderoso ou aquilo que lhe opõe resistência

(‘obstacle’), em direção ao “abstrato” ou, como vimos no Teste de Rorschach (2, IX), empurrando para longe por meio de um último esforço (p. 218). Ambas as maneiras de “acabar” com o mundo prático conduzem ao Nirwana, ao nada, expressando o desejo de poder rodar o tempo para trás ou de estancá-lo, para recomeçar como criança.

B. DASEINS-ANÁLISE

I. Pertencimento e eternidade

O ‘modus’ dual

A forma-de-ser-no-mundo, cuja Gestalt histórica ou nominal designamos Jürg Zünd, abre-se à compreensão da existência em uma medida muito mais ampla do que a forma-de-ser-no-mundo que chamamos de Ellen West, do ponto de vista do ‘modus’ *dual* de ser humano, justamente na medida em que encaramos ambas as formas-de-ser-no-mundo como *atrofiamento* ou *deterioração* do ser-com-o-outro de modo dual ou amoroso e, nessa linha, como um crescimento do ‘modus’ plural, do *lidar com* ou do *estabelecer trocas* com os outros, com os objetos e consigo próprio de forma puramente mundana. Mesmo que a forma-de-ser-no-mundo, nesse caso, não se encontre na luz, mas na sombra do amor, teremos que desenvolver a Daseins-análise a partir do ‘modus’ dual.

Realmente, não enxergamos mais do que traços desse ‘modus’ no presente relato histórico. Jürg Zünd jamais se tornou um participante da dádiva da benção do *encontro* no amor. Nunca o encontramos na situação existencial da plenitude criativa, do ser-para-além-do-mundo presente no ‘nós’ - que é a única capaz que familiarizar o ser-no-mundo com a sensação de pertencer *e* a eternidade. (* N.T. No original, aparece a palavra *Heimat* que, literalmente, significa: pátria, país, terra natal, lar, domicílio, lugar

em que nascemos e que nos é familiar ou no qual nos sentimos bem ou protegidos. Binswanger emprega a palavra no sentido de ‘lugar ao qual o Dasein pertence’, ‘lugar no qual o Dasein se sente abrigado, acolhido, seguro e protegido’ ou, ainda, no sentido de ‘sensação de pertencimento do Dasein’). Não encontramos em Jürg Zünd nenhum traço da imaginação ou da fantasia amorosa, próprias da plenitude existencial, nenhum traço da segurança e da proteção que se encontram no amor à Verdade, ao Belo, ao Bem. Só na música é que Jürg Zünd consegue se *libertar* por alguns instantes da “prisão do individualismo” (veja p. 226, reação 25.) e *se embalar*, protegido (idem, reação 21.), mas *apenas* se embalar. O tu efetivo e a instância ‘tu’, de um modo geral - que verdadeiramente posicionam o Dasein com ambos os pés firmemente sobre a terra – se desvanecem aqui na afinação musical artístico-estética, mas não a conduzem de volta ao mundo de forma criativa e de trabalho, nem mesmo em um simples gesto de bondade amorosa. Ainda assim, seria totalmente errado querer negar nessa pessoa ou Dasein, da mesma forma como em nenhum outro ser humano, a presença de *traços* do ‘modus’ dual. Mesmo que não encontremos *patamares* (obras, criações) autênticos desse ‘modus’, encontramos, efetivamente, alguns “traços”. Onde encontramos o amor como “algo banal e uma mentira convencional” (Teste de Associação reação 89.), o amar como algo instituído, não masculino, mentiroso, convencional, onde o tu – mesmo que nunca encontrado, o que dirá, então, capturado – ainda assim paira no ar e à distância (compare a *necessidade de encostar-se em alguém* [reação 75.]) a libertação da prisão do individualismo através da mulher [reação 75.] e aí não estamos tratando com a total falta de amor, mas com a decepção resignada em relação ao esvaecer do Tu. Se, por essa razão, não podemos falar em um verdadeiro encontro Eu-Tu, ainda assim existiu desde a primeira infância uma saudade por aconchego na figura da *mãe* e uma verdadeira sensação de pertencimento, de proteção junto aos familiares dela: “Se eu me

sinto acolhido, é na primeira infância, na companhia de pessoas que já morreram há muito tempo”. Da decepção acerca do esvaecer do Tu, da mãe⁴, resultam o desprezo, a diminuição, a própria destruição do amor, o ódio, a inveja, a brutalidade, em resumo, aquilo que os franceses designam tão corretamente como *‘la-haine-de-la-valeur-manqué’* (* N.T. – O ódio daquele valor que falta), ou que *Kierkegaard* interpretou com tanta profundidade como o *demoníaco* ou o *fechado* no sentido da “angústia diante do Bem”⁵. É o fracasso do amor (*‘valeur’* em seu sentido pleno) que imprime nessa forma-de-ser-no-mundo o carimbo da dessacralização e da profanação, da degradação e da desvalorização do mundo e, com isso, o carimbo do “demoníaco” no sentido do “medo do sagrado”. Junto com isso também caminham a sensibilidade e a vulnerabilidade extremas, em uma palavra, a *dor* de existir que sempre se instala lá onde a discrepância entre a ânsia por amor e a realização amorosa – pensemos em *Hölderlin* – é vivenciada como uma *ferida* existencial⁶. A pessoa que está ferida demais para conseguir encontrar a sensação de pertencer e a eternidade através da *imaginatio* amorosa, da *communio* (amor) e da *communicatio* (amizade), em forma e em obra, transforma a dolorosa decepção em queixa ou em acusação, em ataque ou em fuga, em um chafurdar auto-destrutivo na ferida e em frieza e dureza destrutiva do outro. No lugar do encontro amoroso, que sempre se nutre daquilo que é eterno e não tem fim, a batalha e a derrota no finito; no lugar da proteção da sensação de pertencer, o *‘qui-vive-sein’* (o desamparo) diante do “inimigo”, no lugar da confiança natural no mundo e nas pessoas, o constante precisar comparar, a desconfiança, a inveja maligna e a explosiva agressividade. Parafraseando *Hölderlin*, podemos afirmar que Jürg Zünd vivenciou muito precocemente as “dissonâncias do mundo” em mundos isolados que se contradizem e se combatem – sem ter por perto “uma instância à qual pudesse recorrer” (p. 196), e sem que houvesse uma perspectiva de “reconciliação”, na qual “tudo aquilo que se separou

pode se reencontrar”. As rupturas que ocorreram em seu mundo foram rupturas em seu ser-no-mundo, feridas que nunca sararam e que se enterraram cada vez mais fundo e de modo fatal em seu ser. Seu histórico de vida é a história de sua *ânsia* por se reconciliar com o mundo, sua busca por amparo *em um* mundo, por amor “que tudo unifica”. Nessa *ânsia*, sua existência fracassou.

II. A MUNDANEIDADE

O ‘modus’ plural

Com isso, fizemos um esboço não só da estrutura da mundaneidade, mas também da temporalidade deste Dasein que ora analisamos. É a estrutura do algo-que-se-tira, da transformação em objeto, da discursividade no sentido mais amplo da palavra, isto é, na forma do “levar-pela-orelha”, da possibilidade (carnal) de causar impressão ou impressionabilidade⁷, do “tomar-pelo-ponto-fraco”, da influenciabilidade ou da afetação (psíquica), da afetividade e da sugestionabilidade⁸. A forma do Dasein de ser-no-mundo, neste nosso caso, é, como já vimos, a do ser constantemente impressionado e influenciado pelo “meio” - de um lado pelo mundo circundante e compartilhado e, de outro, pelo mundo próprio. Conforme afirmávamos, o mundo circundante e o mundo compartilhado realmente “topam contra o corpo” desse indivíduo e o mantém sob pressão e influência constantes; por outro lado, “corpo” e “alma” (o mundo próprio) por sua vez também “pressionam” a existência, na medida em que eles cedem a toda pressão e a toda influência “vinda de fora”. Esta *prepotência absoluta* dos mundos circundante, compartilhado e próprio revela ao mesmo tempo a *inferioridade* ou *fraqueza* existencial, mostrando assim que o indivíduo não consegue se desvencilhar dessa pressão e dessa influência, mas, de modo semelhante ao que ocorreu com Ellen

West e com Nadia, é tolhido, afligido e ameaçado em suas possibilidades existenciais. Jürg Zünd não consegue mais dispor livremente sobre uma situação dada, alçar-se *acima* dela e dar conta dela livre e decidido; ao contrário, *toda* situação se apresenta de antemão a ele como uma situação de *perigo* ameaçador e suas possibilidades de defesa, da qual não se pode fugir, isto é, de um constante estar à espreita e pronto para o ataque, de submissão e de sofrimento.

Já a anamnese da infância de Jürg Zünd é marcada pela precária segurança de todo o seu ser: sua segurança física sofreu um embate com a pneumonia aos 5 anos de idade e com a propensão à bronquite que se seguiu a ela, a segurança psíquica, com as desagradáveis sensações corporais e as sensações olfativas, bem como com os ataques de angústia concomitantes às manifestações de estranhamento no mundo das percepções. Os “sonhos das decapitações” e as “convulsões acompanhadas de sangramentos” – cujo surgimento precoce é freqüentemente mencionado por Jürg Zünd – apontam para uma percepção bastante precoce dos fenômenos da vida e da morte. Mas, também no que diz respeito ao mundo compartilhado, não havia nenhum tipo de segurança para a criança. O medo exagerado dos pais provavelmente já tornava as coisas “inseguras” e apresentava um contraste em relação aos companheiros da mesma idade. O que valia para as outras crianças, não valia para ele. Isso levava a um constante comparar e ser comparado. Já por isso a contradição se manifestava no mundo compartilhado; este era dividido de forma contraditória entre o mundo da família e o mundo da escola e o da rua. As vestimentas destoantes dos colegas aprofundavam essa contradição, destacavam a criança da “massa” na escola e na rua, tornavam-na chamativa e *exposta* diante dos outros. As vestimentas diferentes constituíam o “ponto fraco” pelo qual as outras crianças podiam pegar Jürg Zünd, rir dele e submetê-lo ao deboche. Já desde criança, portanto, Jürg Zünd se situava em primeira linha no ‘modus’ da afetação no que diz

respeito ao mundo compartilhado. No começo, ele ainda conseguia libertar-se desse “ser-tomado-pelo-ponto-fraco” por meio do “pegar-os-outros-pela-orelha”, pelo “contra-ataque”. Mas, de qualquer modo ele formava um centro de ataque que se destacava da massa e que se expunha para a massa. Uma união com ela, portanto, estava fora de cogitação já de antemão. À conscientização do trajar-se de forma diferente somou-se ainda o ser tratado de forma diferente (pelos pais), sua manutenção à distância dos outros e a fiscalização exagerada. Nesse conflito, embora se sentisse melhor junto dos companheiros de mesma idade, ele acabava por posicionar-se do lado dos pais; ele temia “traí-los” por sentir-se melhor com os colegas e sofria com o fato de deixá-los exasperados por suas brigas com os outros moleques; pois, como vimos ele se rebelava contra o escárnio e o deboche e não deixava nada barato. Mas não era só isso: à contradição entre o mundo do lar e o mundo da rua, somava-se ainda a oposição entre os mundos do andar de cima e o de baixo (e vice-versa). Ele também se sentia melhor, mais livre e mais acolhido no andar de baixo, junto dos parentes da mãe, e melhor compreendido em seu modo de partir para cima dos outros. O mundo do andar de cima enchia-o de medo e de susto, não só pelo contraste com o andar de baixo, mas de uma maneira geral, porque ele já em princípio era “carregado de trovoada”, em razão da imprevisibilidade e da tendência à explosões da mãe. Atento e afeito a comparações como Jürg Zünd já era quando criança, a revelação da empregada sobre a opinião negativa e depreciativa dos concidadãos sobre seus pais deve ter causado nele uma impressão profunda. Este ser, portanto, estava colocado nos mais diferentes mundos, sendo que um contradizia o outro. A consequência disto foi que Jürg Zünd cedo se recolheu em si mesmo, criando um mundo próprio que, no entanto, não conseguia se unir com nenhum dos outros mundos.

Uma existência tão precocemente colocada dentro de mundos tão disparatados e opostos, que não encontrava verdadeira guarida em nenhum tipo de lar e que era, ao mesmo tempo, tão ameaçada pelo mundo próprio deveria ter sido dotada de uma “energia de vida” especial e, ainda, encontrar “condições de vida” especialmente favoráveis para conseguir se impor na vida, para conseguir “colocar-se firmemente com os dois pés no chão”. Jürg Zünd não possuía tal energia, nem tinha a possibilidade de sair do “meio desfavorável” de sua infância. Ao contrário de Ellen West, que já desde cedo se colocou em enérgica oposição ao mundo circundante e ao mundo compartilhado, rompendo, amuada, com a tradição ao declarar: este ninho de passarinho não é um ninho de passarinho, Jürg Zünd durante anos se defendeu diariamente contra o deboche dos companheiros e se embaraçava diante dos pais fazendo cenas e pedidos; mesmo assim, não estranhamos que, desde cedo, ele tenha precisado chegar à conclusão de que, diante da prepotência dos outros, toda luta seria em vão e que, por fim, ele “teria de sucumbir”. Por isso, sua vida foi precocemente sombreada pelo sentimento de *derrota* ou do *ser subjugado*.

Do ponto de vista da Daseins-análise, isto significa que a materialidade do esboço de mundo adquire a forma de uma dura resistência, de uma ameaçadora e intransponível *barreira* “material”, contra a qual o indivíduo constantemente *se choca* e pela qual ele é continuamente *repelido*. O indivíduo, incapacitado e impedido no livre desenvolvimento de suas possibilidades, percebe-se em um mundo marcado pela *pressão* e pelo *choque*, que ele mesmo qualifica como opressivo e em que tudo *se choca* e é constantemente *repudiado*. O indivíduo, nesse caso, é um *joguete* entre a pressão e a estocada, mas não *senhor de si mesmo*. No entanto, se alguma vez ele consegue assenhorear-se de si mesmo, ocorre somente um súbito ‘*effort*’, uma explosão ou uma descarga repentina na qual ele pulveriza suas forças, para, em seguida, ser outra vez

obrigado a buscar o caminho da oposição mínima, ou seja, de aplainar todas as *arestas de atrito* e de evitar tudo aquilo que eventualmente possa *provocar conflito*. Conforme já vimos, o simples (e extravagante) aparecer na escola ou na rua, o chegar tarde em casa ou o ficar por um tempo mais longo no andar de baixo são *arestas de atrito* e *provocam conflitos*; mas também provoca conflito - nele mesmo e nos outros - a sua vulnerabilidade corpórea. O caminho da menor resistência, portanto, é o caminho da máxima evitação do encontro (do “contato”) com os outros, do *esconder-se*, do sumir completamente. Quando falamos em pressão e choque, nesta existência humana, em atritar e em ser repudiado, em agressão e em defesa, estamos falando na *dor* e na evitação da dor. Podemos, portanto, acreditar em Jürg Zünd quando ele afirma que desde pequeno sua vida foi “excessivamente dolorosa”. Essa dor de existir se alimenta e se fortalece em sua inevitabilidade e na insuficiência dos meios para combatê-la. O Dasein torna-se *uma ferida*, fica “sensibilizado” em alto grau, sente-se despido de toda e qualquer proteção, exposto e sem uma casca de proteção que o defenda dos ataques “vindos de fora”. A sensação que tão cedo se manifestou em Jürg Zünd, a de estar *como que totalmente despido* (p. 197), tem este sentido. Este *estar despido* não significa apenas falta de proteção e de defesa, mas, ao mesmo tempo, uma nova superfície de ataque, uma nova “pedra de atrito”. Por não ter uma casca de proteção é que Jürg Zünd se sente “exposto” de verdade, *como se estivesse só com a roupa de baixo* (sic). Mas, como não se trata absolutamente de um estar exposto do ponto de vista corporal, mas de um estar exposto do ponto de vista existencial, isto é, uma exposição de toda a sua existência, Jürg Zünd pode, ao mesmo tempo, afirmar com razão: *é como se olhassem através dele*. Pressão e choque, atrito e repúdio, essa dolorosa existência - ou o existir na dor de existir - tudo isso não se detém na “aparência exterior” ou no corpo, mas penetra até as profundezas do ser: o *provocar atritos* e o *ser repudiado* tornam-se ainda

mais dolorosos por estarem acompanhados de um *estar exposto* e de um *ser olhado através*. O ser tomado pelo corporal-palpável caminha junto com o *ser percebido* do ponto de vista psíquico. A estrutura do “mundo”, aqui um mundo de pressão e de choque, não se detém diante da “fronteira” do “corpo” e da “psique”, mas, respectivamente, marca a existência inteira como sendo oprimida e sofrendo atrito, no sentido do *ser-tomada-por-algo*, ao qual também pertence o simples *ser-percebido-como!* Jürg Zünd cresceu sem “*Heimat*” (acolhimento), sem uma genuína *convivência* com os outros; seu Dasein só estava *com* os outros e este *com* se apresentava, quase que exclusivamente, na forma do *contra*, do embate. Tão pouco como na *communio* para o amor, que também tolera ou mesmo incentiva a luta “com os outros”, tampouco ocorre um rompimento da parede dos outros através da *communicatio* existencial, pela confiança na amizade e no responder *um pelo outro*. Como na alegoria do palco, em Ellen West, no mundo de Jürg Zünd “todas as saídas estão bloqueadas” por “indivíduos armados” com vontade de atacar - com a diferença, é claro, de que no Caso Ellen West se trata de “indivíduos armados” do mundo *próprio* e, em Jürg Zünd, de “indivíduos armados” do mundo *compartilhado*. Em ambos os casos, no entanto, o resultado é o mesmo: o estreitamento e a ameaça da existência. Como já mencionamos a consistência ou materialidade do “mundo” de Jürg Zünd é o da *dureza* “sem piedade”; seu espaço é o da *proximidade* “invasiva”, sempre ao alcance da amplitude da visão. Isso fica muito nítido no Teste de Associação. O ser está em todos os lugares e sempre disponível, visível até à intimidade; a forma de temporalização em que ele se apresenta é a da *urgência*, do *repentino*: a qualquer momento pode ocorrer o choque, o ataque ou a descoberta, o “inimigo” espreita de todos os lados, pronto para atacar; por isso, é preciso “não perder tempo”. Ao invés da possibilidade contínua da existência se desenvolver em direção ao futuro, resta apenas a possibilidade da rápida defesa contra o

perigo que *sempre* espreita - e que a qualquer momento pode atacar. A existência é dominada pelo momento, pelo simples agora, o tempo conseqüentemente se fragmenta em uma série de “urgências” ou “repentes”: a existência é absorvida pelo *tempo do mundo*, rende-se completamente a ele. Fica agora totalmente evidente a razão pela qual a adolescência de Jürg Zünd teve sobre ele um efeito particularmente funesto. A masturbação juvenil ofereceu uma nova e sensível superfície de ataque: aos pais, no sentido do medo de ser descoberto e castigado; ao mundo próprio, no sentido do intenso medo do prejuízo físico e psíquico, ambos acompanhados de um sentimento de *culpa* arrasador. Jürg Zünd sente culpa não só diante de sua própria consciência, mas também diante do casal parental, temendo “cometer uma injustiça” contra eles pelo fato de masturbar-se. Se antes ele se sentia culpado diante dos pais só porque *ficava* mais à vontade no andar de baixo e junto dos companheiros do que junto deles, agora sua consciência juvenil, tão excessivamente delicada, é mais sobrecarregada ainda com um determinado *fazer*. O sentimento demasiadamente vivaz em relação a esse fenômeno vital e a iminente ameaça que ele representa (veja os sonhos com a decapitação) exacerba-se ainda mais depois da leitura da brochura, transformando-se em medo diante da *catástrofe* iminente: “Agora a coisa ficou realmente séria”. A masturbação tomou então o lugar central na luta pela existência, na luta pela segurança do corpo e da vida, de um lado e, de outro, do não ser descoberto e das auto-recriminações. A conseqüência disso não poderia ser outra senão um novo recolhimento, um novo fechar-se em relação aos outros, um incremento no estado de atenção, um medo ante o ridículo e a catástrofe, em resumo, uma torturante *angústia de consciência*. Se esta existência não estava em acordo consigo desde o início, dilacerada “por dentro” pelo conflito entre os mundos, *exposta* por seu pertencimento concomitante a esses mundos em oposição, tudo isso parecia inocente - se comparado àquilo que a existência passou a sofrer depois. Do

ponto de vista psicopatológico, essa experiência se manifestou através de humores depressivos, sentimentos de inferioridade diante das moças, acanhamento, irritabilidade, indisciplina e aumento de agressividade, especialmente contra os professores. Somou-se a isso o incremento da sensação de “chamar a atenção (dos outros) sobre si”, como, por exemplo, pelo fato de que poderia sentir-se mal na sala de concertos. Tudo isso são manifestações de um progressivo esvaziamento existencial, que, ao mesmo tempo, sempre implica em uma falta de comunicação existencial (sem falar no esvaziamento do ‘modus’ dual, o ‘modus’ do estar junto com o outro, no amor); pois tudo parece agora girar em torno do ‘modus’ do mero lidar com o *mundo compartilhado* ou da troca. Mas na verdade ocorreu uma mudança muito profunda: no lugar do contato *belicoso*, do ataque e da defesa, entra agora o contínuo *constatar e observar* e o contínuo *ser* notado e observado. Os outros, tanto quanto ele mesmo existem apenas como espias ou observadores. O momentâneo estar aos cuidados do outro se transformou (se cristalizou) em um permanente estar à disposição, o momento da batalha se transformou em um *constante* estar cercado e ser descoberto pelo inimigo, em um perene estar exposto ou à disposição. A *rua* apenas meio-anônima (onde os indivíduos de certo modo ainda *são*) tem continuidade no *público*, totalmente anônimo. A “mancha” que se evidenciava na rua em razão dos trajes e da educação diferente, transforma-o agora em portador de uma mancha “pública” como um todo. A insegurança em relação à impressão causada na rua torna-se insegurança diante do público, a intenção de produzir uma impressão a mais discreta e inofensiva possível, que já na rua precisou forçosamente falhar e se transformar no oposto, deve agora forçosamente falhar e se transformar no oposto: o constante e aparentemente inofensivo estar-sempre-atento, por sua vez, transforma-se em uma superfície de ataque perene. A crítica que Jürg Zünd, por sua vez, fez ao casal parental se transforma em uma crítica perpétua: “Eu me

desentendo com meus pais de uma maneira tão intensa”, ele explicou certa vez, “que nem mais percebo que eles não estão mais vivos. Eu os acuso, assim como a mim mesmo, sou ao mesmo tempo réu e juiz”. A onipresente sensação de ameaça física exacerbada pela masturbação conduz ao desmaio no teatro depois da aferição dos reflexos e o diagnóstico de tuberculose na medula espinhal. Se nos sentirmos inclinados a dizer que Jürg Zünd *refira a si próprio* esta doença, bem como todas as cenas do palco (p. 189), esta seria uma maneira de falar um tanto superficial e cômoda. A verdade é que Jürg Zünd está tão imerso (“até as orelhas”) na situação de ameaça ao mundo *próprio* – e justamente no que diz respeito à tuberculose na medula, como ela costuma ser alardeada nas brochuras sobre masturbação -, que a menor menção, sem falar na representação visual concreta deste perigo, é suficiente para “trazê-la à consciência” dele de maneira tão intensa que ele termina por “perder a consciência”. E já que estamos falando de uma identificação com o homem no palco, ela não é a condição, mas a consequência da situação de ameaça ao mundo *próprio*⁹.

Quando Jürg Zünd explica que ele não inferiu, mas viu como os seus movimentos “excitaram os músculos do riso dos outros”, não podemos aí enxergar, sem mais, uma “idéia de referência”, pois pode muito bem tratar-se da constatação de um fato. Jürg Zünd por vezes realmente excita os músculos do riso dos outros, mesmo que de quando em quando se trate de uma “interpretação ilusória” ou de uma simples suspeita. A expressão que traduz o estar exposto e o estar exposto sem nenhuma proteção agora é: “Eu estou no foco da crítica” (p. 199). “Coberto” ele só se sente, ainda, no “elevado” meio social dos “parentes ricos”.

No entanto, este “só ainda” é, ao mesmo tempo, “novamente”! Pois já na infância ele só se sentia “protegido”¹⁰ no “elevado mundo social” do andar de baixo, junto do avô paterno e dos irmãos da mãe, dos quais ele sabia que eram muito ricos, que

“desempenhavam um importante papel” na cidade, que tinham o respeito de todos e que se comportavam como *grandseigneurs* (enquanto o pai realmente era uma figura um tanto peculiar, era a parte mais pobre e, junto com a mãe, era tido como peculiar e estranho pelos concidadãos). O que colocava Jürg Zünd “a nu” era o meio em que vivia o casal parental e a vestimenta e os calçados “chamativos” que era obrigado a usar – apesar de pedir e implorar por não usá-los; o que oferecia apoio e cobertura a ele *contra* essa exposição era o status social elevado, o mundo admirado e respeitado do andar de baixo. Fica cada vez mais claro, para nós: o corte que separava estes dois mundos e que os levava a uma oposição entre si rasgava fundo no Dasein deste menino, atirava-o para cá e para lá, não lhe permitia encontrar paz *duradoura* em lugar algum. Sensível como ele era por natureza, ele sofria demais com esta cisão, uma vez que realmente era “apegado” aos pais. Mas fraco demais para posicionar-se totalmente deste ou daquele lado, ele se dava por satisfeito com as infrutíferas cenas e pedidos que fazia aos pais, para depois da puberdade se fechar em teimosia, amuo e agressividade generalizada. Em Z., atualmente, ele reencontra pela última vez certa cobertura social contra a “mácula” da sociedade e, por essa razão, sente-se mais seguro e mais disposto à ação. Também a primeira prova de masculinidade, a primeira relação sexual lhe trouxe a sensação de estar “menos em oposição aos outros”.

Ao mesmo tempo, no entanto, surgem as primeiras “manifestações compulsivas” de ordem *sexual*, o medo de ter uma ereção e as inquietações por causa do tecido frouxo da bolsa escrotal. Vimos que a capacidade dele para o trabalho sofreu grande prejuízo diante da insegurança generalizada e da ameaça a sua existência; ao mesmo tempo, no entanto, constatamos como ele conseguiu fazer o exame de Doutorado utilizando-se de truques espertos, sendo aprovado com nota máxima e produzindo uma excelente tese de doutorado.

Que o retorno à casa paterna tenha sido “veneno” para ele, que naquele meio ele se tornasse cada vez mais amuado, se isolasse cada vez mais de todos e cessasse totalmente de se corresponder com outros, não é uma surpresa. Pois aí não só lhe faltava todo o tipo de “cobertura” (o avô tinha morrido), mas também se sentia ainda mais “exposto”, de modo a só conseguir *sair na escuridão*. Encontrava algum apoio apenas junto a uma *irmã da mãe*, que gostava especialmente dele. A cobertura social (= do mundo compartilhado) faltante, ele agora substituía por uma cobertura (farmacológica) do mundo próprio, pelo Optalidon, cuja ação permitia a ele sentir-se temporariamente “mais elevado”, seguro de si e sem chamar atenção em sua postura externa. “O Optalidon dava-me segurança no contato com o mundo exterior e protegia-me de passar vergonha”. Em relação à ajuda médica, que no início de seus estudos superiores ainda lhe dava algum alento, hoje ele não sentia nem esperava mais dela qualquer proveito. Quando decidiu buscar uma internação em uma instituição, depois de muitos meses de hesitação, esta ocorreu apenas para que ele arranjasse uma nova proteção, por intermédio da qual ele ainda poderia encontrar uma “estabilização na práxis”¹¹.

Já no que diz respeito à esfera sexual, a Daseins-análise precisa terminar radicalmente com a absolutização teórico-hipotética da mesma, como é o caso na Psicanálise. A esfera sexual é *uma* esfera do Dasein entre outras, por mais que devamos elevar seu significado *no histórico de vida* na existência humana. Neste sentido, ela encontra-se submetida à estrutura completa do Dasein, tal como se pode observar com bastante nitidez no caso Jürg Zünd. O “medo da ereção” é apenas uma manifestação especial do medo do ridículo e da catástrofe de um modo geral, a saber, do levar e do “ser-levadopela-orelha” e do Dasein encolhido ou reduzido ao seu ponto fraco, do esvaziamento da plenitude do Dasein a choque e pressão, ao chocar-se ou ser chocado e pressionado, seja com as ferramentas de pegar, seja com as de olhar. O Dasein, aqui, deixou de existir em

seu verdadeiro sentido, mas é, como já mencionado, um brinquedo – mas um brinquedo carregado de energia, pronto a explodir, puro jogo de forças, ponto de partida de uma manifestação de força sobre o entorno e centro da mesma por parte do entorno. Na medida em que o entorno, aqui, não é apenas o mundo circundante, mas o mundo compartilhado, esse jogo de medir forças mostra-se, de um lado, como um estar à espreita, espiando e, de outro, como um ter sido espiado, flagrado, observado. No lugar do efeito violento e da ameaça do mundo circundante (veja a peça da máquina que voa contra a cabeça dele, e justamente a dele), entra a ameaça do mundo compartilhado, o ataque, o escárnio e o deboche, o desprezo; no lugar da “cobertura corporal” da existência sem casca de proteção, vulnerável, entra a “cobertura social” da existência exposta, *através da qual* se pode olhar. Por isto, é de grande importância reconhecer que, como em Ellen West o medo existencial generalizado se concretizava em medo de engordar justamente *no momento* em que ela “se sentia melhor” e o Universo inteiro com todos os seus segredos parecia revelar-se diante dela (antes e durante a permanência na Sicília), assim também em Jürg Zünd o medo existencial se concretizava em um medo especial justamente quando ele “sentia-se melhor”, quando ele trabalhava a todo vapor e se sentia mais seguro “socialmente” (em Z.). A inexorabilidade e a lógica do processo de estreitamento, encolhimento ou esvaziamento da estrutura da existência (Dasein) manifesta-se com especial nitidez em ambos os casos. Em ambos, trata-se de um “destino inevitável” que parece apenas fazer troça do ser humano, na medida em que o puxa mais fundo para dentro de seu cativeiro justamente quando acena diante dele com uma possibilidade de libertação deste último. Na linguagem daseins-analítica, isto significa justamente que a tentativa do ser (Dasein) de libertar-se da armadilha desse processo de encolhimento acaba por enredá-lo nela ainda mais. Pois onde a estrutura do Dasein encolhe, a liberdade diminui. Encolhimento

do Dasein sempre significa estreitamento das possibilidades existenciais a uma possibilidade existencial bem definida - não mais escolhida livremente, mas ditada pelo “mundo”; significa mundanização da existência no sentido da sujeição ao mundo “sem salvação”: aos mundos circundante e compartilhado, bem como – e em especial – ao *mundo* próprio.

No caso Jürg Zünd, o medo da ereção representa apenas uma *nova* e especialmente sensível, porque especialmente “exposta”, “superfície de ataque”. É como se o processo de encolhimento “escolhesse” para si justamente aquelas superfícies de ataque nas quais ele pode aparecer de forma especialmente “sensível”. A “superfície de ataque” torna-se então um centro de ataque, uma pancada especialmente “evidente”, que “salta aos olhos” de maneira especial e que é especialmente difícil de esconder. Certamente revela-se aqui a agressividade sexual geral e particular de nosso doente, não como fonte *genuína* da “fobia”, mas como traço especialmente *vulnerável* no sentido da “brusca desclassificação social” (p. 208), da vergonha social! Por conseguinte, o medo da ereção não está atrelado nem ao gênero, nem ao sex-appeal, nem à idade, mas à posição social (p. 205), *visto (!)* a partir da qual o evento de uma ereção o taxaria de *proletário!* O sentimento de inferioridade social ligado aos pais e, em especial, à figura do pai e condicionado ao contraste com “o andar de baixo” no sentido do ser diferente dos outros do ponto de vista familiar, do contraste *com* os outros, também se faz presente nesse caso. Justamente por isso é que também estão presentes os mecanismos de rechaço, isto é, de acobertamento (o desviar das chances externas de aparecimento da fobia, a busca da escuridão, o uso do casacão de inverno etc. e o desviar das oportunidades internas de aparecimento das fobias por meio da ingestão de Optalidon).

À *parte* o medo da ereção, verificamos também *em especial* o surgimento de outras “superfícies de ataque”: as pernas em formato de “O”, o jeito de andar e,

principalmente, “o tecido da bolsa escrotal” muito frouxo e assimétrico. Por mais que no caso desta última estejamos lidando com “efeitos póstumos” do medo da masturbação *histórico-pessoal*, daseins-analiticamente ela nada tem a nos dizer! Do ponto de vista da Daseins-análise interessa-nos apenas e sempre de novo a expansão do processo de encolhimento e de esvaziamento da existência, no sentido do surgimento constante de novas “superfícies de ataque”, totalmente independente da região de mundo (próprio, compartilhado ou circundante) na qual elas se manifestam e como elas se pertencem mutuamente do ponto de vista do histórico de vida. Justamente na questão do “medo escrotal” temos que chamar a atenção para o modo como as vulnerabilidades do mundo próprio e do compartilhado e as vulnerabilidades somato-, auto- e alopsíquicas¹² se entrelaçam: a ameaça da parte do mundo próprio corporal e psíquico é, ao mesmo tempo, ameaça do mundo compartilhado (e vice-versa). Jürg Zünd não consegue tolerar o fato de que o escroto esteja pendurado tão baixo e ele teme que os outros possam *ver* que ele está pendurado tão baixo. Também a “cobertura” nesse caso é, em primeira linha, uma cobertura das superfícies de ataque do mundo próprio, que se manifesta no uso contínuo do suspensório. Mas, na medida em que o suspensório pode ou poderia ser notado ou observado pelos outros, pelo mundo circundante (veja, por exemplo, a possibilidade de ser ferido no front a oeste [p. 206]), torna-se, por sua vez, uma superfície de ataque, uma zona de perigo no sentido do mundo compartilhado. Jürg Zünd precisa, então, proteger-se do mundo compartilhado no que diz respeito ao mundo próprio! No entanto, a primazia da esfera do mundo próprio aqui se revela no fato de que, no que diz respeito ao mundo compartilhado, só chega a ser uma idéia alucinatória no âmbito dos afetos, mas no mundo próprio torna-se uma *alucinação* constante (“de ordem hipocondríaca”), um *delírio* somato-psíquico inabalável. O processo de encolhimento da existência tem aqui o seu maior ponto fraco, o que, no entanto,

significa que a liberdade desapareceu *completamente* “neste ponto”, o Dasein não é mais *livre* para decidir – como costuma ser o caso, ainda, no que se refere às sensações de prejuízo e de relacionamento – se sua suposição é apenas uma suposição, ou uma certeza.

Se o medo da ereção e o medo hipocondríaco se revelam como manifestações parciais do *medo do ridículo* de um modo geral, precisaremos analisar este último em maior profundidade. Como já vimos ele se baseia na sensação generalizada do *contraste em relação aos outros*. No caso deste Dasein, os outros não são este ou aquele (e, com certeza, não é o Tu), mas são o contraste *anônimo* à minha pessoa. Esse contraste encontra uma definição mais aproximada meramente por um determinado *tipo social*, o tipo social elevado. Aqui não se trata de uma luta ou uma briga direta com algum outro indivíduo, muito menos de comunicação existencial ou da instância do ‘nós’ presente na amizade, mas apenas de um confronto comigo mesmo, na condição de representante do *tipo social inferior*. No entanto, tipos são generalizações, abstrações absolutizadas. O Dasein, aqui, *se dissolve*, “*absolutiza-se*” na abstração ao invés de fazê-lo na “vida”, ele se afasta, como costumamos dizer, “da vida” e “vive” apenas no *reflexo* ou no *espelhamento* da vida na abstração¹³. Isto também é – e, principalmente – encolhimento, esvaziamento do Dasein. O que em Ellen West era a absolutização da avidez, da voracidade por comida para o tipo animalesco, em Jürg Zünd é a absolutização do tipo social, do destacamento do mesmo da continuidade da vida, junto com a qual sempre corre paralelamente a independização daquele que foi destacado em um “novo” e, portanto “estranho” *poder vital*. No Caso Ellen West, o Dasein está subjugado ao *poder vital* da voracidade “estranha”, que não pode mais ser controlada pelo indivíduo, no Caso Jürg Zünd, o Dasein está subjugado ao poder vital “estranho” do “contraste social”. Jürg Zünd vive, em primeira linha, no “man” (* N.T. que

corresponderia ao termo francês “on” ou ao português “se”, como p. ex. em: “on” ne sait jamais = nunca “se” sabe; seria o sujeito indeterminado), ele não vive como sujeito independente, mas como “Manselbst”, (* N.T. si mesmo, ou sujeito indeterminado). Só como “Manselbst” ficamos “dependentes” do falatório e da fofoca, da curiosidade e da constante dubiedade dos outros, somos meramente uma direção do olhar, da curiosidade e da observação dos outros. Também no que diz respeito ao medo generalizado do ridículo vale, por sinal, o que vimos em relação ao medo da ereção e ao medo do escroto, ou seja, que a *cobertura* da nudez por sua vez se transforma em “pedra de ataque” para os outros: Jürg Zünd sabe muito bem que a inofensividade que ele coloca à mostra, seu modo de caminhar natural-artificial e todo o seu comportamento devem chamar a atenção dos outros. Ele se envergonha por sua falta de indiferença, tanto exterior, como interior (p. 207). A primeira reside no fato dele mostrar demasiado interesse pelos outros, mas não expressamente neste, ou naquele, mas nos outros como “Man”, como opinião pública: “Não me interessa A, B ou C, mas interessa-me o que dizem as pessoas?”. Esse medo da opinião pública, por outro lado, ele procura “acobertar”, por meio de “reações bruscas” e dissimulações. Uma vez que ele sabe que não consegue acobertar, ele gostaria *de sumir em um buraco na terra*. Tudo isto – e sempre em suas próprias palavras – atira-o cada vez mais para trás e acaba por colocá-lo mais ainda *em oposição ao mundo*.

Conforme já dissemos acima, o Dasein no Caso Jürg Zünd está constantemente “ameaçado”, isto é, está constantemente em situação de *perigo* ou diante de uma *catástrofe*, em situação de repentina *colisão com o mundo* e de *implosão* nesta colisão. Ele *padece* constantemente do *excessivo poder* do mundo que “se aproxima demais de seu corpo” e a fraqueza, a impotência de sua própria agressividade. Isto encontra expressão nas fantasias catastróficas, como p. ex. na fantasia do *acidente* (p. 208) do

qual Jürg Zünd seria testemunha e não saberia como se comportar, na fantasia de uma ereção, na muitas vezes repetida fantasia de uma colisão com um passageiro dentro do bonde no caso de uma instabilidade do mesmo durante uma curva e na fantasia da loja de departamentos (p. 208, suspeita de roubo). Em todas as oportunidades, o Dasein “não está apto a enfrentar a situação”, a situação toma conta, de forma avassaladora, transforma-se em uma batalha entre a vida e a morte; pois, à medida que em uma situação dessas o opositor “perde todas as inibições” e “se atira” contra ele, o chão do Dasein subitamente se abre em uma rachadura e ele fica repentinamente frente ao nada do medo, diante do qual só conseguirá se afirmar através da “destruição física e moral” do outro. Com isto, no entanto, a “desclassificação social” já tomou lugar, pois agora Jürg Zünd realmente provou ser um “proletário” e um brigão, como naqueles tempos na rua ou diante do professor em quem ele deu um bofetão. É perfeitamente compreensível que Jürg Zünd “não tolere” a fantasia de uma situação destas, que ele pense que ela deva “sumir o mais rápido possível” e que ele compare o medo diante de uma situação destas ao *medo da morte* (p. 208). Mas, uma vez que ele repetidamente vivenciou este medo da morte, repetidamente passou por essa sensação de implosão, ele pode, com razão, afirmar que ele “sobreviveu ao próprio desaparecimento” e que se sinta “supérfluo” e “totalmente enfraquecido”, que toda a sua existência tenha algo de “banal, insípido e excessivamente doloroso” ou, mesmo que Jürg Zünd não utilize a palavra ele mesmo, algo de *esgotado*. Sua vida é, realmente, uma *luta* constante e inglória.

Como demonstramos nas formas básicas (p. 381 e seguintes), trata-se, na situação da *luta*, de determinadas figuras opressoras e aflitivas a partir das quais se criam determinadas “vantagens”, determinados “manejos e beliscões”, que nós queremos espiar e rechaçar por meio de “contra-manejos”. E isso não vale apenas para a luta corporal, mas para todo o tipo de desavença de natureza belicosa. A vivência

fundamental da luta - como, por exemplo, o levar e o ser levado pela orelha ou pelo seu ponto fraco de modo geral - não é, portanto, a percepção e o calmo reconhecimento, “que registra de forma imparcial” (*la connaissance froide*), mas o rápido, inquieto agarrar e rechaçar, altamente “parcial”. A temporalidade dessa situação é a *urgência* (*l'urgence*)¹⁴, sua espacialidade é a da *proximidade* (corporal ou psíquico-espacial). Ambas “constituem” o espaço existencial como *espaço de luta* (altamente agitado e mutável). Os movimentos do Dasein nestes espaços são o *penetrar* e o *pressionar*, são a *invasividade* e a pressão. Vantagem e desvantagem deste espaço (de luta) é tudo aquilo “que salta aos olhos”, “que se destaca” ou que chama a atenção, que se oferece ao algo-que-se-tira como “pretexto”, em que um e outro se pega, se agarra, se ameaça, se deixa trabalhar e dominar, ou seja, na esfera corporal, todas as “partes do corpo” que se “destacam” ou que sejam palpáveis de uma forma geral, na esfera psíquica todas as qualidades de caráter que “se destacam”, todos os pontos fracos “do caráter” etc.

Resumiremos, mais uma vez, a situação *perene* do Dasein em que se encontra Jürg Zünd: Se a situação de luta há pouco descrita se torna uma situação existencial *perene*, do tipo, portanto, em que o mundo como um todo, circundante, compartilhado e próprio, assume o caráter do inóspito, do sinistro e da ameaça, o Dasein não mais consegue se assenhorar do mundo, mas torna-se seu vassalo, ele forçosamente deve se encontrar em um estado constante de *angústia de catástrofe*. Isto quer dizer, portanto, que ele deve almejar não chamar atenção, esconder-se constantemente ou *mascarar-se* e, fazendo-o, deve estar permanente alerta diante do opositor (seja coisa, seja pessoa). O Dasein, agora, encontra-se em situação de alarme constante, do *perene* “estar-sobre-*qui-vive*”, da constante desconfiança, suspeita e medo e do constante buscar por abrigo, discrição, anonimato, esconderijo. A incursão e o aproveitar a oportunidade, a pressão e o apuro de um lado, o ser agredido, pressionado e forçado de outro lado, em resumo, o

levar e o ser-levado-por algo se transformaram nesta situação *perene* de luta, no tenso *perceber* ou espiar e no constante *ser* percebido, espiado ou espiado. Em uma palavra: o *estar alerta* no sentido da situação de perigo ocasional transforma-se no *estar disponível* no sentido do *perigo* habitual ou constante. Agora temos à nossa frente Jürg Zünd, assim como ele é. Se se trata de um simples objeto, a situação se configura de modo não muito diferente: a peça da máquina, que durou muitos anos, voa em direção dele, justamente de sua cabeça naquele momento, em que *ele* se aproxima da máquina (p. 218). Portanto, também em relação ao *mundo dos objetos* é preciso estar constantemente de tocaia, diante de *repentinas* surpresas e perigos.

Também o *mundo próprio*, como já mencionamos, tem o caráter do inóspito, do sinistro, da pressão, da animosidade e da ameaça. Isto vale tanto para a esfera corporal, como para a esfera psíquica. O Dasein também não consegue assenhorear-se do mundo próprio, pelo contrário, torna-se seu vassalo, seu escravo. Tanto faz para onde se dirija o olhar existencial, *em todos os lugares*, como em Ellen West, a existência está capturada, aprisionada, invertida, minada, de modo que apenas “o voar” pode oferecer libertação, o “embalar” pode trazer relaxamento. Também Jürg Zünd, mesmo que a linguagem não lhe esteja à disposição como para Ellen West, também Jürg Zünd, portanto, está grudado como um verme na terra, ele, inclusive, gostaria de desaparecer *dentro da terra; sobre* a terra, ele apenas perambula como um cadáver que sobreviveu *a si mesmo* (p. 208, e 217). Aquilo que pelo lado do mundo das coisas e das pessoas é choque, pressão, deitar a mão e intervir, influência e atuação, do lado do mundo próprio é mal-estar, fraqueza, dor corporal, ser assolado por “impressões sensoriais” desagradáveis, ser limitado pela configuração corpórea (pernas em “O”, escroto). E que a esfera sexual aqui esteja em primeiro plano e, sobretudo, a masturbação, agora não é mais de se estranhar.

Mas voltemos aos *relatos pessoais* de nosso paciente. As *fantasias catastróficas*, nas quais nos detivemos por último, revelam-se como ápices ou pontos altos da *situação perene* de “luta existencial” contra a desclassificação social - a qual, no entanto, apenas conduz à derrota, com uma certeza ainda maior. Esta luta transforma a existência em um contínuo *sobressalto* (p. 208), minando-a ou *cavando-a por debaixo* (sic). O que na fantasia catastrófica é a *desordem agressiva* (objetivando a destruição física e moral do opositor), nas relações práticas com os outros é o *padecimento da oposição* (“vivenciada” interna e externamente) *em relação* aos outros. Contudo, esta medida preventiva também não é uma *connaissance froide*, uma simples constatação, um tomar conhecimento “objetivo” e à distância, mas continua sendo o padecer de uma opressão “vinda de muito perto”. *Certamente* o Dasein, aqui, se temporaliza no ‘modus’ da urgência ou *urgence*, do doloroso sentimento de animosidade que provém dos outros, que traz embutida a possibilidade de um *ataque repentino*. Animosidade sempre implica em urgência, em rebelião, em proximidade “carregada de temporais”, em proximidade “ameaçada pelo próximo segundo”, ou seja, em ‘momentum generalizado’. Nesse ‘modus’ de temporalização, a animosidade se transforma em uma misteriosa *conspiração* (p. 208) que pode eclodir a cada momento - e os outros se tornam um *mistério*. Esse mistério, em nosso caso, diz respeito à esfera social (“eu não sei como eles fazem, eles exercem a profissão deles e têm sucesso nisto”) por um lado e, por outro, à esfera da saúde, (“eles não me revelam o segredo deles, de como eles fazem para serem saudáveis”). Também aqui ocorre o rechaço, mas, ao invés do ataque e da confusão, apenas *inveja* e *ódio* impotentes, *suspeita* (p. ex. o médico = usuário de morfina, torturador incapaz; porteiro = malandro, valentão sexual) e *discussão* irritada. Na rua e na escola, a agressividade de Jürg Zünd ainda tinha como se manifestar por meio do *ataque*, de brigas e de tapas; hoje, manifesta-se por meio de acusações

difamantes e de ódio contra o opositor, que o irrita simplesmente pela superioridade social ou por ter saúde (por “assassinato da alma”, mas não mais por ataque corporal ou açoite [p. 209]). A expressão *psicológica* da urgência manifesta-se no constante e tenso estar à mercê dos outros, pela irritação contra eles e pelo sofrimento diante deles, ou seja, pela “falta de indiferença”. A falta de indiferença corresponde à sofrida *percepção* do abismo intransponível que o separa dos outros, à sensação da *mácula* por ser diferente (p. 209), ao “ser empurrado do trampolim da vida normal”¹⁵ (sic). Este sentimento, Jürg Zünd o combatia com Optalidon, antes de ingressar na primeira clínica de tratamento e, precariamente, pela atividade sexual que ao menos lhe trouxe a comprovação de sua *virilidade*. Mas o sofrimento por todas essas questões é ainda mais exacerbado pelo *reconhecimento* da morbidez e da não-legitimidade de todas as suas acusações. Em relação a esse reconhecimento, ele viria a sentir a convicção da legitimidade destas acusações, vivenciada em um afeto de fúria, (p. 209) diretamente como um alívio. Em uma declaração dessas reconhecemos a “luta desesperada por uma consciência” (*Hölderlin*), o insuportável da incerteza e da dúvida e o benefício de uma tomada de posição *à tout prix* (a todo custo), na medida em que essa consciência garante a realidade e a veracidade, mesmo que apenas por alguns instantes.

Como já vimos o *minar* e o *cavar por debaixo do Dasein* em Jürg Zünd ocorrem não só no sentido do mundo compartilhado, mas também no do mundo próprio. E não só a esfera sexual constitui o ponto fraco no qual ele se toma e pelo qual ele é tomado (“requisitado”, torturado), mas também “o *cérebro*”. Nessa esfera também ocorrem uma desvitalização, uma materialização e uma mecanização do Dasein. Sensações desagradáveis, no que diz respeito ao centro de gravidade físico, ao acima e abaixo, ao dentro e fora, ao apodrecimento do cérebro, ao fato do cérebro ser mordido por trás, por serpentes - tudo isso tortura o doente. Ele fala na possibilidade de acabar com as dores

por meios de uma intervenção mecânica na “ponte” do cérebro que ele enxerga à *sua frente* (p. 210). Quando surge a dor de cabeça, a sensação de dor corre paralelamente à percepção olfativa de mau hálito, e ambos fazem parte dele “como a espada pertence a um oficial”. Também os sonhos com decapitações, nos quais agora ele próprio é o delinqüente a ser decapitado, correm paralelamente a uma “neurose de odores”. A par disto, está presente uma sensação de cansaço generalizado e de ausência total de quaisquer reservas físicas.

Mas também o mundo *psíquico* é materializado e mecanizado. O pensar “não se engancha mais”, o pensar, (assim como a existência, de um modo geral) *é apenas* ainda um “*fio vermelho*”. Se o pensar não esbarra em nenhum empecilho, ele pode, em outras palavras, movimentar-se totalmente no abstrato, essa ainda é a forma mais fácil de fazê-lo; mas, em se tratando da resolução de uma situação prática, de uma tarefa de pensamento concreta, ela falhará ao mesmo tempo em que ocorre um empalidecer do “sentimento de eu”, do “sentimento de identidade”. Sempre surge, então, o desejo de *poder recomeçar do início como criança*, ou seja, transformar-se em um *novo* eu, diferente do velho eu, ou o desejo de ao menos poder fazer o *tempo* rodar para trás, até o seu 15º ou 18º ano de vida ou até mesmo até à infância. Em outra ocasião, ele desejaria não se mexer mais, acreditando poder *estancar o tempo* dessa forma, ou seja, mais um procedimento meramente mecânico, como se se tratasse de parar o mostrador do relógio. O tempo, aqui, está expresso “de uma forma inteiramente concreta”, transformado no tempo do relógio e, neste sentido, rearranjado para “*temps espace*”. Tudo isso traduz a “falta” de uma *temporalização genuína* ou de um posicionamento *existencial* do si mesmo, ou seja, expressa o esvaziamento e a mecanização da existência, tão dolorosamente percebidos.

O si-mesmo, no entanto, não é ameaçado apenas a partir de seu âmago, em sua temporalização de um modo geral ou na temporalização do pensar em especial, mas, por si mesmo, também deseja “desaparecer” no anonimato das massas. Ele deseja “salvar a sua honra” participando do entusiasmo pela guerra, ou seja, por uma razão totalmente “egoísta”, para que ninguém mais possa apontar para ele com o dedo (p. 212), para que ninguém mais possa tomá-lo-por-alguma-coisa. Brutal como ele é, Jürg Zünd deseja também *forçar* o “incômodo eu” *de volta aos seus limites* e, ao mesmo tempo, *separar os limites individuais*. Ao invés da realização pelas trocas genuínas com os seus semelhantes, surge apenas o desejo de submergir nas massas como um átomo ou indivíduo obscuro, ou de circular no mercado como um papel anônimo, sem cotação (sic), isto é, como um papel ao qual não é *atribuído* nenhum valor de mercado. No lugar da adaptação à comunidade e da “prova de virilidade” através de uma genuína individuação, trabalhando fora de si e em seu interior, Jürg Zünd acredita poder ser reconhecido como “adaptado” e viril pela não-individuação, tornando-se anônimo pela volatilização e aniquilação do si-mesmo. A comparação também equivocada, típica de Jürg Zünd, entre o entusiasmo pela guerra e o mercado de capitais, é mais um indício da mecanização do mundo, desta vez, contudo, não no sentido da pressão e do choque (aos quais, ainda assim, a “imposição” remete), mas no sentido da “mecânica” do dinheiro e do movimento bancário. O “processo” anti-eidético e diluidor da forma, do *tornar o Dasein terreno*, que ficamos conhecendo em Ellen West, é aqui substituído pelo processo de *materialização e mecanização* do mesmo, de um modo geral. *Ambos*, no entanto, são formas de deixar se ser, são formas de vida decadente. Em Ellen West esse processo toma o caminho da alma viva sobre paisagem e atmosfera, em direção à esfera da vegetação – pelo processo de apodrecimento, até a terra morta e a simples matéria, da alma viva através da “dissonância do Mundo”, através do sofrimento, da luta e da

desavença até à *técnica* do trato e da troca (com os outros e consigo mesmo), sim, até à *mecânica* da pressão e do choque. *Ambas* as formas de empobrecimento e estreitamento do Dasein são formas da *dévalorisation* (desvalorização) do mundo, da dessacralização que está além da separação entre culpa e destino, entre liberdade e necessidade – dessacralização, desvalorização da vida *como consequência* do *encolhimento* ou da *nivelação* de toda a estrutura do Dasein. Não enxergamos mais nada do lugar onde nascem o amor, a liberdade e a profundidade da existência. O Dasein somente se abre para a *técnica* do mero lidar ou trocar com o si mesmo e com os outros.

Os resultados dos dois Testes de Rorschach confirmaram e aprofundaram ainda mais o conhecimento que até então tínhamos sobre a maneira de ser de Jürg Zünd. O que lá registramos (p. 220) como prova de sua generalizada e muitíssimo elevada “sensibilidade e vulnerabilidade”, e que aqui não vamos repetir, só pode ser compreendido daseins-analiticamente a partir da redução do “mundo” e da “vida” a um “mundo” de pressão e de choque, a uma vida no sentido da pura pressão e da urgência. Ambas, no entanto, são expressões daseins-analíticas para aquilo que qualificamos *psicologicamente* como o *sofrimento* e a *dor*, como a enorme *capacidade de suportar sofrimento* e *sensibilidade à dor* de uma pessoa como ele, é expressão de isolamento e de emancipação do ‘modus’ do “ser-levado-pela-orelha” ou pelo “ponto fraco”, a partir da estrutura do Dasein como um todo. “L’urgence ramène le moi vers son corps, il s’y bastionne” (* N.T. A urgência reduz o si-mesmo, fazendo com que retorne ao próprio corpo, no qual ele se agarra), afirma *René Le Senne* com muita propriedade (a.a.O. 288). Mas, quando ele acrescenta a explicação: “L’urgence dégrade la sympathie; il en résulte qu’au lieu d’élever autant que possible le donné de l’impersonnel vers le nominatif, l’urgence nous rapproche tous des choses” (* N.T. “A urgência deteriora o entrosamento; resulta que, ao invés de elevar o tanto quanto possível a doação do

impessoal em direção ao pessoal, *a urgência coloca-nos a todos em contato com as coisas*”), precisamos completar a frase no sentido de que “les choses”, “l’impersonnel” neste caso não são *apenas* coisas, nem *puramente* impessoais, mas representantes “pessoais” de um abstrato poder hostil. A diferença entre pessoa e coisa se achata no ‘modus’ temporal da urgência. Pessoa e coisa, *o* outro e *a* outra (coisa) se encontram no mesmo patamar daquilo que é hostil (antipático, “escandaloso”, perigoso) e, assim, tornam-se “inimigos”: *o móvel* contra o qual podemos chocar com a tibia (1, Ic), *o tambor* que pode bater contra nossa perna (1, IIa), *alguma coisa* na qual nos arranhamos (1, VIIc) e, principalmente, mais uma vez as esferas do volante da centrífuga que voam justamente contra a cabeça dele (1, Xá). *Não se pode mais confiar* nas pessoas, nem nos animais (veja os caranguejos que picam 1, Xá), muito menos nas coisas, *tudo* é estranho, hostil, inamistoso, perigoso, provoca medo; a vida está em perigo *em todos os lugares* e *diante de tudo*, torna-se um peso, uma tortura e uma fonte de angústia. A assertiva de Jürg Zünd torna-se, então, perfeitamente compreensível: “Eu tomei para mim toda a angústia do mundo” (p. 210). Isso vale tanto para o mundo circundante, como para o mundo compartilhado e o mundo próprio: a cabeça, o cérebro, os olhos, as pernas, o modo de andar, as funções corporais e as percepções sensoriais isoladas, as moções psíquicas e as vivências transformam-se em torturas, incomodam, ameaçam e amedrontam o Dasein. Da mesma forma como as esferas não “seguram” mais no volante da centrífuga, a bolsa escrotal não “segura” mais no corpo (1, IXa), também ela pode “cair” a qualquer momento, é apenas um penduricalho fácil de ser castrado e a respeito do qual é preciso perguntar constantemente: “levanta, ou não levanta?” Também aqui voltamos a constatar a “*dévalorisation*” que imprime uma marca em toda essa existência no sentido da “desvalorização” daquilo que *está vivo* e sua transformação em mero *material* e em mera *técnica*. Se os escrotos fossem

“*solidamente aparafusados*”, mesmo que sob “esperta economia de material”, poderíamos ter mais confiança em sua solidez. Mas Jürg Zünd precisa da ajuda do suspensório que, por sua vez, pode facilmente “escorregar”, expondo-o ao deboche dos outros. O que o incomoda, no entanto, não é apenas a “flacidez da pele do escroto”, mas também a sua assimetria. Também neste sentido o Teste de Rohrschach é ilustrativo: Já no primeiro teste, Jürg Zünd havia comentado: “Em *tudo* chama a atenção a simetria” (veja também o 2º teste, p. 218). A ânsia por simetria é apenas *um* traço da *ânsia por ordem* (2, IX) e por *soluções definitivas*. Isso corresponde à *geometrização* do mundo, que dá continuidade à mecanização e à materialização do mesmo em direção à dimensão *matemática*. “A simetria” – assim afirma *Simmel* com muita propriedade - “é a primeira prova de força do racionalismo, por meio do qual somos distraídos da falta de sentido das coisas e de encará-las sem questionamentos”. Para Jürg Zünd, no entanto, ela não significa a *primeira* manifestação de força, mas – diga-se de passagem – o “*último*” esforço do Dasein para impedir que o mundo hostil “cresça por sobre a sua cabeça”, para ajustar contas com ele “definitivamente”, fazer uma arrumação, colocá-lo “ad acta”, jogá-lo por cima do convés do navio (p. 218 e 230), para “nada mais ficar sabendo”, para estar “no nirvana”, para poder *recomeçar* desde criança. O Teste de Rohrschach é muitíssimo “eloqüente”: “Como se tivéssemos que dobrá-lo pelo eixo longitudinal, a fim de guardá-lo”, para que ele não cresça mais por sobre as nossas cabeças. Jürg Zünd lida com as pranchas do Teste de Rohrschach da mesma forma como lida com o mundo de um modo geral. Tão perto do corpo quanto ele está e tão hostil quanto ele é, Jürg Zünd procura *empurrá-lo* para longe de si - o que fica evidente a cada vez pelos seus *gestos* desamparados e desesperados, forçados, eruptivos. Nos gestos dele, tanto quanto em suas palavras, traduz-se a negação do mundo, visto como mundo torturante (sofrido, assustador), ou seja: o *negativismo*. Este negativismo é uma

expressão da *fraqueza* existencial, que “não suporta mais nenhuma carga”: “ao barril não pode ser arrancado o fundo” é a tradução da “falta de reservas psíquicas”, do estar encalhado e “alquebrado moralmente”; o negativismo não é, portanto, de modo algum um “sintoma primário”, comum na esquizofrenia. Quando Jürg Zünd explica: “Eu não tenho mais contato com a crua realidade”, esta constatação tão freqüentemente escutada por nós, os médicos, representa o ‘não dar mais conta deste mundo’, mas de modo algum se refere à simples falta de superfícies de contato, de *contato primitivo*. A falta de contato, nesse caso, não é um “sintoma primário”, mas um “efeito secundário” de mutações mais profundas do Dasein! A falta de contato é justamente a expressão da subjugação da existência pela *prepotência* do mundo, do estar atolado *nele*, da *supressão da liberdade* da existência e de sua *distância* em relação às pessoas e às coisas! O déficit de contato baseia-se no déficit de distância – e não de proximidade! Ele é a expressão do estar *emaranhado* com as pessoas e coisas e do “*effort*” resultante desse *estar emaranhado* por libertar-se delas, por mantê-las “longe do corpo”. A ordem simétrica é apenas *uma* etapa do caminho da libertação da prepotência do mundo, através de sua “niveação” ou “coordenação” geométrica, em direção ao Nada absoluto, ao Nirvana, a partir do qual mundo e vida serão reconstruídos. (Jürg Zünd parece afirmar junto com Ellen West: “Ó destino, cria-me de novo, mas cria-me diferente!”). Em resumo, o déficit de contato é o resultado da tentativa (o último “*effort*”) mais ou menos bem-sucedida de transformar o mundo em nada, e nascer outra vez. É uma espécie de retorno ao ventre materno e uma regressão à *infância*, como afirma a Psicanálise, assim como também a instância dos cuidados maternos como proteção contra a catástrofe ameaçadora. Faz parte disto, como em Ellen West, o estar isolado do futuro e o realizar-se através da retrospecção. O que deveria ser uma conquista do Dasein por seus próprios meios, o amadurecimento em direção ao futuro, o domínio de

seu próprio ser através de uma temporalização *autêntica*, manifesta-se neste caso como o abrir mão do si mesmo e o entregar desesperado do si mesmo ao Nada.

No que diz respeito ao *último “effort”* como um todo, é altamente instrutivo acompanhar as duas modalidades nas quais ele se manifesta em Jürg Zünd. Ele não objetiva apenas a “solução definitiva” no sentido da superação do mundo pelo Nirvana ou o nascer de novo, mas também através da *morte* e, por sinal, da morte *exógena!* Ambas são – como já sabemos por Ellen West – apenas os dois lados da mesma questão. Jürg Zünd encara como natural o fato de que o médico deva compreendê-lo, sem mais, quando ele solta a frase: “*O delinqüente realmente anseia por sua execução*”. Com isso é também lançada uma luz sobre aqueles “sonhos de decapitação” que sempre e sempre se repetiam na tenra infância. Hoje seria muito fácil simplesmente interpretá-los como fantasias de castração. O problema, aqui como em todos os lugares, é o de conhecer a forma do Dasein a partir da qual o surgimento de tais fantasias se torna compreensível. Sem dúvida o medo da catástrofe, em Jürg Zünd, tem ligação com o medo da castração. Mas, como é que um medo desses – assim como o medo da castração - toma conta de um Dasein, como isso é possível, *essa é a questão*. A resposta é: *pelo fato de* o Dasein já ser, por si só, um Dasein em risco – o que fica muito evidente em Jürg Zünd - por ser um Dasein já carregado de culpas e rasgado pela dissonância do mundo, o medo do castigo por causa da masturbação e de suas conseqüências consegue se transformar em um fator tão importante do histórico de vida, “tão pesado em conseqüências”. Quando o delinqüente (também o delinqüente pela masturbação) *anseia* por sua execução, ele está preferindo um fim através de um susto no lugar de um susto sem fim. Usando um termo popular, ele ‘não agüenta uma existência tão assustadora’. Pois este susto é o ser-no-mundo em si, que não encontra mais apoio, confiança ou abrigo ou lugar algum, mas transforma o mundo em inimigo, pintando-o como estranho,

hostil, sinistro e aterrorizante, atirando, assim, o si-mesmo na dependência, na ameaça e na angústia. Também neste caso o suicídio seria uma “solução definitiva” por um último “*effort*”, como vimos no Caso Ellen West. Mas mesmo para isto, Jürg Zünd está muito “alquebrado”, muito “enfraquecido”. Ao invés disso, ele anseia por uma solução definitiva advinda de uma violência externa, pela guilhotina. Ao mesmo tempo, no entanto, ele tem um medo sem tamanho dessa catástrofe que já lhe saltava diante dos olhos, aterrorizante, desde a primeira infância. Ele sabe por quantos “espasmos” a vida precisa passar antes de se esvair em sangue (p. 195). Por essa razão, ele dá preferência à segunda solução, aquela que deve partir do mundo: ele procura a solução definitiva através da *suspensão* do *contato* tão doloroso com ele, através do distanciamento dele, através da atitude de colocá-lo *ad acta*, até chegar à total nihilização ou destruição. Destruição do mundo ou destruição de si mesmo, esta é a questão que se coloca - e que também era a questão abismal de Hamlet. Menos “ativo” e decidido que Ellen West, que olhava com coragem no olho do Nada, o Dasein de Jürg Zünd se corrói em uma porção de últimos “*éfforts*”, dos quais nenhum leva ao fim desejado. O mundo não permite ser colocado *ad acta*, nem dobrado ao meio, ele não é de modo algum simétrico como as pranchas do Rohrschach, mas é *surda* resistência, áspera *realidade*, *front de arame farpado* que fere, vida *hostil*, *prepotência ameaçadora*. Diante dele, a existência se encolhe cada vez mais, torna-se um centro de ação dos últimos, mas sempre, de novo, penúltimos e antepenúltimos esforços.

No que diz respeito, para finalizar ao *Teste de Associação*, conforme mostrado na ocasião (p. 218 e 230), a solução da “tarefa prática” significa, a *cada* reação, um esforço em si, a *cada* tarefa Jürg Zünd tem dificuldade em “ficar pronto”, em liquidá-la ou em colocá-la *ad acta*. Cada “tarefa de pensamento”, cada palavra-chave coloca-o “imediatamente diante de uma catástrofe”. Jürg Zünd, por meio de movimentos bruscos

e de gesticulação, realmente procura livrar-se¹⁶ “convulsivamente” de ficar aprisionado em cada *situação* de vida que emerge depois de uma palavra-chave, de um contato *muito estreito* com o mundo, e é necessário um esforço cansativo, um grande dispêndio de tempo até que ele consiga produzir o “*effort*” de selecionar palavras e de pronunciá-las. Depois que as comportas se abrem, as palavras passam a fluir, conforme pudemos constatar.

O Teste de Associação também confirma em todos os aspectos as afirmações que fizemos até aqui. Se o leitor se der ao trabalho de passar em revista todas as reações, isoladamente, ele se convencerá do quanto é uniforme o retrato do Dasein que nos saltou aos olhos a partir do Teste de Rohrschach, do Teste de Associação e dos relatos pessoais do paciente. Recomendamos a releitura de nossas explicações daseins-analíticas prévias, à pag. 226. A forma plena de sentido em que surge o mundo, no Teste de Associação, nada mais é do que a expressão da proximidade, do *contato próximo demais* com o mundo, nada mais é do que a excessiva proximidade física do mundo, distribuída em percepções sensoriais isoladas, também quanto ao sentido do olfato, é o aproximar-se demais do corpo. É o “viver com o nariz” ao qual o próprio Jürg Zünd se refere, o viver com os olhos e os ouvidos, com a pele e com a língua.

Este é exatamente o estilo de vida que *Buffon* descreveu em seu “Discours sur le style” como o *estilo* (verbal) *da proximidade*, a saber, como um estilo que mostra apenas as pontas e as arestas dos objetos (as “Vor-teile”, em nosso idioma) (* N.T. Die Vorteile, em português, seriam “as vantagens”; desmembrado em “vor” e “Teile”, como Binswanger o fez, nesta observação, seriam as peças proeminentes, ou seja: aquelas partes dos objetos que se destacam ou sobressaem e que podem causar um ferimento), as características que saltam aos olhos, “*les traits saillants*” (os traços salientes). Este estilo teria como traços marcantes (assim como Jürg Zünd durante o Teste de

Associação, seja antes, durante ou depois da superação de sua resistência) os tons patéticos, a ampla gesticulação e a verborragia!¹⁷

Genialidade e insanidade

Mas não é só no que diz respeito à questão do estilo de linguagem que o estilo de vida no nosso caso é muito instrutivo. Existe um outro problema, muito mais profundo, diante do qual nosso caso nos convida a tomar uma posição. Referimo-nos ao problema da *genialidade e da insanidade*. É claro que nosso interesse, aqui, não reside nas relações empíricas entre genialidade e doenças mentais, tanto no que diz respeito aos aspectos biológico-hereditários, como no sentido clínico. Pelo contrário, estamos de olho nas “formas de viver”, nos modos geniais e loucos de ser do ser-no-mundo.

Se existe algo em comum na *origem* destes dois modos de ser, então é o sofrimento da *proximidade* do mundo (“a relação íntima com as coisas”) e o caráter *urgente* de sua temporalização. No entanto – como vimos claramente no caso Jürg Zünd, - a proximidade e a urgência (*Dringlichkeit*) do mundo se transformam em imposição (*Aufdringlichkeit*) ou mesmo em ameaça catastrófica; e, enquanto o doente procura fugir dela (distanciar-se dela) por meio de um *acobertamento* infrutífero, por uma tentativa frustrada de rechaço e, finalmente, por uma retirada total *do* mundo, em direção ao vazio da abstração - despida de todo conteúdo vivo e possível de ser representado - e em direção ao vazio da (má) Eternidade - enquanto nesse caso o si-mesmo é subjugado, sugado pelo mundo, o gênio se eleva da *proximidade* do mundo em direção à *altura acima* do mundo, da opressão temporal em direção à verdadeira eternidade do *amor*, no “contato *simpático*” com as coisas, as pessoas e Deus¹⁸. Enquanto a insanidade é a proximidade inimiga, a desconfiança, o sofrimento, a grande impaciência, a perda do si-

mesmo e a mundaneidade, a genialidade é a ação, a criação, a construção de si mesmo e do mundo, a diligência, “*attente infinie*”¹⁹ na expectativa *amorosa*, imaginação e inspiração. E, enquanto a genialidade se nutre justamente do sofrimento e nele *crece*, o sofrimento da insanidade *se consome* em seu próprio sofrer. Eros multiplicador *está diante* da insanidade, destruidora de si mesma. Isto quer dizer que a plenitude existencial do Eu e do Tu no Nós está diante do vazio existencial, do “eu-sem-você” ou do eu-sozinho que se auto-consome. Isto vale tanto para a falta de amor do esquizofrênico, a incapacidade de amar do depressivo e o delírio de amor do maníaco.

Se, como *Dylthey* anotou certa vez em seu diário²⁰, “a genialidade do espírito contemplativo é o dom de chegar a ver por si mesmo os objetos e o mundo, deixando de lado todas as idéias pré-existentes sobre as coisas e o mundo, sentar-se diante deles, ‘*vis-à-vis*’ e sem nenhuma etiqueta”, então o esquizofrênico - como o demonstra o caso Jürg Zünd - já de início fica aprisionado na etiqueta tradicional, para depois trocá-la por uma nova “etiqueta” teimosa, destinada apenas para o consumo próprio, na qual ele cada vez mais *acoberta* não só a si mesmo, mas também aos objetos e ao mundo. Este é o exato oposto ao modo de ser da genialidade. Pois esta última reside em “*revelar*” não só os “objetos”, mas pura e simplesmente “o objetivo”, em abri-lo ao olhar, à compreensão de todos como sendo aquilo que temos em comum²¹. Portanto, enquanto o gênio vivencia o “ancestral” como algo altamente objetivo, e, no movimento para alcançar a objetividade, “forma” a si mesmo e a nós, o esquizofrênico o vivencia como algo altamente subjetivo e fica paralisado em seu isolamento e em sua escuridão. Daí decorre outra coisa: Se o gênio – como *Schiller* escreve a *Goethe* em sua magnífica interpretação da genialidade deste último (em 23 de agosto de 1794) – se o gênio “faz uma ponte com as leis objetivas, sob a obscura, porém certa influência da razão pura”, o esquizofrênico faz uma ponte com leis subjetivas, sob a influência obscura,

insegura e totalmente diferente da razão impura, passionalmente perturbada. E se, mais adiante, – como consta nesta mesma carta a *Goethe* – o gênio de Goethe só consegue afirmar que “precisa transpor conceitos em intuições, e pensamentos, em sentimentos” – o que se aproxima bastante da definição de *Dilthey* - nós constatamos algo parecido, principalmente aos solavancos e não a partir da amorosa intuição ou imaginação (“*communio*”, “*accord*”) que, sozinha, garante a pura objetividade e a produção objetiva, mas através do sofrimento subjetivo pelo *désaccord*, do ensimesmamento que permite apenas produção “subjetiva” e sentimentos “subjetivos”.

Por tudo isso, relacionar o genial ser-no-mundo com o insano ser-no-mundo, no sentido *clínico*²², constitui um total desconhecimento dos fatos. Se, mesmo assim, insistirmos em fazê-lo, isto só será possível no sentido do *diametralmente oposto!* É, pois, com razão que *Ernst Jünger*²³ acusou a nossa era de pensar reconhecer na genialidade uma forma de insanidade, como se esta fosse a “posse do mais alto grau de saúde”.

III. A EXISTÊNCIA

O ‘modus’ singular

a) A temporalidade

Dasein, de acordo com *Heidegger*²⁴, é ser no modo do gerúndio (*Seiendes*), é existência que, em seu modo de ser, se conduz compreendendo este ser. Este é o conceito formal de *existência*. O Dasein sempre se entende a partir de sua *existência*, o que quer dizer: a partir de uma possibilidade própria de *ser* ou *não ser si mesmo*. Estas possibilidades, o Dasein ou as escolheu ele mesmo, ou caiu dentro delas ou, então, já se desenvolveu no meio delas. De acordo com isso, a existência pode ser aproveitada ou, então, desperdiçada (a.a.O. p. 12); o Dasein pode existir como um Dasein independente ou

dependente, como um Dasein genuíno ou não-genuíno. E, uma vez que é a existência que define o ser do Dasein, e sua natureza é constituída juntamente com o *poder ser*, o Dasein, enquanto existir, podendo ser, *não deve ainda ser* algo (p. 233). Nesse sentido, o Dasein, em seu ser, é sempre *futuro* (p. 325).

Como vimos, Jürg Zünd *creceu* como uma existência *dependente e não-autêntica*. O Dasein, no caso, nunca foi *ele mesmo*, nunca foi escolhido, muito menos aproveitado, mas, desde o início, desperdiçado! É próprio do sofrimento, da tortura deste Dasein que ele não consiga não só ir de encontro ao tu, mas tampouco chegar até si mesmo, ser si mesmo. Jürg Zünd o tempo todo parece correr atrás de seu Dasein, sem jamais conseguir alcançá-lo, agarrá-lo, tomar posse dele, o que dirá, então, ultrapassá-lo. Daí as suas constantes lamentações sobre sua vida falida, sua existência “insípida”, estragada, e seu desejo de estancar o tempo, voltá-lo para trás até o seu 15º ano de vida, e mesmo até à infância, para recomeçar outra vez como criança. Daí também a sensação de haver sobrevivido a si mesmo e estar andando por aí como um cadáver com vida. Ele na verdade nunca “ousou assumir” seu Dasein, nunca se tornou independente, sempre foi “inibido” em seu genuíno potencial de ser, i.e., totalmente preso no passado e “isolado do futuro”. Ele só consegue sentir-se mais ou menos bem entre aquelas pessoas que morreram há tempos. Pelo fato do passado ser excessivamente dominador, ele não consegue ter esperança nenhuma em relação ao futuro. E tudo isto – como também já vimos – porque seu Dasein não só estava à mercê do mundo compartilhado desde a mais tenra infância, que, por sua vez, estava dividida entre meios antagônicos que se digladiavam, mas também jamais conseguiu “salvar” a si mesmo deste jugo. Ele estancou nas tentativas frustradas de ganhar a si mesmo. Pelo fato de Jürg Zünd ter a plena compreensão desta situação, mas não ter a força necessária para mudá-la, ele está *desesperado* e, como Ellen West, enxerga a possível salvação primeiramente na

desesperada tentativa “de recomeçar do início” para existir como um si-mesmo melhor, mas, por outro lado, pela vontade de desaparecer na massa anônima como indivíduo ou, ainda, como uma terceira alternativa, pelo dissolver-se no Nada, alcançar o Nirwana. A estas três “fantásticas” tentativas de salvação em relação ao Dasein acrescenta-se ainda uma quarta, a única “prática”, ou seja, uma tentativa pertencente ao mundo da ‘praxis’ ou da ação, a de dominar o Dasein *momentaneamente* através de um “último *effort*”.

Tudo o que dissemos acima foi com a finalidade de resumir aquilo que já sabemos. Também no que se refere à *temporalidade* só pode tratar-se, por enquanto, de um resumo de análises anteriores. Com referência à primeira tentativa de salvação, “o tempo” não só precisa ser detido, mas voltado atrás; com referência à segunda, tudo depende daquele momento de entusiasmo pela guerra; na terceira, o tempo deixa completamente de fluir, sem nem mesmo passar para a eternidade. Somente no que tange a quarta tentativa, a única tentativa “prática”, é que surge não só uma fantástica quimera do tempo, mas uma “verdadeira” - mesmo que apenas momentânea - *temporalização*. Todas essas tentativas de salvação e “modi” temporais, as três que literalmente se fincam “na fantasia” e uma prática, são produtos da fracassada *temporalização genuína*, da *existência* ou *criação de si mesmo* fracassadas, ou seja, é produto daquilo que denominamos *labilidade* existencial - e que já analisamos exaustivamente. O correlato da labilidade existencial ou impotência existencial é a prepotência do mundo, o que sempre só pode querer dizer a subjugação do Dasein *diante* do mundo. As três tentativas fantásticas são *desesperadas*, porque o Dasein, aqui, procura se subtrair à prepotência do mundo fazendo uso “da mais miserável das artes solo” (*Kierkegaard*), a saber, o mero *desejar*; e desesperada é a quarta tentativa, pois ela só pode ser alcançada provisoriamente “com a força do desespero”, o que quer dizer, com um *último* esforço ditado pelo desespero. Dizemos ‘provisoriamente’ não só

porque nesse caso apenas um único momento do Dasein (mas não o verdadeiro *presente*) pode ser temporalizado, mas também porque essa temporalização só é possível como uma mera (e *fugidia*) liquidação, como um “dobrar ao meio” ou um colocar-ad-acta (em oposição a um agarrar, explorar e dominar da situação de forma independente). Isto vale não só para a situação prática, mas também para a situação do pensamento. (Também a execução do pensamento é um agir no sentido mais amplo da palavra). A inconstância e a labilidade existencial revelam-se aqui pela superação da situação através da *abstração* (que nivela e que desvaloriza). Quando Jürg Zünd não consegue “salvar-se” na abstração, na solução genérica “abstrata” diante de uma situação de pensamento concreta, ele sente dolorosamente a sua derrota. A tendência à abstração – que constatamos em tantos esquizofrênicos - é, portanto, expressão de fraqueza pessoal, do “não dar conta” da densidade concreta do mundo, como impossibilidade de *libertar* a si mesmo da *submissão* ao mundo. O pensamento abstrato, tantas vezes apontado nos esquizofrênicos, assim como o déficit de contato com o mundo circundante e o mundo compartilhado, não é um sintoma primário da esquizofrenia, mas uma manifestação parcial do Dasein esquizofrênico de um modo geral, de sua subjugação à *prepotência* do mundo e da tentativa de afirmar-se de algum modo, ainda, neste mundo.

Essa prepotência revelou-se a nós na forma da espacialização da *proximidade* opressiva e na forma da temporalização da *urgência* imediata (p. 247 e 251 s.). Aqui nos interessa somente a última. A urgência é o ‘modus’ de temporalização da aflição, do perigo constante do repentino ser levado pela orelha ou pelo ponto fraco, ou seja, da subjugação opressiva, perigosa, catastrófica do Dasein, que só pode ser enfrentado com um esforço “derradeiro”. A urgência (*urgence*) é o ‘modus’ de temporalização da *pressão* e do *choque* e do *choque* e *contrachoque* momentâneos. O Dasein nesse caso

não se mostra de forma fluido-contínua, não se *estende* continuamente em direção ao futuro, mas apresenta-se de forma abrupta, aos solavancos, em *repentinos* “solavancos”, dobraduras, *efforts*. Isso vale tanto para o agir, no sentido mais estrito, como para o pensar. No lugar do fluir do tempo, sempre acontece de o fio do tempo se romper, ou, no mínimo, se dobrar – aquele fio que o próprio Jürg Zünd denomina o fino “fio-condutor vermelho” de sua vida. No âmbito do agir, corresponde a esse fio a ruptura da decisão em uma porção de últimas decisões isoladas (*efforts*); no âmbito do pensar, corresponde a ruptura do fio do pensamento em uma porção de fragmentos, subjetivamente percebidos como a sensação de que o pensamento ‘não-mais-engata’ (p. 211). O fato de que tanto no agir como no pensar ainda ocorra um “desesperado” esforço, é expressão de que o Dasein, enquanto está aí, por força ainda deseja que algo “funcione” ou ocorra²⁵ - como já foi enfatizado no estudo sobre Ellen West – ou seja: mesmo que ele não consiga mais “fazer um balanço” de si mesmo (p. 225), de alguma forma ele ainda se afirma através de algum pensamento ou decisão momentânea, ou através de alguma ação, por mais desesperada ou por mais terrível que ela seja (veja *Hölderlin*, p. 134 s.), por mais que, vista de fora, ela não faça sentido, seja bizarra ou absurda. O último *effort* - tanto no agir, como no pensar - é aquele último ato de auto-afirmação, da salvação do si-mesmo do naufrágio (ou o que quer que signifique “*fim do mundo*”!), da “catástrofe” *iminente*, do *repentino* escancarar das portas do inferno do *horror desnudo!*²⁶

Finalizando, se quisermos ainda comparar o ‘modus’ de temporalização da existência no caso Jürg Zünd com aquele da existência de uma Ellen West, precisaremos ainda passar uma vista d’olhos nas regiões de mundo, uma a uma. Em Jürg Zünd, corresponde ao mundo *etéreo* dos desejos aquilo que encontramos expresso nas três primeiras fantasias de salvação: em primeiro lugar, o *começar-tudo-outra-vez-desde-o-começo*, ou seja,

mesmo renegando e apagando a existência desesperada, “insípida”, nada autêntica, continuar sendo “si-mesmo”, mas, ao mesmo tempo transformando-se em um “novo-si-mesmo”. Ou seja: ao invés de permitir chegar, “futuramente”, o Dasein existencialmente amadurecido de modo autêntico, ele quer atravessá-lo de forma *brutal-fantástica*, insurgindo-se contra o tempo e voltando atrás o tempo-do-*relógio*; em segundo lugar, o *abrir mão* do *si-mesmo* na fusão com a *massa* anônima, no ser-si-mesmo dependente e não-autêntico, e, finalmente, o abrir mão do *Dasein* integralmente, na dissolução no Nirwana. O mundo etérico, aqui, é imaginado e desejado de forma menos passional do que no Caso Ellen West, apesar de uma harmonia muito mais extensa.

Os esforços por mascarar e os últimos *efforts* para a “aniquilação” do mundo prepotente pertencem ao mundo *prático*. Esses esforços correspondem às práticas de Ellen West para evitar o ganho de peso. O ‘modus’ de temporalização, em ambos os casos, é o da *urgência*. Em ambos os casos, no entanto, torna-se mais e mais difícil o “fincar pé no mundo do trabalho” e o “caminhar a passos largos *sobre* a terra”.

Ao mundo das *tumbas* de Ellen West corresponde, em Jürg Zünd, o “mundo” da matéria, do duro e resistente *material* dos objetos e das pessoas que produz ferimentos, o constante ser ameaçado pela pressão e pelo choque, a prisão no sofrimento pelo fato de ser diferente dos outros (enquanto Ellen West sofria por ser diferente daquilo que correspondia ao seu próprio ideal). O ‘modus’ de temporalização desse mundo é, como lá, o de engatinhar – que, no fim, nem mesmo “avança para frente”: nada acontece, nada caminha, o tempo fica parado a não ser que a irrupção do repentino assuste e acorde o Dasein para um “último *effort*”. Uma vez que, nesse caso, o espaço em que o Dasein ainda consegue se *movimentar* se torna cada vez menor, a existência gira em torno de si mesma de maneira torturante, como se estivesse em uma tumba apertada.

b) O tempo vazio do autismo

Contudo, o modo de ser acima descrito não deve ser de modo algum confundido com o *tédio*. No *tédio*, o tempo também “se arrasta”, “não sai do lugar”. É uma forma de temporalização que, de um lado, “preenche o tempo” com uma constante antecipação daquele “momento” que deverá nos libertar e, de outro, com o simples avançar do ponteiro do relógio, da medida objetiva do tempo. No *tédio* é expressa o descompasso entre o tempo vivido na orientação para o futuro e o fato temporal objetivo, o tempo do mundo. A essa desproporção, no entanto, sempre ainda corresponde uma *Gestalt* temporal definida, a saber, a *Gestalt* temporal do (relativo) *vazio*. Ela é uma *Gestalt* temporal do *vazio* relativo porque é preponderantemente “preenchida” com a vivência monótona do objetivo esperado, de um lado e, de outro, com a trajetória do ponteiro do relógio. Essa “monotonia” corresponde à retirada do *Dasein* do mundo da práxis, do pensamento e da fantasia direcionados ao mundo do corpo, suas sensações e “automatismos”, tais como o coçar, o arranhar, o bocejar, o empurrar para cá e para lá. No *tédio*, trata-se também de uma *Gestalt* temporal totalmente válida, a saber, a *Gestalt* temporal de um sofrido *vazio* de tempo.

Bem diferente é o que ocorre no *autismo* esquizofrênico: não se trata mais da *Gestalt* do *vazio* temporal, mas da *não-Gestalt do tempo vazio*. Temos, então, diante de nós a mesma oposição - apontada por *Lotze*, *Brentano* e, especialmente, por *William James* - entre as conscientizações do *vazio* (*consciousness of emptiness*) e estados vazios da consciência (*emptiness of consciousness*). Mas hoje não devemos mais nos contentar apenas com essa constatação; pelo contrário, temos que mostrar como essa oposição pode ser descrita e compreendida do ponto de vista *daseins-analítico*. A *Gestalt*

temporal do tédio, conforme já exposto acima, pressupõe a possibilidade de uma genuína e “plena” temporalização, uma vez que o tédio é justamente a expressão do descompasso entre a temporalização genuína, existencial - e a temporalização do mundo não-genuína, que sucumbiu ao compasso do ponteiro do relógio. Quando uma pessoa afirma que “não sabe o que é tédio”, isto significa que sua existência é tão “rica”, tão cheia de possibilidades, que ela consegue temporalizar-se *genuinamente em qualquer* situação (pela fantasia, pela imaginação, pelo pensamento etc.), ou seja, *sem* se submeter ao tempo do mundo. O outro extremo é representado por aquele indivíduo que “jamais sente tédio” porque não possui mais nenhuma possibilidade existencial e, *por isso*, não consegue vivenciar o descompasso entre a temporalização genuína e o tempo do mundo. Uma pessoa destas também não consegue mais submeter-se ao *tempo do mundo* (o que representaria ao menos uma forma de temporalização, mesmo que não-genuína). Uma pessoa destas é um esquizofrênico autista. Se pensarmos que ele deve sentir-se entediado por estar sentado inerte por horas a fio, sem se mexer, só estamos “projetando” nele a nossa forma de temporalização! A prova de que estamos enganados encontra-se no fato de que não o vemos prestar atenção no ponteiro do relógio, de que ele não afunda em seu mundo carnal, não se coça, não boceja, nem se mexe “impaciente”, para cá e para lá, em seu lugar. (As estereotípicas esquizofrênicas, naturalmente, não são sinais de tédio, mas repetições entorpecidas de atitudes e situações existenciais). Por tudo isso, no autismo esquizofrênico não se trata da *Gestalt* do vazio temporal, mas da *não-Gestalt* do *vazio temporal*. Essa *não-Gestalt*, esse desmoronar da *Gestalt* temporal como tal é o lado oposto, o correlato do empobrecimento ou do esvaziamento *existencial*.

Tudo isso é da maior importância para a compreensão do *autismo* esquizofrênico! Isso nos leva exatamente lá, para onde aquele esquizofrênico inteligente nos conduziu,

explicando-nos que o traço fundamental e o ponto central da tragédia do louco residem no fato de que em lugar nenhum se encontra disponível um *parâmetro de medida* do tempo, e sua condição psíquica geral pode muito bem ser inferida como sendo *eterna*, razão pela qual qualquer comunicação (!) fica excluída e qualquer decisão (!) independente é paralisada de antemão²⁷. Fica muito evidente, portanto, a coincidência entre o relato pessoal de um esquizofrênico e o resultado da Daseins-análise de um paciente esquizofrênico. Seria preciso acrescentar, ainda, que um *parâmetro de medida* de tempo não está disponível porque a existência não mais se temporaliza. Se nós, junto com o paciente Hahnenfuss, chamarmos esse “estado” de *eterno*, precisaremos ter em mente, concordando com o próprio paciente, que, se trata de uma eternidade “ruim” e vazia - e certamente não de uma eternidade “boa” e plena. Ou seja: não é a eternidade do instante perene da existência na ação, nem a eternidade da plenitude e do excesso no amor.

Voltando mais uma vez à comparação com o Caso Ellen West, constataremos que também no Caso Jürg Zünd ocorre um esfacelar das estases do tempo, pela presença predominante do passado, pelo *já-estar-em* (atirado em uma existência “insípida”) e pelo completo retrocesso na construção do futuro do Dasein, do ser-adiante-de-si-mesmo – o que tem como resultando a impossibilidade da construção de qualquer presente autêntico; mas o “esfacelamento” do planejamento do tempo vai ainda mais longe: vai quase até o esgotamento da temporalização em si, no sentido da eternidade vazia. Dessa “condição” psíquica – como afirma o paciente Hahnenfuss – o Dasein consegue se temporalizar somente aos solavancos (“de forma abrupta”), *momentaneamente*, por meio de últimos *efforts*. Temos, então, diante de nós - como em muitos estados terminais, nos quais desaparece até mesmo este último *effort* - o autismo esquizofrênico completo²⁸.

IV. RESULTADOS DA DASEINS-ANÁLISE

É chegado o momento de apresentar de forma resumida - e, eventualmente, permitir que surja com uma nitidez ainda maior - a maneira como o Dasein, no Caso Jürg Zünd, se comporta em relação ao si-mesmo. É de grande importância, para nós, que uma existência que apresenta com tanta riqueza o caráter geral do ser-no-mundo autístico (mesmo que não seja o do autismo completo), possa ser compreendida de forma muito mais ampla do que aquela que é possível hoje, com todos os meios que temos à nossa disposição.

Concentremo-nos na maneira como Jürg Zünd vive a sua vida, servindo-nos da categoria da linguagem coloquial, e veremos que esta “vida” é dominada pelas sensações de vergonha e inadequação, de culpa e castigo, de desconfiança e suspeita, de inveja e ódio, de sofrimento e tortura, bem como de enormes esforços por evitá-las ou reduzi-las. Em todos estes sentimentos e esforços está presente, em primeiro plano, a relação com o mundo compartilhado. Ao invés de nos perguntarmos – como o faria o psicólogo e psicopatologista – quais destes sentimentos são primários, quais secundários (o que estenderia essa discussão ao infinito), perguntamos e tornamos a perguntar: como deve ser entendido um Dasein que se apresenta assim diante de nossos olhos?

A resposta a essa pergunta, como vimos, nasceu da apresentação da singularidade estrutural de sua *Gestalt* existencial, na comparação com a estrutura essencial ou *Gestalt* do Dasein humano de um modo geral. Mostramos que é uma *determinada* falha e um *determinado* esfacelamento dessa estrutura que tornam compreensível este tipo de Dasein. Em primeiro plano, nesse Dasein, estava a *ausência* da sensação de acolhimento no seio e na eternidade do amor - o que representa a mais pesada perda de *Gestalt* que

pode acontecer a um Dasein. Onde essa perda de *Gestalt*, esse atrofiamento da estrutura do Dasein está presente, a “existência” também fica ameaçada. Pois, onde o Dasein não é embalado pelo amor e pela amizade, ele só pode “ficar transparente” para si mesmo no que diz respeito ao seu próprio Dasein, ou seja, ao seu Dasein singular²⁹. Quando o Dasein – como no nosso caso – também não consegue se temporalizar no ‘modus’ singular, ele *sucumbe* totalmente ao mundo; precisa, portanto, deslocar a ênfase de seu si-mesmo para o mundo compartilhado. (As razões pelas quais não é o mundo próprio que prevalece em nosso caso, mas o mundo compartilhado - ao contrário de Ellen West - foram apresentadas ao longo do relato do *histórico* de vida de Jürg Zünd). No entanto, junto com esse deslocamento da ênfase, ocorre a transformação de uma existência batalhadora, que age de modo independente, e uma existência sofredora, dependente e, ainda por cima, defensiva. De um indivíduo cujo Dasein se atrofiou em suas bases estruturais a tal ponto que não encontra abrigo no amor nem se ancora na existência, podemos afirmar com *Kierkegaard*: “Ele se esfacelou junto com as relações básicas do Dasein humano e, assim, as relações que deveriam conduzi-lo com segurança através da vida, transformam-se, para ele, em forças inimigas.”

Encontramo-nos, mais uma vez, diante do “processo” de *mundanização do si-mesmo*, ou seja, da *retirada progressiva de sua liberdade* e de sua dominação pela *necessidade* (mundana) ou pelos *acontecimentos* (mundanos), conforme descrevemos com muito mais detalhes no Caso Ellen West.

Esse processo de transformação, no entanto, pode ser acompanhado através da presença de cada uma das “sensações” mencionadas acima. Antes de darmos seqüência a esta tarefa queremos mostrar, mais uma vez, que esse processo como tal só pode ser compreendido a partir do ‘modus’ de temporalização predominante nesse Dasein. Nós o conhecemos como o ‘modus’ da *urgência* (*urgence*) e sua culminância em *repentes*, em

catástrofe. (Catástrofe (símbolos gregos) em grego significa, sabidamente, uma guinada repentina, uma reviravolta, uma derrubada, um final, uma destruição.) Mas essa urgência representa algo totalmente diferente daquilo que queremos dizer, por exemplo, com “operação urgente” (cirúrgica ou militar). Aqui a urgência reside totalmente no campo da situação ou da constelação mundana. Urgente é uma situação que exige de nós “uma rápida intervenção” (na situação), “para o afastamento” do “iminente perigo ou catástrofe” que *dela* emana. E só pode intervir aquele que, “decidido *pela* situação”, domina esta situação (tecnicamente) ou “está à altura dela”. Uma intervenção decidida e, ao mesmo tempo, por quem entende do assunto, nós denominamos uma ação no mais alto sentido de urgência *mundana*. Requer também uma participação existencial – como já fica evidente na palavra “decidida”.

Em contraposição a essa *determinação* e abertura diante do mundo, no sentido da urgência de uma situação mundana estão a *reserva* e a *indecisão* no sentido da urgência do Dasein e de seu “mundo”. Aqui não é a situação do mundo que é urgente, mas o Dasein como tal se temporaliza no ‘modus’ da urgência, do repentino. Isto quer dizer que ele não se temporaliza de forma contínua, mas, como vimos, de forma abrupta - até chegar a temporalizações momentâneas isoladas (*efforts*), que dispensam toda e qualquer continuidade e não permitem qualquer amadurecimento da existência; pois aquilo que está “entre” esses momentos é o vazio temporal, o vazio do tempo eterno, no sentido do paciente Hahnenfuss. Mas, como o repentino não parte da situação e da constelação mundanas, como ele não acomete o Dasein vindo “de fora”, mas – na condição de “última” possibilidade de temporalização – está sempre à espreita, podemos muito bem afirmar que ele sempre desaparece, ou que ele está sempre aí. O repentino não estimula o Dasein, na condição de *aberto-ao-mundo*, para a resolução do agir “no mundo”, mas *espanta-o*, na condição de *fechado-ao-mundo*, fechado em si mesmo,

impele-o à defesa ou à fuga. O Dasein é fechado em si mesmo porque não é nem amor, nem existência, nem tu-aberto, nem aberto-ao-mundo, mas, sob estas “condições de base do Dasein”, “arruinado”, subjugado ao mundo. Estar subjugado ao mundo é o exato oposto do estar aberto ao mundo, assim como o estar subjugado a um outro é o exato oposto do estar-aberto-ao-tu do amor. A última possibilidade de contato com o mundo de um Dasein tão fechado como esse é, pois, através do repentino³⁰. Tal como mostrou a nossa análise, este repentino é apenas uma outra expressão (temporal) para o ser-em-um-mundo (*compartilhado e circundante*) de pressão e choque, em um mundo distanciado do amor e da existência, em um mundo de decepção. No lugar de um amor e de *la valeur* (da existência), que fazem pouco de qualquer espécie de finitude, de mundanização ou de determinação, encontra-se, nesse caso, “*la haine de la valeur manquée*” e, junto com ela, a finitude e a mundanização do Dasein. Pelo fato do Dasein estar sob o signo “*de la haine de la valeur manquée*”, os outros não conseguem *ir ao encontro* do amor na condição (infinita) do Tu e do Vós, mas precisam ser apreendidos e *julgados* como *objetos* finitos, determinados, como *matéria* do ódio ou da inveja. Contudo, onde *la valeur* é odiada, o amor, a beleza, a bondade, a verdade são arrastadas ao esgoto (como vimos no Teste de Associação), lá o Dasein vive na *angústia*, tornando-se fechado ou “demoníaco”; pois a angústia nada mais é que a expressão desse fechamento contra *la valeur*³¹, em resumo, a expressão do “demoníaco”. É preciso, no entanto, sempre manter em mente que essa falta de “contato com o mundo”, de *abertura diante do mundo*, não significa o mesmo que *falta* do mundo! Pois acabamos de ver, justamente, que um Dasein como esse *se encontra sucumbido ao mundo*! E, uma vez que esse *encontrar-se sucumbido ao mundo* é expressão de fraqueza existencial, de falta de autenticidade, de falta de independência, de perda da própria existência, o *autismo* em última instância *não* significa “uma retirada do mundo”, ou “uma retirada para

dentro de si mesmo”, mas uma *subjugação* ou *dominação* do si-mesmo *pelo* mundo, ou seja, *mundanização* ou um *ser despojado de seu si-mesmo*. O pensar e o agir autísticos ou derreístas (* N.T. No pensamento derreísta, o pensar volta-se ao mundo interno do sujeito, suas fantasias e sonhos, manifestando-se como um devaneio no qual tudo é possível e favorável ao indivíduo) “não levam em conta a realidade” não porque o Dasein *se retirou* do mundo, mas porque “o mundo” *o absorveu!* Não podemos interpretar psicologicamente a vida anímica esquizofrênica com base na vida anímica normal, “colocando-*nos*” no lugar do indivíduo, mas precisamos compreendê-la de forma daseins-analiticamente neutra. Aí veremos – como os Casos Ellen West, Nadia e Jürg Zünd mostraram – que aquilo que nos impressiona como sendo uma retirada *do* mundo é justamente expressão do subjugar-se *ao* mundo e do entrar em conflito com ele, um conflito que, com toda certeza, *termina* em uma submissão à prepotência do mesmo. E é somente a certeza desta submissão, a vivência da *inevitabilidade* da *derrota* do si-mesmo que conduzem à evitação do contato com o mundo, à “perda de contato” - e que devem ser buscados não na raiz, mas já no tronco do processo esquizofrênico. *Autismo* não é, portanto – repetimos – expressão (primária) da falta de mundo, mas labilidade existencial de um Dasein atrofiado em sua estrutura de Dasein. Mas, também a construção do mundo alienado esquizofrênico a partir do “fim do mundo” deve ser entendida apenas a partir do estar à mercê *do* mundo. Existência genuína, abertura decidida ao mundo jamais levará à insanidade, pois ela é justamente o contrário da mera presunção e, mais ainda, da insanidade “incorrigível”.

a) Angústia

Se nos voltarmos, agora, à compreensão dos “*sentimentos*” isolados que dominam o Dasein no Caso Jürg Zünd, já teríamos dito quase tudo, tanto a respeito da *angústia*, como do *ódio* e da *inveja*. A angústia, nesse caso, tanto é um estado crônico (*anxiété* = ansiedade, receio, inquietação aflitiva), como também um estado momentâneo (angústia, “ataque de pânico”). Isso corresponde exatamente àquilo que dissemos acerca do repentino. Assim como o repentino, que, de acordo com uma observação muito pertinente de *Kierkegaard*, representa a continuidade aparente da reserva (em oposição à verdadeira continuidade existencial madura), assim também a angústia. A angústia e o repentino são apenas duas expressões diferentes para um mesmo fenômeno do Dasein; a primeira é uma expressão psicológica, a última, daseins-analítica. Por isso não devemos nos admirar se aquilo que nossos pacientes afirmam acerca de sua angústia fatalmente coincide com aquilo que *Kierkegaard* afirma sobre o repentino: “Num instante, ele está lá, no outro, desapareceu; e, assim como sumiu, ele volta outra vez, com toda força e intensidade. Ele não se submete nem à continuidade, nem à interrupção”. (a.a.O. 129). Em outras palavras: quando e enquanto a angústia domina o Dasein, todo amadurecimento existencial fica excluído; pois, na condição de amedrontado (o correto seria dizer: na condição de estar continuamente atemorizado) o Dasein – em oposição à verdadeira *angústia* religiosa e existencial – não se antecipa, mas fica perturbado e aprisionado pelo já-ser no ter-sido. A angústia é uma *perpetuação* forçosa do ter-sido.

b) Vergonha e infâmia

A melhor maneira de explicar como se dá o processo de mundanização do Dasein é através do sentimento de *vergonha*, de *infâmia* e de *culpa*, conforme já pudemos mostrar no final do caso Nadia (veja p. 155 e ss.), pela predominância do referencial do

mundo compartilhado sobre o referencial do mundo próprio. Assim como em Nadia, também em Jürg Zünd está em primeiro plano o medo de chamar a atenção dos outros, assim como Nadia, Jürg Zünd também se protege desse chamar a atenção por meio de inúmeras “práticas” com a finalidade de esconder-se dos outros. Mas, ao contrário de Nadia, Jürg Zünd não só se sente percebido e observado física e corporalmente, mas também *psiquicamente* desnudado e “olhado através”. Neste sentido, sua tortura é ainda maior e suas táticas para esconder-se são ainda mais complicadas. No entanto, ambos os casos têm em comum o fato de que *la pudeur* (a vergonha “protetora” ou existencial) quase que desaparece diante de *la honte* (a vergonha) que esconde ou que revela ao público e que está a serviço do prestígio social. Esta mundanização da vergonha não é, de modo algum, algo característico da esquizofrenia, mas por um lado podemos apontar nela, com a maior nitidez, justamente aquilo que denominamos processo de mundanização, e, por outro, podemos já agora pressupor que o *delírio* de atenção e de referência representa apenas mais uma etapa desse processo de mundanização. Mas o fenômeno da vergonha está tão em primeiro plano no que se refere aos nossos interesses também porque melhor do que qualquer outro – para falarmos outra vez com *Kierkegaard* – ela lança uma luz no papel de “espírito” como uma “síntese de corpo e alma”, como também já vimos nos enunciados de *Scheler* (veja p. 162). Esses conteúdos são de tal importância, porque não estamos, aqui, tentando compreender a esquizofrenia como doença em seu sentido biológico-clínico, mas do ponto de vista antropológico. Mesmo que não possamos falar em uma “doença do espírito”, uma vez que “o espírito” não pode adoecer (mas apenas o homem), precisamos estar atentos, no exame antropológico, àquilo que ocorre com “o espírito” no caso de uma “doença mental”. Mas, se falamos em uma *mundanização* do Dasein, isto sempre significa que estamos, ao mesmo tempo, falando de uma *desespirtualização*. E é justamente isto que

podemos demonstrar com tanta clareza na passagem do fenômeno da vergonha, de vergonha (*pudeur*) para infâmia (*honte*).

Acrescenta-se a isso, como característica típica da vergonha, o fato de que ela justamente *revela* aos outros, aquilo que deseja esconder. No Caso Jürg Zünd, descrevemos isso com tantos detalhes que não precisaremos repeti-los aqui. Frisemos, apenas, que também nesse caso aquilo que deve ser escondido – o ser diferente dos outros física e psiquicamente – acaba por “saltar aos olhos” dos outros justamente pela tentativa de mascará-lo. Mas, por esse mesmo caminho, Jürg Zünd, ao invés de ser apenas um “próximo” (*Mitmensch*), uma pessoa junto com as outras (*Mensch mit andern*) – transforma-se em uma figura a ser constantemente observada, um mero *objeto* de consideração e observação, inclusive para si mesmo. Essa dialética é de importância central para a compreensão do delírio de observação e referência e, certamente, mais fácil de ser observada nos casos leves, insidiosos.

O que mostramos acima sobre a vergonha e sua dialética pode agora ser transformado em uma fórmula geral que, mais uma vez, devemos a *Kierkegaard*: “Aquilo que é *fechado em si, é revelação involuntária*”³²; pois, prossegue *Kierkegaard*, “quanto mais lábil em sua origem for a individualidade - ou quanto mais estiver esgarçada a elasticidade da liberdade a serviço do ser reservado - tanto mais facilmente o segredo irrompe do indivíduo”. Nesse “medo do involuntário”, pode-se chegar a uma “ventriloquia” ora cômica, ora terrível. A esta mesma ordem de fenômenos pertence também o imenso campo dos *atos falhos*, que *Freud* nos revelou com tanta perspicácia³³.

Justamente no campo da vergonha, é possível verificar como o delito se vinga de seu verdadeiro conteúdo, como fenômeno existencial e psíquico, pela característica involuntária de suas revelações, por sua *necessidade* de revelar-se no mundo e diante-

do-mundo. Pois, justamente aquilo que o homem ambiciona esconder de si mesmo e dos outros - a genuína vergonha, a vergonha por seu modo de existir - ele acaba por revelar através do *envergonhar-se imensamente* por coisas insignificantes ou particularidades relativamente inofensivas (Nadia, por exemplo, pelo fato de comer bombons, Jürg Zünd, por causa de suas pernas em forma de “O”). Aquele ser reservado em excesso por *vergonha*, precisa revelar-se “involuntariamente” por um excesso de “sentimento” de *infâmia*³⁴. Nisso reside uma inversão da comunicação genuinamente amorosa ou existencial, ou, pelo menos, da livre comunicação, da franqueza e da sinceridade para consigo mesmo e para com os outros, em uma pseudo-comunicação, em um obrigatório e forçoso *ter-que-confessar* (Nadia) - ou na forçosa “sensação” de *estar* exposto ou de ser olhado através. O incremento “ao infinito” de *todos* os fenômenos compulsivos deve ser compreendido a partir dessa dialética! Por outro lado, é fácil reconhecer a relação interna que existe entre a reserva como condição de impedimento da livre comunicação consigo mesmo e com os outros, o modo de temporalização da urgência e do *repentino* - e, com isso, da *angústia* - e a comunicação como única condição pela qual a *continuidade* de nossa existência e de nosso “histórico de vida interior” se torna possível. A fim de não nos tornarmos prolixos demais, contentar-nos-emos com estas alusões.

c) Culpa

Assim como ocorre com o fenômeno da *vergonha*, ocorre também com o fenômeno da *culpa*. No lugar do sentimento de culpa genuíno, existencial, entra sua mundanização no sentido do ser-visto-como-culpado pelos outros. Jürg Zünd não vive a angústia de ser culpado, mas vive no temor de que *os outros* o considerem culpado, de que os outros o

considerem um proletário e que por isso ele perca sua dignidade. O fenômeno da *consciência* da culpa transformou-se no fenômeno *social* da perda da honra. Esta transformação, assim como a transformação da vergonha em infâmia, só é, mais uma vez, a expressão psicológica da mundanização do Dasein, de seu *estar à mercê* do mundo, de seu ser sugado *pelo* mundo.

Com certeza esse primeiro passo não *deve* conduzir à insanidade, mas, onde aconteceu a insanidade, esse primeiro passo deve ser sido dado. Contudo, tão pouco como no fenômeno da vergonha escondida submergiu a vergonha existencial, tão pouco submergiu no fenômeno social da culpa o fenômeno da culpa existencial, uma vez que não são “os outros” que mantêm acesa a chama do precisar se envergonhar e do sentir-se culpado, mas o próprio Dasein é que se encontra amaldiçoado pela vergonha ou pela culpa, de modo que, a cada passo dado pela pessoa, a vergonha e a culpa estarão secretamente presentes. Quando a culpa penetrou no Dasein, parafraseando Jürg Zünd, “aí a coisa fica realmente séria”. Não que estejamos vendo na masturbação a origem de seu sentimento de culpa (veja acima, p. 238), mas, depois da leitura da brochura sobre masturbação, o sentimento de culpa recebeu um determinado conteúdo, em direção ao qual a angústia do Dasein precisa olhar fixamente, como se estivesse enfeitiçada. Diante de algo tão sério, todo o resto da vida perde sua seriedade. Precisamos apenas nos lembrar das palavras de Macbeth (II, 2) depois do assassinato do rei:

“De ora em diante, nada mais há de sério na vida,

(There’s nothing serious in mortality),

Tudo é futilidade, glória e misericórdia estão mortos,

O vinho da vida foi , todo ele, servido”.

Também os sonhos de decapitação de nosso paciente, bem como a resposta à prancha IX, no segundo Teste de Rorschach: “O delinqüente anseia por sua execução” dão um

testemunho da persistência do sentimento de culpa existencial. Pois é este sentimento de culpa que está por detrás do “anseio por ordem”, “por uma solução definitiva”, pela introdução de um último *effort!* Ainda assim, a culpa aqui já não é mais propriamente culpa – que, essencialmente, só pode ser “suspensa” pelo próprio arrependimento – mas é uma culpa mundanizada, uma busca de cessação do caos existencial no *mondo* e no *padecimento mundano* do castigo regulamentar. Portanto, também aqui o fenómeno da culpa existencial já vestiu a roupagem da culpa social: *Ele* é “o culpado”, *os outros* são os juízes. Mas, estando bloqueado o caminho de volta do sentimento de culpa social para a culpa existencial, temos diante de nós, mais uma vez, a reserva - e, com ela, a angústia, a urgência e “o repentino”. O “perigo iminente” e a catástrofe agora espreitam por toda parte.

d) Desconfiança, inveja, suspeita, ódio

Daqui temos novamente apenas um passo para a compreensão da *desconfiança*, da *inveja*, da *suspeita* e do *ódio*. Que a *desconfiança* e a *suspeita* possam dominar um *Dasein*, tem o seu pressuposto *daseins-analítico* na *dévalorisation* do mundo! Não existe nenhuma expressão psicológica mais segura e mais unívoca de *dévalorisation* que a *desconfiança*, a *suspeita* e o *ódio*. Eles pressupõem aquilo que recentemente um paciente (não esquizofrênico) expressou através da fórmula: “La nature humaine est foncièrement mauvaise” (* N.T. A natureza humana é má por natureza). Onde essa convicção predomina – não como convicção *filosófica*, nascida da reflexão e da tradição filosófica ou teológica (vide Kant!), mas como visão de mundo determinada pela “vivência” – aí o *Dasein* fica aprisionado ou fecha-se em uma *limitação* final, em uma “*determination*”, abdicando da infinitude do amor (*valeur*) que recusa toda limitação ou

determinação como sendo estranha a ela (naturalmente também daquela que afirma que todo homem é bom). O Dasein, agora, esgota-se no julgamento, na posição já tomada, isto é, na permanência no ponto de vista do mero tomar ou ser tomado por algo³⁵.

e) Insanidade

No caso Jürg Zünd – como vimos há pouco – a *dévalorisation* do mundo ainda sofreu mais um aprofundamento e uma fixação especial pela concretização da culpabilização do Dasein em uma *culpa determinada*. A “amarga seriedade” dessa culpa, assim como o perigo a ela atrelado, faz com que “todo o resto” pareça não-sério, de modo que, também aqui, “o vinho da vida havia todo ele sido servido”. Uma vez que “a vida”, expresso de modo popular, “segue em frente”, enquanto o Dasein estiver aí ou estiver-no-mundo, o “mundo” não se deixa apagar ou escamotear de vez, sua genuína falta de seriedade se transforma em uma seriedade muito mais não-genuína, se transforma na seriedade da mera apatia resistente, do constante ser levado (ser percebido, ser olhado, ser julgado). Em decorrência da mundanização da culpa, da atribuição da culpa existencial (e da vergonha) aos outros, do sentimento de ser-considerado-culpado pelos outros, os outros, o *mundo* compartilhado se transformam não só em apática resistência, mas também em vigias, observadores, juízes. Mas, parafraseando Ellen West, quando o palco de nosso Dasein está cercado por esses vigias, que obstruem todas as saídas possíveis para essa existência presa em si mesma, – expressão da existência fechada, desesperada – os outros se tornam não só um peso para o Dasein, mas também uma “acusação eterna”, um *inimigo odiado*³⁶. Como a inimizade cheia de ódio significa que “se pode esperar tudo (o que há de ruim)” do outro, desconfiança e suspeita são a expressão adequada para um modo de estar-no-mundo³⁷ como esse. Pois não devemos

compreender a idiossincrasia de determinado esboço-de-mundo a partir de determinado sentimento, mas, ao contrário, devemos compreender aquilo que a Psicologia designa de forma tão vaga como sentimento a partir da idiossincrasia da forma de ser-no-mundo e do esboço-de-mundo. Só então teremos compreendido verdadeiramente um “sentimento”!

Por outro lado, a culpa no Caso Jürg Zünd se manifesta como expressão antropológica de que o Dasein ficou devendo a maior parte *a si mesmo*, a sua determinação autêntica, ao seu genuíno *sentido* pleno. Pois, quando a *dévalorisation* ergue sua cabeça diante do mundo, e o mundo se transforma em um “poder objetivo”, mas *inimigo*, indecifrável, semelhante a uma esfinge, quando a existência é apenas um joguete deste poder, transformando-se em um relevo alvo da pressão e do choque, então a hierarquia do Dasein humano não só está equivocada, o homem não só “se esfacelou junto com as condições básicas do Dasein humano”, mas a estrutura do Dasein em si é que encolheu, foi nivelada – ou como quer que desejemos descrever esse fenômeno. A vida, agora, tornou-se realmente “insípida”, sem sentido, sem valor. No lugar da plenitude do Dasein e do acolhimento (*heimatliche Geborgenheit*) no Dasein, instalou-se o vazio do Dasein, um vazio cujo “sentido” não é mais passível de ser compreendido ou decifrado, já que ele se assemelha à cabeça da Medusa, que força o Dasein a olhá-la fixamente e o transforma em pedra ou, como podemos afirmar depois do caso Ellen West, o transforma em terra ou em tumba. O Dasein, nesse caso, não mais se estende em direção ao futuro, não está adiante de si mesmo, mas gira em torno de si em um círculo apertado, no qual ele próprio está *jogado* em uma repetição sem sentido, sem futuro, “infrutífera”. Esta é a última e limitada possibilidade de liberdade que a ele resta. Se esta também desaparece, o Dasein não girará mais nem mesmo em torno de si, e, encontrando-se apenas em uma tumba estreita e sem nenhuma possibilidade de

temporalizar-se, totalmente subjugado “pelo mundo”, ele não estará mais consigo mesmo, no sentido da existência, mas fora de si na *insanidade* da não-(mais)-existência. E, se a existência se demitiu e só se fala ainda em mundo, não existe mais a possibilidade de temporalização, mas somente o vazio de tempo. A existência e a liberdade não têm mais participação naquilo que acontece nesse vazio, somente a falta de liberdade, a obrigatoriedade daquilo que é fixado para todo o sempre, ligado à marcha vazia do mundo, totalmente “desinteressante” e indiferente. Uma vez que tudo isto acontece no vazio do tempo, que “pode muito bem ser considerado como eterno”, “toda comunicação e toda decisão é impossível” – como bem dizia o paciente Hahnenfuss; pois entendimento, (comunicação) e decisão sempre pressupõem a temporalização, eles são um ‘modus’ da temporalização (existencial). Enquanto o homem, na condição de um ser que vive fechado, “emparedado” (E. W.), ou que vive uma “existência insípida” (J. Z.), ainda deseja desesperadamente ser ele mesmo, mas ele mesmo só no sentido de “identidade de pessoa” e *não*, concomitantemente, ele mesmo no sentido de renegar e de despir-se de sua história de vida, de seu “destino”, enquanto isso ocorre ainda não se trata de loucura e insanidade, mas justamente da angústia do desespero. Só quando o desespero se “acalmou”, quando o si-mesmo (no sentido existencial) não consegue mais “desejar” de modo algum, mas abriu *completamente* mão de si em favor de uma completa mundanização, onde tudo “é assim como é”, onde não há mais lugar para nenhuma *dúvida* e, assim sendo, nenhum *desespero* – só aí é que se trata de insanidade e a angústia do desespero é superada. Isso nos saltou claramente à vista nas falas de Jürg Zünd sobre o afeto de fúria contra o porteiro (p. 209), onde no ápice do afeto ele tinha a “tranqüilizadora certeza” de que o outro o ludibriava e era seu inimigo, enquanto que, ao extinguir-se o afeto, ele recaía outra vez na dúvida e no desespero. Muito longe de ser a expressão de uma tendência à cura, como acreditam os

psicanalistas e muitos psiquiatras, a insanidade, a não ser pela “tranqüilidade” que traz para o paciente, é sinal de uma galopante tendência à morbidez, isto é, ao *total* distanciamento da comunicação amorosa e “existencial”. A reconstrução do mundo depois do esfacelamento do mundo ou mesmo do fim do mundo é justamente a expressão da *fixação* do doente na *mundanização* da existência, e é só *porque* a esquizofrenia pressupõe o processo da mundanização que aqui *pode* ocorrer a construção de um novo – porém agora insano – mundo. Que este novo mundo retire seus *tijolos* do mundo velho, não deve nos surpreender, pois, de onde mais ele poderia retirá-los? Da mesma forma não deve nos surpreender que o paciente mesmo então ainda “entre em conflito” com seu novo mundo, sofrendo e lutando. Esse conflito, no entanto, acontece no vazio do tempo, ou seja, sem participação *existencial*, e, nesse sentido, como um *evento* necessário, mundano. Os sofrimentos, lutas e angústias dos pacientes alienados são acontecimentos - e não um sofrimento ou ação *existencial* - e, principalmente, *não são* um questionar da existência diante do nada da angústia (mas medo de algo definido, dos inimigos ou das forças inimigas). Isto não significa nada outro senão que o esclarecimento daseins-analítico daquilo que a Psicopatologia constata como mero fato, como *incorrigibilidade da insanidade*, sua inacessibilidade no sentido do amor, da comunicação e do entendimento prático ou através da linguagem.

C. ANÁLISE CLÍNICO-PSICOPATOLÓGICA

Introdução

A Daseins-análise diferencia-se da Psicopatologia não só porque não busca a compreensão abrangente, objetual-discursiva e indutiva, nem o exame de um organismo

psíquico, senão a interpretação fenomenológica das formas e *Gestalten* do Dasein, mas, também porque, propositadamente, ignora a diferenciação – que corresponde a pontos de vista puramente biológicos – entre o saudável e o doentio. A tarefa da Psicopatologia, portanto, é a de verter para dentro de suas próprias categorias o material a ela fornecido pela Daseinsanálise, classificando-o, examinando-o e definindo-o.

Se compararmos, em primeiro lugar, os Casos Ellen West, Nadia e Jürg Zünd, um fato chamará a nossa atenção: o de que todos os três estipularam um determinado *ideal* para a sua existência, um ideal do qual depende “a felicidade de sua alma” e que, para conseguir alcançá-lo e defendê-lo, eles investiram todos os seus esforços. Esse ideal, para eles, na verdade é muito mais importante que o seu próprio Dasein; o ser desviado ou impelido para longe dele lhes incute medo e susto, e, mesmo assim, ele lhes escapa e se desvanece mais e mais. Sua luta para alcançar o ideal conduz constantemente à derrota; e eles sempre acabam por se animar para uma nova batalha – o que, no entanto, sempre traz o mesmo resultado, o de que a batalha apenas consome suas forças corporais e psíquicas, sendo que eles próprios ficam cada vez mais acudados mentalmente e cada vez mais despojados de seu controle sobre si mesmos. Se encararmos como um dos maiores feitos da existência humana o investimento de todas as suas forças, de sua saúde, de sua própria vida em prol de um ideal, tudo dependerá de que ideal se trata e com que meios se busca alcançá-lo. Nos casos que discutimos até aqui, não se trata de ideais como o ideal do amor pela pátria, o amor pela ciência, filosofia, arte ou política, ou seja, não se trata de “valores” supra-pessoais, mas de meros valores “pessoais”, egoísticos. Em Ellen West trata-se do ideal de ser magra, em Nadia, de não possuir um corpo e, em Jürg Zünd, do ideal da ascensão social. Em nenhum dos casos o ideal está a serviço do amor – como pólo ontológico e antropológico oposto à angústia -, mas a serviço daquilo que é diametralmente oposto

ao amor, tendo em comum com ele apenas uma palavra: o amor-próprio; pois o amor-próprio é o oposto do estar-aberto-ao-tu, é o estar-fechado-em-si-mesmo, e este último é “produto” da angústia. Acrescenta-se a isso que foi preciso chamar de “quimérico” ou o ideal em si, ou a forma em que se procurou alcançá-lo, ou seja: irreconciliável com os “pressupostos básicos da existência humana” de um modo geral e, de modo especial, com os pressupostos básicos das respectivas existências individuais. Todos os três querem desesperadamente continuar a ser si-mesmos, mas com um si-mesmo diferente do que eles *são*. Ao invés de assumir o âmagô de seu ser de forma amorosa ou com maturidade existencial e de tornar-se um membro do “Nós” dual ou um si-mesmo autônomo, eles se fecham, revoltados, diante do âmagô de seu ser, diante do “poder que os criou”, para se afundarem cada vez mais diante do despotismo de seu ideal auto-deslumbrado. Pois, pelo fato de necessitarem defender em estado de angústia perene esse ideal contra as “exigências” de seu próprio ser, bem como as exigências “dos outros”, eles se afastam cada vez mais da clemência do amor, e do agir autônomo no mundo, lançando-se cada vez mais na constante *defensividade* ou no *rechaço*. Com isso, justamente, eles *ficam à mercê* do mundo, tanto do mundo próprio, como do mundo compartilhado e do circundante. O mundo torna-se, então, o poder que consome as suas forças – e de tal forma que eles se mundanizam mais e mais, ou seja: de pessoas independentes, amorosas e livres eles se transformam em criaturas amarradas ao mundo, que vivem do precisar se comparar, não-livres, castigadas pelo medo, tornam-se um joguete de um esboço de mundo – do mundo como *perigo - reduzido* a um mero mecanismo ou “pulsão” e, com isso, *reduzido* ao repentino e ao imediato.

Isto ficou bastante visível tanto no Caso Nadia³⁸, como no Caso Jürg Zünd, pela transformação do “sentimento” de *vergonha* e de *culpa* em sentimento de *infâmia* (diante de si e diante dos outros). Essa transformação, por outro lado, foi a conseqüência

da transformação da *angústia* existencial em um *temor* mundano constante *diante de algo*. Ellen West temia engordar, Nadia temia ser notada, Jürg Zünd de saltar-aos-olhos (externa e internamente), de ser visto e desprezado. Para usar uma expressão popular, seu raio de ação torna-se cada vez mais estreito e seu desespero, cada vez maior. Assim como eles se fecham ao âmago de seu próprio Dasein, eles se fecham, também, a qualquer tipo de comunicação verdadeira: eles são *fechados* em relação a si mesmos e aos outros. No lugar da revelação espontânea, entra a *revelação* involuntária: em Ellen West e em Nadia, revela-se a voracidade por comida; em Nadia, bem como em Jürg Zünd, na produção “que salta aos olhos” de mais e mais novas “superfícies de ataque”. O círculo, a “rede”, a “tumba”, assim, se *fecham*, as “saídas do palco”, ocupadas em todo o redor.

Só aqui começa – ou começava até pouco tempo atrás – o interesse da Psicopatologia; pois só aqui é que ela pode falar em *sintomas*, em *manifestações de doenças*, seja de compulsão ou de paranóia, seja de comportamentos bizarros, amaneirados ou estereotipados, de dissociação da personalidade, de autismo ou “déficit de contato”, de déficit de influenciabilidade, de déficit intelectual, de assoreamento e de outras coisas mais. Tudo isso são categorias trazidas “de fora”, isto é, categorias do sistema da patologia psiquiátrica aplicadas à pessoa, por meio das quais nós o tipificamos psiquiátrica e cientificamente, classificamos, diagnosticamos e rotulamos. O interesse da psicopatologia, em regra, só começa lá onde já ocorreu a mundanização do si-mesmo, lá onde há muito não se pode mais falar em amor e em existência e os pacientes, de um si-mesmo livre, se transformaram em um objeto cativo de forças resistentes. Assim os próprios pacientes vão de encontro à dialética biológica redutora da psicopatologia, conforme já mostramos no exemplo da fuga de idéias. Assim como eventualmente as associações sonoras vão de encontro à reflexão teórico-associativa,

porém, em si mesmas, são apenas formas especiais (de pensamento) do modo de ser maníaco, assim também as *idéias* compulsivas ou persecutórias desde sempre vão de encontro à teoria psicopatológica, enquanto elas são apenas formas especiais de vivenciar de uma forma de vida amplamente despersonalizada, fechada em si mesma. Contudo, uma vez que as formas de se fechar são inúmeras, nós – na condição de psicopatologistas – temos que nos colocar a questão de como avaliar a forma de fechamento que predomina no Dasein no caso Jürg Zünd, bem como de avaliar *clanicamente* a angústia a ele pertinente.

I. SINTOMATOLOGIA

a) A angústia

Que no caso Jürg Zünd a angústia existencial seja o *sintoma* predominante, não precisa mais de comprovação. No entanto, enquanto a angústia de Ellen West se concretiza na fantasia somato-psíquica ou hipocondríaca do engordar, a angústia de Nadia e de Jürg Zünd se concretiza fantasia do cair-na-vista, do ser visto ou do ser notado por parte dos outros. Enquanto em Nadia essa fantasia abrange quase que inteiramente (mas não totalmente) a esfera corporal e, assim sendo, conduz principalmente a “idéias” somato-psíquicas ou hipocondríacas, em Jürg Zünd ela abrange da mesma forma as esferas corporal e psíquica, conduzindo *tanto* a “idéias” somato-psíquicas ou hipocondríacas, *quanto* a “idéias” alopsíquicas ou de prejuízo. Uma vez que entendemos a esfera alopsíquica ou do mundo compartilhado também como esfera *social* podemos dizer, também, que tanto em Nadia como em Jürg Zünd a angústia se concretiza não só em idéias hipocondríacas, mas também em idéias de *desqualificação* ou de *prejuízo social*.

A razão pela qual, no primeiro dos casos a, esfera corporal tem grande importância, no segundo caso principalmente a esfera corporal e, em menor medida, a social e, no terceiro caso, ambas as esferas têm praticamente a mesma importância – é uma questão psicopatológica específica que, para ser respondida, ainda nos falta muito. De todas as maneiras, teriam que ser considerados nesses casos os momentos biológico-constitutivos, caracterológicos e biográficos.

Na psicopatologia, salta-nos aos olhos a *angústia* na assim chamada neurose de angústia, na histeria de angústia, na melancolia de angústia, na esquizofrenia de angústia, nas fobias e nas manifestações compulsivas. (A angústia de origem tóxica será deixada de lado). Em todos esses casos, estamos lidando com a angústia como sintoma de doença, que se manifesta nitidamente como afeto ou como ataque de angústia. Contudo, tanto *Kierkegaard* como *Heidegger* mostraram – o primeiro do ponto de vista religioso-cristão, o último, do ponto de vista ontológico – que a angústia é um fenômeno imanente ao Dasein; em outras palavras, que a “fonte”, o ponto de partida da angústia é o ser-no-mundo na condição de ser finito. Devemos mencionar também *André Malraux* que, aparentemente sem ser influenciado por *Kierkegaard* ou *Heidegger*, reconheceu a angústia como “*condition humaine*”³⁹ imanente ao ser, descrevendo as diferentes formas de manifestação e de superação da mesma. O “empurrão” resultante de investigações como essa é que nos permitiu, inicialmente, enxergar na *formação ideal* de nossos pacientes uma expressão da angústia existencial! A formação ideal em si já é uma tentativa - e, por sinal, a primeira a manifestar-se - de conseguir dar conta da angústia do Dasein ou da angústia de “viver”. Do ponto de vista daseins-analítico, essa tentativa pertence ao amplo campo da existência fechada em si mesma. E, se a Daseins-análise designa como *quimérica* uma formação ideal como essa, a expressão, por conseguinte, tem um sentido puramente existencial. Ela nada mais quer

dizer senão que o Dasein *se fixou* em um esboço de mundo, *encalhou* em uma forma de existência da qual não existe mais um caminho de volta; pois cada “caminho de volta”, nesse caso, representa o perigo de ser atirado no Nada. Na psicopatologia, o que acontece é totalmente diferente. Também ela classifica uma formação ideal como essa de quimérica, de equivocada, de estranha à vida ou mesmo absurda, mas, com isso, ela profere um *juízo de valor biológico*, o juízo do “doentio”. O direito a assim fazê-lo ela busca no fato de que o quimérico, o estranho à vida ou ao mundo, o absurdo etc., são formas de comportamento que *ocorrem* em determinadas constituições psicopáticas e esquizofrênicas. Nesse contexto, o termo “quimérico” serve para constatar um *sintoma*, uma *constituição* psíquica *anormal* ou uma *doença mental* - ficando totalmente de lado a conotação de “esquisito” ou de “moral-pejorativo”. Com esta constatação, o sintoma também já foi remetido a sua *causa*, e *explicado*. A Daseins-análise, por sua vez, não pergunta por constituição nem por doença, muito menos por explicações causais; ao contrário, ela pergunta como se deve compreender e interpretar uma formação ideal quimérica como essa, a partir do ser-no-mundo e do ser-para-além-do-mundo. Se, então, ela se refere à existência como sendo uma existência fechada em si, isto significa que ela compreende a formação ideal quimérica a partir de um ser-no-mundo que nada sabe sobre comunicação amorosa, nem sobre comunicação existencial, ou seja, que não é aberto-ao-tu, nem sabe conceber a si mesmo em seu *completo* poder-ser, não sendo, tampouco, aberto-ao-mundo: nos dois sentidos (tanto no divino, quanto no humano) ele está imerso na angústia de se expor ou de se abrir. Assim como ele se fecha amedrontado diante do tu, ele também se fecha diante de um esboço de mundo em que ele precisa engajar-se *totalmente*. Somente diante de determinadas restrições ou reservas autocráticas ele aceita o seu Ser, como, por exemplo, sob a restrição do ser magra, do ser discreto ou invisível, do pertencer a um alto nível social. Uma vez que essa

autocracia ditatorial tem origem na angústia existencial – como medo de assumir o Dasein em sua totalidade – essa angústia forçosamente tem que irromper no momento em que o ideal autocrático é colocado em dúvida. A esse *ponto de irrupção* da angústia, que, portanto, não deve ser confundido com a *fonte* da angústia, denominamos ataque de angústia ou afeto de angústia, angústia como *sintoma*. Uma vez que a formação ideal, por seu lado, corresponde a um esboço de mundo espremido em direção a um determinado par categórico – à categoria de gordo e magro, de visível e invisível, de pressão e choque, de socialmente acima e socialmente abaixo etc. – precisamos dizer que a angústia sempre irrompe então e lá, quando e onde o “*mundo*” (artificialmente espremido) começa a balançar ou entra em colapso. Nesse sentido é perfeitamente justificada a angústia do fóbico, quando rompemos sua fobia; pois, com a ruptura de sua fobia, seu “*mundo*” entra em colapso. Ele se encontra, então, no estado de Dasein em que se encontra o “inseguro”, ou seja, o angustiado-melancólico ou o angustiado-esquizofrênico, *exposto* à angústia.

Como vimos em Jürg Zünd, a angústia se *expressa* preponderantemente no temor de um abalo em sua “busca por prestígio social”, no temor da infâmia catastrófica da “súbita desclassificação”, seja pela falta de controle de si “característica de um proletário”, seja pelo comportamento sexual “típico de um proletário”. Enquanto em Ellen West possivelmente a mãe atua como coadjuvante na condição de motivo ligado ao histórico de vida, em Nadia e em Jürg Zünd ele (o temor) atua explicitamente como um poder ligado ao histórico de vida, em Nadia e também em Ellen West como um poder negativo, no não-querer-ser-como-a-mãe, em Jürg Zünd como positivo, como um modelo a ser seguido e uma norma diretiva. Jürg Zünd sempre permaneceu um filho de sua mãe; ele não conseguiu sair da ligação de compromisso com o modelo-a-ser-seguido e o modelo-punitivo da mãe, nem para o dual, nem para a maturidade

existencial. A todos os lados o acompanha o punitivo dedo indicador, a advertência, a censura, a descompostura da mãe, a agitação dela por seu comportamento indesejado, insubordinado, na rua ou no andar de baixo. O medo existencial, nesse caso, disfarça-se em temor de “*causar algum escândalo*” diante da mãe, em temor de *chamar a atenção* dela por alguma coisa (indesejada, proibida, escondida), no ser por ela ‘perscrutado’, chamado a dar explicações e no ser julgado e condenado. A consciência pesada é, em primeira linha, consciência pesada diante do olhar perscrutador, incorruptível e inexorável da mãe. É a carga de chumbo que pesa sobre a existência de Jürg Zünd e que torna impossível o seu amadurecimento. Diante dos colegas e diante do andar de baixo ele não tem a consciência pesada, mas a sensação que o envergonha do “ser diferente dos outros” que *dá na vista* e que lhe foi inculcada pelos pais e principalmente pela mãe. Ambos os fatores determinam e limitam visivelmente o seu comportamento em relação às pessoas que o cercam, diante do mundo circundante. O peso do mundo circundante sufoca a existência, de modo que ela “não tolera mais nenhuma sobrecarga, o fundo do barril não pode ser arrancado”. Com estas palavras nós - e o próprio Jürg Zünd - conseguimos resumir em uma sentença aquilo que descrevemos daseins-analiticamente e em detalhes como ser-em-um-mundo-de-pressão-e-choque, de superfícies de ataque de um lado, de observação e ataque de outro, e que, em psicopatologia, designamos como ‘sentimento de prejuízo e de referência’ ou ‘delírio de prejuízo e de referência’. Mãe e rua, em Jürg Zünd, se fundem em pressão e em “olhos de Argus” do público, do eterno rival e agressor, da sentinela, do observador, daquele que vê através, do juiz. Diferentemente de determinadas formas de delírio persecutório, no qual o inicialmente amado ‘tu’ se transforma em persecutor e inimigo, nesse caso o que ocorre é a pluralização do ‘tu’ (da mãe) – e não a pluralização em outras pessoas específicas, mas no público anônimo – já *vivenciado* na “rua” como crítico e debochador. “Não me

interessa A., B., C., mas interessa-me o que dizem as pessoas” (p. 207) ⁴⁰. Mesmo aqui, não encontramos a “indiferença” em relação “às pessoas”, mas, ao contrário, um imenso *interesse* por elas, que ficou num patamar infantil e que é nutrido por fontes infantis; não há falta de contato, portanto, mas um interesse que é percebido como importuno e indigno. Jürg Zünd não consegue manter o mundo compartilhado longe de sua alma, tanto quanto não consegue manter o mundo circundante longe de seu corpo. No entanto, essa proximidade do mundo compartilhado - que sempre temos que levar em consideração como ponto de partida de todas as nossas investigações – pode assumir duas formas: o Dasein pode se desmanchar no mundo compartilhado, “levá-lo” pouco a sério e a si mesmo, demasiadamente – o que chamamos de sobreestimar-se e, no terreno das formações delirantes, de delírio de grandeza – ou o Dasein pode levar o mundo compartilhado muito a sério, e a si mesmo, pouco a sério – o que chamamos de sentimentos de desvalia e, no terreno da insanidade, de delírio de insignificância ou de prejuízo. Em Jürg Zünd, portanto, de acordo com sua constituição “astênica”, seu humor depressivo e as experiências de seu histórico de vida, o último caso. A pergunta que aqui precisamos responder é se, nesse caso, estamos lidando simplesmente com sentimentos de inferioridade ou de prejuízo, ou com *idéias (delirantes)* de prejuízo. Isso somente a análise *psicopatológica* pode decidir.

b) Obsessão

Seria oportuno, antes de responder essa pergunta, responder a questão acerca da existência ou não de *sintomas obsessivos*. Assim como em Ellen West, em Jürg Zünd não podemos falar em fenômenos obsessivos *genuínos*, muito menos em neurose obsessiva. Ele também não apresenta sintomas anancásticos. Nem mesmo ao temor da

ereção é possível aplicar o conceito de obsessão, no sentido de uma genuína fobia de ereção. Mesmo o temor da ereção não deve o seu surgimento a qualquer espécie de mecanismo de substituição ou desejo inconsciente. Como vimos ela faz parte do sistema consciente, da “consciência” – e constitui apenas um elo isolado na cadeia dos temores sociais conscientes, do medo do ridículo social. Se aqui existe algo que possa ser “inconsciente”, não é o desejo de ter uma ereção, mas o ímpeto - que podemos vislumbrar em diversas situações e que a todo custo é reprimido - de comportar-se realmente como proletário e de “gozar a vida”. Não podemos falar em substituição, mas, literalmente, de “duas almas em um peito” que se digladiam uma à outra, de uma “alma” brutal, sem consideração, agressiva – e de uma “alma” sensível e vulnerável. Trata-se, nesse caso, da *proporção psico-estética* de *Kretschmer*, de um “traço de caráter congênito”. Poderíamos eventualmente falar em fantasias obsessivas, em Jürg Zünd (como, por exemplo, a fantasia do bonde, a fantasia das esferas centrífugas), mas, se o fizermos, o conceito de compulsão - cuja descrição e delimitação foram tão bem precisadas e elaboradas por *Hans Binder*⁴¹ - estaria novamente perdendo em nitidez. Em nenhum momento estamos tratando com fenômenos isolados, “ego-distônicos”, percebidos ou qualificados como absurdos ou paradoxais, nem com “mecanismos de transtorno”; ao contrário, todas essas manifestações se situam na linha das vivências *plenamente* conscientes. Jürg Zünd não padece de idéias obsessivas circunscritas, mas sofre com sua existência “insípida” como um todo, que se *manifesta* justamente através dessas fantasias ou “idéias”. Também não podemos falar em pensamento obsessivo (compulsão à ruminção, “*manie de perfection*” etc.), aspecto esse que nem necessitamos justificar em maior profundidade.

c) Delírio persecutório

Mais difícil é responder a pergunta: se não é obsessão, então talvez seja *delírio persecutório*? Façamos a distinção, com *Jaspers*, entre idéias delirantes puras e idéias delirantes do tipo persecutório⁴² - e logo ficará claro que não se trata das primeiras. Não encontramos percepções delirantes primárias (que devemos distinguir rigorosamente das interpretações ilusórias relacionadas aos afetos), nem súbitas irrupções de idéias de ordem persecutória, nem, tampouco, conscientizações delirantes. Pelo contrário, para verificar se estão presentes idéias de cunho persecutório, podemos fazer uso do critério da inabalável certeza subjetiva e da não-influenciabilidade pela experiência, enquanto em Jürg Zünd praticamente não se pode falar em “impossibilidade de conteúdo”. Até poderíamos pensar em uma disposição persecutória, em uma espécie de estado *delirante*, no qual está presente não só “algo indefinido”, meramente um “gérmen de valor e de significado objetivo”, uma “transformação que perpassa todas as coisas promovendo uma sensação perturbadora e desconcertante” – que é como *Jaspers* descreve o estado delirante (agudo) (a.a.O. p. 63) – mas também há “algo” que aponta para um estado de espírito mais imutável, mais (ou menos) definido e objetivado, mas, ainda assim, inquietante: a crítica constante, o deboche e o ser notado pelos outros por sua aparência ou conduta, tudo isso resumido na percepção e no sentimento do próprio Jürg Zünd: “Eu estou no centro de toda a crítica.” Se explicarmos que o próprio Jürg Zünd desafia os outros à crítica e ao deboche, não significa que estamos negando essa percepção; pois, assim como a presença de um motivo real para o ciúme não exclui a presença de um delírio de ciúme, assim também a presença de um motivo real para o deboche ou para o ser notado não exclui a presença de uma sensação de ser constantemente observado, um sentimento de desconfiança delirante. O ‘delirante’, conforme já mencionado, se expressa na inabalável certeza subjetiva e na não-

influenciabilidade pela experiência. De resto, uma aparência ou conduta chamativa de modo algum conduz a um estado delirante, ou mesmo “uma sensação de”, no sentido do chamar a atenção ou do ser observado. Quantas pessoas nem se importam com o fato de chamar a atenção por uma mancha corporal, uma paresia *facialis* fortemente deformante, uma corcunda, um tique feio!

A tendência delirante crônica tem em comum com o estado delirante agudo a “busca por um ponto fixo” e por um “claro reconhecimento”, como pudemos constatar na cena com o porteiro (p. 209). Também na tendência delirante, aquele “algo” que a pessoa “sente”, percebe, nota é tão vago e inquietante, que a repentina aquisição de um ponto de vista firme, - mesmo que insano - de uma “idéia fixa” ou delirante, como foi o caso nesse afeto, provoca uma efetiva calma⁴³, porém tanto mais torturante e decepcionante é a dúvida que surge depois. Se adicionarmos a isso o olhar paranóico-penetrante que acompanha o afeto, então não nos parece mais haver nenhuma dúvida em nossa maneira de enxergar a questão.

Também não quero falar, aqui, em um *delírio de referência* genuíno. Pois, mesmo que Jürg Zünd esteja convicto de que as pessoas na rua falam dele, essa sensação não tem as características de um delírio de referência explícito. Aqui também ficamos na tendência de cunho delirante. *Wernicke* e *Kretschmer* talvez estivessem inclinados a falar em uma *neurose* de referência, nesse caso. Voltaremos a isso em breve.

No que diz respeito às *idéias hipocondríacas*, vale o mesmo que foi dito em relação às “idéias de estar sendo observado”. Aqui também não se trata de idéias obsessivas, mas de uma tendência hipocondríaca de ordem delirante, característica de Jürg Zünd desde a infância (compare com o incidente no automóvel, p. 197), conforme vimos. Mas, para nós torna-se ainda mais fácil falar em idéias hipocondríacas delirantes – especialmente no que diz respeito ao demasiadamente flácido “tecido da bolsa escrotal”, cuja flacidez

varia com as estações do ano e o clima, ao apodrecimento do cérebro e ao ser mordido por detrás, no cérebro, ao precisar descansar durante dias ou mesmo semanas etc. Para completar, é preciso mencionar, ainda – como indício de que essas vivências poucas vezes estão ausentes, nos casos insidiosos de esquizofrenia - que estamos também assistindo a vivências de *despersonalização*, tanto no sentido do distanciamento do mundo exterior perceptível (veja p. 220), quanto do mundo interior (“que eu não sou mais eu”).

d) Outros sintomas

Várias vezes repetimos que o *estado de humor mais freqüente* em Jürg Zünd é o depressivo. No entanto, diferentemente de Ellen West, as oscilações são menores. Fases maníacas não foram observadas. Se quisermos, podemos entender o reclamar e o explodir ocasionalmente observados como “componentes maníacos” no quadro depressivo. Como em Ellen West, não se trata *apenas de “fases”*, mas de um *processo* de doença que caminha paralelamente às fases e que também as atravessa. Em razão disso, a “disposição” delirante, aqui, *não* deve ser deduzida do estado de humor depressivo de fundo!

Nada encontramos que possa ser entendido como *alucinações* ou *ilusões*, a não ser a presença de interpretações de cunho levemente ilusório (o riso dos colegas, p. 199).

Podemos falar em *estereotípias* em relação ao modo de andar e de determinadas posturas bizarras (p. 200 s.) e em relação aos olhos esbugalhados e o olhar penetrante paranóico nos afetos. A *mímica*, realmente, pode produzir uma impressão “rígida” nos afetos, mas a conversação trivial, caso o humor não esteja especialmente depressivo na

ocasião, consegue não só ser capaz de modulações normais, mas ainda ser bastante expressiva, cativante!

No que se refere ao *pensar* é preciso enfatizar que não foram encontrados quaisquer transtornos na *ordem das idéias*. O *estilo de pensamento*, assim como o *estilo de linguagem* tem algo de peculiar, de bem formulado, mostrando *proximidade* (vide p. 252). Os pensamentos e sua roupagem verbal muitas vezes têm a forma de uma anedota “afiada”, com conotações tendendo à agressividade, mas, ao mesmo tempo, com alguma inclinação defensiva, de repente surgindo um tom espicaçante e um tanto ofensivo. As interpretações no Teste de Rorschach, que também representam “pensamentos” – como *Roland Kuhn* constatou (p. 206) – são, em grande parte, “interpretações esquizofrênicas absurdas”, “interpretações auto-referentes”, com conteúdo destrutivo, vago, que esvazia o sentido das palavras. O estilo de pensamento e linguagem, bem como os conteúdos de pensamento e linguagem revelou-se a nós somente como uma forma especial do ser-no-mundo como um todo. Realmente prejudicada é a *execução do pensamento*, a compreensão e a execução de tarefas mentais *concretas*, não no sentido de uma inibição depressiva vital, mas no sentido do descuido ou, no mínimo, do rápido esgotamento da energia do pensar. Mas, quando se trata de julgamentos generalizantes e pensamento puramente formal, “abstrato”, onde não existe uma determinada situação de pensamento a ser superada, mas opiniões genéricas podem ser emitidas, o pensar fica mais fácil e mais prazeroso. Aí já se encaixa a simetrização (geometrização e racionalização) do mundo que ficamos conhecendo no Teste de Rorschach (p. 249), mas também pertencem os julgamentos de desvalorização, que constatamos no Teste de Associação. Mas não se trata de um realismo e de um geometrismo ingênuo, nem tampouco produtivo. A “abstração” ou generalização brota em parte do ressentimento, em parte da incapacidade de lidar e de dar conta da diversidade qualitativa do mundo. A inclinação

para a “abstração” nada mais é do que o avesso do afastamento do mundo. Ambos correspondem a um traço básico do pensamento esquizofrênico⁴⁴. De resto, a conclusão do pensamento também demonstra a característica geral da “falta de continuidade”, do repente, do abrupto, dos socos, da “parcimônia” e do “último *effort*”. O que vale para a conclusão do pensamento vale da mesma maneira também para a “vontade”.

e) O autismo

Ao mencionarmos o último “*effort*”, voltamos ao tema do *autismo*, ao qual se associa diretamente o tema do *negativismo*, uma vez que o último *effort* provou ser o último esforço da vontade para conseguir dar conta não só da tarefa do pensamento, mas também das pessoas e das coisas, de desincumbir-se delas, de colocá-las “ad acta”, ou seja, de *livrar-se* do torturante estar emaranhado nelas através do *distanciamento* (assim como nos livramos das pranchas do Teste de Rorschach e da tarefa de continuar a interpretá-las através do gesto de dobrá-las ao meio e colocá-las de lado, p. 220). O último “*effort*” é um “*ultimatum*” que Jürg Zünd apresenta ao mundo: Ó mundo, mais uma vez ocupar-me-ei de ti – é o que ele parece dizer – mas com a condição de que depois me deixes em paz ficando longe de mim, de que nossas relações permaneçam cortadas (para que nada mais “tenha relação comigo”, “nada mais me diga respeito” para que eu “não tenha mais contato com a crua realidade”, para que “eu nada mais saiba do mundo”, para que eu possa “ingressar no Nirwana” e “recomeçar a vida como criança”). Para utilizar as mesmas palavras de Jürg Zünd, tudo isso é conseqüência da “*falta* de reservas psíquicas”. O último *effort* é o emprego da última reserva psíquica, ou o dispêndio da última energia da alma.

O empurrar para longe ou o colocar *ad acta*, no entanto, não deve ser compreendido de forma mecânica. Ele já se revelara a nós na pretensão de *levar ordem* ao caos do mundo (veja o segundo Teste de Rorschach, Prancha IX), por uma redução (desvalorizadora) do mundo no sentido de sua *materialização* e *mecanização*, de sua *simetrização* e *racionalização* (veja p. 249). É uma visão de mundo extremamente “positivista”, essa que aqui surge debaixo de nossos olhos! Mas, assim como o mundo e a vida real debocharam do Positivismo (o que, no entanto, foi descoberto somente pela geração seguinte), assim também aqui Mundo e Vida debocham da redução positivista, com a diferença, claro, de que para Jürg Zünd esse deboche sempre continua *presente*, ou seja, de que ele próprio reconhece sua visão de mundo como sendo um expediente, de que ele sabe de seu caráter provisório - e isso porque diariamente ele “sente na própria pele” e “vivencia na própria alma” que a “cruel realidade” *não* permite ser “resolvida definitivamente” dessa maneira, *não* permite que a conduzam a uma solução definitiva dessa forma. A realidade crua, as pessoas, as coisas, o próprio corpo, a própria aparência e a própria conduta, as incumbências de pensamento e de vontade realmente debocham de todos os esforços dele, de modo que Jürg Zünd “anseia pela morte”.

Essa visão provisória de mundo e os últimos *efforts* em direção a, mais uma vez, ‘mobilier’ o mundo para sentir-se em casa, são a “última” expressão da mundanização (*Weltlichung*) ainda possível nesse caso, isto é, da temporalização e da espacialização do Dasein e, como isso, da intencionalização como um todo. Elas revelam que Jürg Zünd não chegou ainda a um *completo* autismo, a um fim de mundo e uma reconstrução delirante, mas que os últimos *efforts* como que se destacam - feito ilhas - de dentro do mar do autismo, o que quer dizer: da não-Gestalt do *tempo vazio* (p. 257), da eternidade *vazia* (p. 258).

O autismo, no Caso Jürg Zünd, revela-se a inicialmente como um “sintoma de esgotamento” (“falta de reservas psíquicas”), razão pela qual antigamente costumávamos entender esses casos como neurastenia, e, por sinal, em sua forma hipocondríaca⁴⁵. Do ponto de vista puramente clínico, vislumbramos nele também a expressão do processo cerebral esquizofrênico. Hoje em dia, no entanto, o psicopatologista não pode mais contentar-se com isso. Não é suficiente constatar apenas um “déficit em atividade psíquica”, uma “insuficiência primária de percepção” etc., ao contrário, ele deve querer saber como esse processo age sobre a personalidade total de seus pacientes. Em Jürg Zünd ele já se revelava provavelmente desde a infância, com certeza desde a adolescência, através de sua elevada “sensibilidade e vulnerabilidade” psíquica, através de sua *falta de casca de proteção*, para usar uma palavra alemã; ele sente-se “sem casca de proteção diante dos olhos e dos ataques do mundo compartilhado, do mundo circundante, abandonado, exposto diante dos outros exteriormente e interiormente (“exibido”, “despido”, “olhado através”). Mas, como ao mesmo tempo lhe é inerente um imenso desejo por ser *respeitado socialmente*, ele precisa estar sempre *buscando por cobertura*, desde o vestir do casaco”, do “modo de andar inofensivo até à “cobertura social” (o título de doutor, a afirmação sexual, as provas de virilidade como um todo, o estar junto de parentes de elevada posição social, do “andar de baixo” aos parentes em Z.). No entanto, essas tentativas de cobertura - sobretudo por sempre constituírem e oferecerem novas superfícies de ataque - são um trabalho de Sísifo, por meio do qual as suas já em si debilitadas forças se esgotam. O mundo realmente debocha dele; Jürg Zünd sempre se sente “no ponto central da crítica”, exposto ao escárnio e ao desprezo dos outros, de modo que ele realmente gostaria de abdicar totalmente de seu “Eu”, diluir-se nas massas anônimas, desaparecer no Nirwana; porque então não terá mais necessidade de casca de proteção ou de cobertura.

Nós constatamos, então, que em Jürg Zünd no fundo existe um imenso contato com o mundo, mas um contato na forma de sofrimento face à ameaçadora *proximidade* desse mundo, de seu aproximar-se demasiadamente de seu corpo. Mas essa proximidade é ameaçadora pela falta de casca protetora. Sobre essa questão é que se alicerça a busca por uma maior *distância* do mundo. Mas, enquanto a pessoa saudável e, principalmente, a pessoa genial se distancia da prepotência do mundo através do trabalhá-la, representá-la, recriá-la, Jürg Zünd se distancia através do disfarce, do encobrimento, do velamento de sua *Gestalt* externa e interna. E é só quando essas tentativas de encobrimento mais uma vez conduzem à *catástrofe*, quando elas se revelam como sendo impossíveis, que chegamos ao próprio autismo, à retirada do mundo, à desistência de fazer contato com ele, ao sucumbir na eternidade vazia.

Como os sintomas psicopatológicos dizem respeito aos *atos das trocas com os outros* ou da *comunicação*⁴⁶, veremos, ainda, como aqueles “estádios” devem se apresentar diretamente ao *examinador*: no primeiro estágio, estamos falando em sensibilidade e em irritação no trato conosco, no segundo, em recusa, rechaço, negativismo, comportamento afetado, aumento delirante da desconfiança⁴⁷ e da suspeita; em ambos, portanto, estamos falando em “perturbações do contato”, só no terceiro estamos falando em falta de contato. É preciso, naturalmente, manter em mente que esses “estádios” não precisam necessariamente suceder um ao outro no tempo ou se revezarem entre eles, mas que os três estádios podem coexistir, lado a lado, ao mesmo tempo, isto é, que, de acordo com os temas que estejam sendo abordados ou que decorram da situação em questão, podemos verificar a presença “simultânea” da sensibilidade e da irritabilidade ou do negativismo ou da ausência total de contato. Apenas o *processo completo* do enfraquecimento ou esvaziamento existencial é que transcorre “no tempo” e, mais especificamente, em direção à *falta de contato*.

De tudo isso fica patente que devemos enxergar “o autismo” não de forma estática, mas dinâmica. Pois estamos falando em autismo não só nos estádios finais esquizofrênicos, mas estamos falando em “psicopatias autísticas esquizóides”, de modos de comportamento autístico etc. Tudo isso diz respeito à comunicação com as pessoas que nos cercam. Mas, ainda não estamos descrevendo essa dinâmica de forma completa, se contemplamos apenas os “estádios”: “falta de casca protetora, tentativas de acobertamento e renúncia a qualquer espécie de comunicação”. É necessário – como revelam os nossos casos – encontrar também o “motor” que está “por detrás” dessa dinâmica, que a coloca em movimento e que a mantém funcionando. Esse “motor”, nós o havíamos encontrado no *ideal* sob o qual nossos pacientes colocaram sua vida, autocraticamente. E, na verdade, tratava-se de ideais “quiméricos”, seja no que diz respeito à “natureza” das pessoas de um modo geral, seja no que diz respeito às forças e aos meios colocados à disposição daquela pessoa em questão. Uma formação ideal desse tipo nós costumamos qualificar de autística ou dereística. Ela realmente forma parte integrante do *autismo*! É ela que transforma a falta de uma casca protetora em tormento e, por sinal, com base na discrepância entre Dasein e ideal. Em Jürg Zünd, como sabemos, é a discrepância entre o seu ideal social e o seu ideal de virilidade, de um lado, e o seu delicado e sensível modo de ser corporal e psíquico, de outro; em Nádia, entre o seu ideal de ser amada e a realidade crua de sua corporalidade; em Ellen, a discrepância entre seu ideal de ser magra e sua tendência a engordar. É sempre a partir do ideal que se constrói o verdadeiro ser-assim ao estar exposto, ao estar à vista, ao ser olhado através (dos outros ou de si mesmo). É o ideal, portanto, que transforma o respectivo ser-no-mundo em um ser-no-mundo irritado, tenso, torturado. As tentativas de acobertamento, por sua vez, são tentativas de acomodação ao ideal: acabamos de mencionar as de Jürg Zünd, as de Nadia e de Ellen se revelaram através das tentativas

de emagrecimento, das tentativas de existir sem um corpo, tendo um significado totalmente secundário se a primeira precisa “cobrir-se” diante dos outros, e a última, diante de si própria. Também é totalmente secundário se o acobertamento deve esconder apenas o modo de existir de cada um (Jürg Zünd), ou se, como no caso de Nadia e de Ellen, deve levar ao desaparecimento completo. Tanto um como o outro servem ao “acobertamento” em relação ao ideal. Não nos esqueçamos, tampouco, de que tanto Ellen quanto Jürg Zünd ainda têm em vista uma outra saída “ideal” e, com certeza, “quimérica”, do sofrimento entre o ideal e a realidade, a saber, o voltar-de-novo-ao-mundo ou, no mínimo, o voltar-a-ser-criança-outra-vez para poder começar tudo de novo. Trata-se, aqui, nada mais, nada menos do desejo de “fazer voltar o tempo”, em outras palavras, da total vira-volta no *sentido* da vida⁴⁸. A “mais miserável de todas as artes solo” - o mero desejar - deve aqui substituir a “conversão *existencial*”! Tudo isso nós costumamos qualificar, em psicopatologia, como modos de comportamento distantes do mundo, quiméricos, “autísticos”. Enquanto nada sabemos da evolução do caso Nadia, sabemos que, para Ellen, o constante frustrar de suas tentativas de acobertamento fizeram crescer a opção pela morte voluntária, enquanto Jürg Zünd jogava com essa ideiação e lamentava não tê-la levada a cabo enquanto ainda possuía forças para tal, mas, finalmente, tomou a decisão de retirar-se do mundo, passando a levar uma vida monástica em uma instituição. Em ambos os casos as possibilidades de comunicação já estavam tão soterradas, que nem a psicoterapia, nem a terapia ocupacional puderam mudar o pesado destino dos pacientes. Em ambos os casos, o (quimérico) ideal triunfou sobre a “vida”.

No entanto, precisamos cuidar agora para não enxergarmos na formação ideal “quimérica” um fim. Já a expressão “quimérica” aponta que entendemos uma formação ideal dessas como anormal e “distante da realidade” ou “autística”. Como pudemos ver

em Ellen, Nadia e Jürg Zünd, essas formações ideais, do ponto de vista do histórico de vida, remontam à tenra infância. Conforme já mencionamos anteriormente, eles estão ligados – mais ou menos visivelmente, no sentido positivo ou negativo – ao complexo materno. Mas, também em relação a isso a psicopatologia não pode dar-se por satisfeita. Para a “explicação” dessas formações ideais quiméricas, ela se baseia na constituição caracterológica e, sobretudo, nos fatores constitucionais hereditários. Com todas essas explicações e mesmo se encontramos essas mesmas formações ideais em diversos outros parentes, na ascendência do paciente, ainda não fizemos o mínimo para chegarmos à *compreensão* das mesmas. *Compreendemos* uma formação ideal destas apenas pelo caminho daseins-analítico, isto é, quando podemos mostrar que e revelar como elas surgem a partir do modo geral de ser da pessoa em questão, e que papel elas são chamadas a desempenhar dentro do mesmo. Depois de tudo aquilo que sabemos esse papel só pode ser o de colocar um dique diante da *angústia* existencial (*Daseinsangst*), de *assegurar-se* contra a angústia existencial. Em todos os três casos, a formação ideal revelou-se a nós como produto do medo de assumir realmente o Dasein em seu respectivo ser-assim, ou em tomá-lo para si, ou seja, como um produto do desespero em não querer ser si-mesmo com o concomitante agarrar-se à identidade da pessoa. Só porque o ideal aqui já é produto da angústia existencial e do desespero, sua ameaça deve fatalmente levar ao *ataque de angústia*, à catástrofe, à queda no Nada.

Finalizando é preciso ainda enfatizar, expressamente, que “o ideal” da personalidade pré-psicótica não necessariamente *deve* ser “quimérico”! Lançar um olhar em *Hölderlin* é suficiente para que reconheçamos isso. Mesmo o ideal mais puro não consegue proteger a pessoa do destino da esquizofrenia, que não está submetido a uma categoria espiritual, porém biológica. Pelo contrário, lá onde o ideal não era “quimérico”, mas elevado e puro, constataremos uma alteração muito mais profunda da personalidade

pelo processo esquizofrênico do que lá onde desde cedo era “quimérico”, sugerindo uma tendência esquizóide. Além disso, a experiência parece nos ensinar (pensemos outra vez em *Hölderlin*) que pessoas espiritualmente elevadas conseguem afirmar seu “gênio” por mais tempo no processo esquizofrênico⁴⁹ do que aquelas que desde o início se “quimerizaram” e que, desde sempre, já mostraram alguma “ruptura” em sua personalidade.

Mas se por outro lado podemos novamente constatar que pessoas que, do ponto de vista mental, estão em um nível médio ou mesmo abaixo da média, ao “eclodir da esquizofrenia” aparentemente ficam mais “espiritualizadas” e que, como *Jaspers*⁵⁰ afirma, parece irromper neles uma “profundidade metafísica”, eu penso poder explicar isso através do fato de que, na eclosão de um surto agudo de esquizofrenia, a sensação geral de estar vivo seja transformada de tal modo, e as ligações tradicionais se afrouxem de tal maneira, que a idéia de mundo é abalada e modificada e de início nem mesmo mais exista um “mundo” e “o Dasein” é, mais uma vez, devolvido ao seu âmago, exposto “sem nenhuma casca de proteção”. Mas, ao contrário do *gênio* - a quem pertence, essencialmente, uma “nova” sensação de estar vivo e a libertação de todos os liames tradicionais e que, dessa novidade e dessa libertação, recria o mundo (o mundo das ciências, das artes, do estado, da sociedade etc.) completamente em incansável diligência - a profundidade metafísica da pessoa em surto agudo é rapidamente recoberta por um teatro de mundo puramente particular, puramente fantástico.

II. EVOLUÇÃO

Resta, ainda, responder a questão que já foi levantada sobre quando a esquizofrenia teve início em Jürg Zünd – ou melhor, a partir de quando podemos comprovar clinicamente a

sua presença. Acima de tudo, devemos nos perguntar - como tantas vezes ocorre nesses casos insidiosos de esquizofrenia - se já houve um início do processo na infância. Ficamos sabendo de vivências peculiares de despersonalização acompanhados de angústia entre o 3º e o 5º ano de vida, em estado semi-vigil, mas também depois do acordar, nos quais Jürg Zünd viu as pessoas como silhuetas e todos os objetos como se estivessem mais distantes, constatando, ao mesmo tempo, uma sensação anormal nas pontas dos dedos e uma sensação dura na raiz do nariz. Soubemos, também, dos sonhos de decapitação na tenra infância em conexão com uma determinada “neurose olfativa” (veja p. 195). Em regra veríamos uma criança com estas manifestações psicopatológicas como uma criança “nervosa”. Parece temeroso concluir, a partir da esquizofrenia que se manifestou mais tarde, que já se tratava de transtornos esquizofrênicos na infância. Por outro lado, nossa experiência com a esquizofrenia infantil não é tão vasta que possamos aqui excluí-la com toda certeza⁵¹. O mesmo vale para a sensação que ele tinha, antes e durante o tempo da escola primária, de estar exposto e envergonhado, de estar totalmente despido e do ser olhado através, dos sofrimentos torturantes sob os contrastes dentro de seu mundo compartilhado, da forte sensação de que ele precisava atacar. Também aqui poderíamos falar em uma forma hipocondríaca e amedrontada de uma constituição esquizóide psicopática. O tipo de reação à brochura sobre a masturbação é típico demais para que se conclua sobre uma esquizofrenia resultante apenas dele. Por outro lado, o aumento do espelhamento de si mesmo, a persistência duradoura da angústia “tremendamente séria” diante da masturbação e, principalmente, a mudança da antiga energia e vivacidade em frouxidão, cansaço, timidez, apagamento e o incremento da hipocondria, da sensibilidade, irritabilidade, agressividade, mania de crítica e da indisciplina fazem suspeitar de um leve *surto esquizofrênico* no período da *puberdade*. A evolução posterior revela que Jürg Zünd nunca mais se recuperou desse surto, ao

contrário, revela que tudo aquilo que observamos nele adicionalmente é apenas um desenvolvimento posterior e sofreu uma fixação no sentido de uma atitude delirante em relação ao mundo (compartilhado e próprio). Mas não podemos falar em uma “transição de compulsão em delírio”, uma vez que não havia indícios de uma genuína neurose compulsiva, muito menos de uma psicopatia anancástica. O delírio surge aqui como uma fixação e uma concretização da *angústia* diante da qual se situa o Dasein em sua totalidade. Quem não consegue se decidir entre idéia delirante - no sentido de um leve delírio de prejuízo - ou de uma disposição delirante, será forçado a admitir que realmente está-se tratando com idéias delirantes *hipocondríacas*, de modo semelhante ao que ocorria com Nadia. Mas, enquanto em Nadia a convicção da existência de espinhas sob a pele, ao lado da absoluta certeza subjetiva e da não-influenciabilidade pela experiência ainda surge a “impossibilidade de conteúdo” característica do delírio, a decisão acerca da última fica ao encargo de cada um (compare com a convicção torturante acerca da flacidez do tecido da bolsa escrotal). Ademais, nós mesmos acreditamos *não* precisar enxergar o critério da impossibilidade do conteúdo como decisivo para o diagnóstico do delírio.

A certeza de que a evolução da doença de nosso paciente é progressiva, ou seja, de que se trata realmente de um *processo*, já se estabeleceu a partir da comparação dos dois protocolos dos Testes de Rorschach, distantes um do outro dois anos. Em relação a esse aspecto, compare o segundo protocolo por *Roland Kuhn* (p. 219) (aumento das forças configuradoras da esquizofrenia). Em um encontro meu com o paciente, mais ou menos dois anos após a alta da primeira instituição, ele passava a impressão de estar menos deprimido do que antigamente, mas, de resto, parecia não haver mudado. Ele possivelmente mesmo hoje não tenha conseguido trocar a vida monástica na instituição pela vida no mundo.

III. DIAGNÓSTICO

Não há como duvidar, depois de tudo isso, de um *diagnóstico* de esquizofrenia de evolução insidiosa. Trata-se, também, de uma forma paranóico-hipocondríaca acompanhada de humor depressivo.

No que se refere à *hereditariedade* (veja p. 195 e ss.), Jürg Zünd tem antecedentes de tísica (*phthise*) de ambos os lados e, também de ambos os lados, tem antepassados neuróticos e idiossincráticos no que diz respeito ao caráter e ao sofrimento psicopatológico, quase todos inteligentes, muito inteligentes, e, da mesma forma, de ambos os lados mencionam-se traços maníacos ou depressivos. Do lado paterno, predominam as disposições esquizóides, sendo difícil constatar até que ponto se trata de esquizoidia, frieza de sentimentos ou de currículos estranhos, até que ponto trata-se de esquizofrenia (fuga, suicídio etc.). Um irmão do pai apresentou mudanças no caráter com pouca idade (13 anos), decaiu em seu rendimento escolar e, aos 17-18 anos adoeceu de uma catatonia com manifestações maníaco-depressivas que em poucos anos conduziu à idiotia completa, enquanto a habilidade para tocar piano ainda permaneceu por longo tempo. Se nesse caso ainda houve o concurso na primeira infância de algum componente exógeno (microencefalia, atrofia dos ouvidos e dos dedos do pé) - ao que também levam a crer as doenças no cérebro dos dois irmãos que faleceram com pouca idade - fica por elucidar.

Do ponto de vista da *estrutura corporal*, Jürg Zünd pertence aos hipotônicos e leptossômicos com explícita labilidade vasomotora na infância (tendência a desmaios) e evidente prostração quando acometido de ligeiras infecções das vias aéreas superiores. Não foram observadas peculiaridades *endocrinológicas*, nem perversões sexuais que

chamasse atenção. De acordo com os ensinamentos de *Freud*, o fato de que Jürg Zünd se enfastie de uma mulher imediatamente após o coito e que não consiga nem deseje ligar-se a ela pode estar ligado a um componente homossexual latente. Traços de *toxicomania* são inegáveis (Optalidon, medicamentos contra dor de cabeça e soníferos). Se quiséssemos enquadrar o Caso Jürg Zünd do ponto de vista puramente sintomatológico e caracterológico, teríamos que classificá-lo no grupo do “delírio de referência sensitivo”. Nada faz com que seja classificado como “paranóico-desejante” (??) pouco com que seja classificado como “paranóico-lutador” (??) mas quase tudo aponta no sentido do “*paranóico-pela-consciência*” (??) ou sensitivo. Poderíamos também enquadrá-lo com *Kretschmer* no grupo da “neurose de referência habitual”, cuja tendência ao “pensamento compulsivo”, à hipocondria e aos afetos depressivos duradouros *Kretschmer* ressalta com ênfase especial. O Caso 13 (Bachmaier) de *Kretschmer* tem muitas semelhanças com o Caso Jürg Zünd nesse sentido, entre outros também pelo fato de que os seus sentimentos, quando ele imaginava ter sido ridículo, se exacerbavam p. ex. depois de ataques de fúria até ao delírio de referência, mesmo que em um grau muito mais elevado do que em nosso caso.

Para finalizar, voltamos à questão se *neurose* ou *psicose*, com o objetivo de mostrar o quanto essa diferenciação é pouco significativa no sentido puramente clínico-*científico* (não estamos falando aqui nas pesadas conseqüências *forenses* dessa diferenciação!). O Caso Jürg Zünd pode mostrar, mais uma vez, que uma esquizofrenia (e não só uma severa esquizoidia) também pode estar presente onde faltam os sintomas cardinais tipicamente psicótico-esquizofrênicos e onde, ao invés disso, se manifestam quadros *similares* aos da neurose, os quais, no entanto, ao exame mais acurado, se diferenciam em suas formas de manifestação dos puramente neuróticos e permitem distinguir “mecanismos”, situando-se muito mais próximos do delírio que da compulsão. Da

esquizoidia, eles se diferenciam pela evolução progressiva; da forma simples da esquizofrenia simplex, por uma hereditariedade bastante polimorfa, por sua produtividade em múltiplas e diferentes formas de apresentação “neurótico-similares” e “psicopatológicas” e pelas “distorções caracterológicas”. Por essa razão, parece oportuna a denominação *forma polimorfa da esquizofrenia*.

Voltando ao nosso caso e conforme já mencionado anteriormente, poderíamos brigar em torno da questão se qualificaremos o *quadro* apresentado por Jürg Zünd como uma *neurose* de observação ou uma *neurose* de referência - sendo que esta última denominação pode ser encontrada tanto em *Wernicke*, como em *Kretschmer* (O delírio de referência sensitivo) – ou como uma *psicose* de observação ou *psicose* de referência, e, da mesma forma, se como uma *neurose hipocondríaca* ou uma *psicose hipocondríaca*. A nós parece ser o mais importante de tudo o fato de que os autores mencionados chegaram a fazer uma distinção nesse sentido, ou seja, o fato de reconhecerem que aqui se trata de diferentes *graus* de um mesmo conteúdo psicopatológico. *Wernicke*, por exemplo, enxerga uma “ligação” com o delírio de referência⁵² nas relações que Raskolnikov encontra em “manifestações e encontros irrelevantes por si mesmos”. (Mas gostaríamos também de lembrar o exemplo de Westphal da criança de um ano e o exemplo de *Cramer* daquela pessoa inadequadamente vestida!). *Kretschmer*, por sua vez, já explica logo no início de seu livro sobre o delírio de referência sensitivo que, baseados em seus casos, nós poderemos “formar um julgamento preciso sobre a velha questão polêmica acerca da existência ou não de uma diferença fundamental entre representação delirante e representação compulsiva”. Ao menos no campo das doenças psicopático-reativas, as *diferenças básicas* “deveriam ser ressaltadas muito menos entre delírio e compulsão do que entre *delírio e delírio*”⁵³. No entanto, uma vez que tanto o delírio de referência de *Wernicke*

como o delírio de referência sensitivo de *Kretschmer* estão presentes na esquizofrenia (para não dizer que são uma marca distintiva da esquizofrenia⁵⁴), não podemos de modo algum “sentirmo-nos diagnosticamente seguros”⁵⁵ na distinção fundamental entre o aparentemente não-penetrável ou não-passível de ser intuído = delírio esquizofrênico de um lado e, de outro, a capacidade de intuição genética, o centrar-se totalmente na vivência e a reatividade psicológica da evolução (= delírio de referência sensitivo), (isso para não falar no total esfacelamento do conceito de paranóia de *Kraepelin*), mas, ao invés do isso- ou- aquilo – como justamente nossos casos demonstram – devemos reconhecer o tanto-esse-como-também-aquele. A presença de um (insidioso, porém *não* só insidioso) processo esquizofrênico de modo algum *exclui* a capacidade de intuição, o centrar-se na vivência e a reatividade da evolução, assim como, inversamente, a presença desses fatos *não exclui* o processo esquizofrênico! Não podemos mais captar ou entender de forma tão rígida a oposição ‘físico-psíquico’, como tem sido até agora, mas precisamos reconhecer que com essas formulações dogmáticas apenas bloqueamos o caminho para a compreensão psiquiátrica. Aquilo que eventualmente vale para casos extremos não deve ser generalizado. De qualquer forma, chamamos novamente atenção para o fato de que, justamente para a Daseins-análise, o critério da capacidade de intuição é de modo algum determinante, ela nem mesmo a utiliza como critério, uma vez que nem trabalha com categorias psicológicas, mas com a interpretação fenomenológica, a “compreensão” fenomenológica.

No que diz respeito ao aspecto *hipocondríaco*, que encontramos tanto nos casos de *Wernicke*, como também nos casos de *Kretschmer* (basta lembrar do delírio masturbatório), mesmo *E. Bleuer*, em decorrência da falta de observações próprias, não de pronunciou com total clareza a respeito do mesmo; pois, por um lado ele deseja deixar reservado o nome *hipocondria* para casos “que têm início insidioso e evoluem

estando a inteligência preservada e não havendo sinais de esgotamento primário e que – entre remissões – pioram cada vez mais, ou seja, que em tudo se comportam como uma paranóia com um sistema delirante hipocondríaco”, um comportamento que também o Caso Jürg Zünd apresenta; por outro lado, ele acredita que “a paranóia hipocondríaca da literatura na maioria das vezes se tornará uma demência precoce”⁵⁶. Com o quase que total desaparecimento da paranóia, no entanto, também esse problema fica de lado. O mesmo vale em relação à “*catatimia* de sintomas” no sentido de *H. W. Maier*⁵⁷ categoria sob a qual ele coloca, associando-se a *Bleuler* e à “idéia sobrevalorizada” de *Wernicke*⁵⁸ “os efeitos dos complexos de representação carregados de afetos sobre as manifestações psíquicas doentias”. Por outro lado é importante para nós que *Maier* enxergue no processo catatímico apenas um *exagero* do efeito afetivo normal (p. 206) e, além disso, reconheça que “naturalmente” também os conteúdos das alucinações e as ilusões de memórias e “uma boa parte dos sintomas catatônicos” tem uma gênese catatímica (p. 610). Com isso, portanto, também a “*catatimia*” – que seria impensável sem a “capacidade genética de intuição” – nos deixa na mão no que diz respeito ao “sentimento de segurança diagnóstico”.

Com estes esclarecimentos clínicos nós queríamos rebater a crítica compreensível de que examinamos e compreendemos a vida anímica esquizofrênica demasiadamente a partir do normal ou de acordo com o modo da normalidade. Essa crítica não diz respeito à Daseins-análise porque ela não entende a vida anímica esquizofrênica de acordo com o modo da normalidade, a partir da intuição psicológica, mas interpreta-a ou explica-a a partir da estrutura humana do ser-no-mundo-para-além-do-mundo. Mas, no que diz respeito à observação e ao exame estritamente relacionado ao *histórico* de vida, no qual a Daseins-análise precisa apoiar-se em grande medida (compare com o Caso Ellen West, p. 92 e ss. e outros), os esclarecimentos clínicos acima justamente demonstram

que aqui nós realmente precisamos nos proteger de preconceitos dogmáticos. Nós também partimos do pressuposto de que a esquizofrenia tem uma base orgânica. Mas isso de maneira nenhuma nos desobriga do dever de pesquisar e estudar a psicopatologia da esquizofrenia, tanto quanto hoje é possível, também do ponto de vista do histórico de vida e *daseins*-analiticamente - e isso principalmente porque só depois de realizado esse dever é que nós podemos passar a questionar, e eventualmente decidir, onde o processo esquizofrênico pode ser localizado no cérebro.

Finalizando, gostaríamos de mais uma vez chamar atenção para o fato de que até agora a pesquisa e o modo de compreensão da Psiquiatria sobre as idéias de observação e as “idéias” hipocondríacas deixou-se conduzir – como sempre – pelo comportamento do paciente em relação ao *mundo compartilhado* e ao *mundo próprio*, desconsiderando tanto o *modus* singular, a existência, como também o *modus* dual, o amor. A uma real compreensão do fato de que o Dasein só consegue *desabrochar* no terreno dos *mundos* compartilhado e próprio nós somente chegamos se partirmos da estrutura *total* do ser-no-mundo-para-além-do-mundo. Além disso, baseados em nossos casos, compreendemos que só podemos falar de um *desabrochar* nos mundos compartilhado e próprio onde os elementos fundamentais do verdadeiro si-mesmo e do amor ficaram totalmente “de fora”, a estrutura *geral* do Dasein, portanto, sofreu um prejuízo considerável. Em outras palavras: que o Dasein de uma pessoa esteja submisso ao mundo próprio ou ao mundo compartilhado de tal maneira – como revelam os nossos casos – *pressupõe* que tanto a liberdade quanto o amor “renunciaram”, ou seja, que a pessoa se esfacelou “juntamente com as relações básicas do Dasein”. E a expressão desse esfacelamento é o Dasein dominado pela *angústia existencial*, pelo *desespero*.

De tudo isso se pode depreender que *não* nos importa fazer *uma tentativa de explicação da insanidade* como sintoma de doença, muito menos de uma tentativa de descobrir a

causa da esquizofrenia como doença, uma tarefa que pertence ao campo da patobiologia e da patofisiologia. O que queremos é esclarecer e descrever aquilo que existe lá onde *falamos* em delírio (esquizofrênico) como *fenômeno antropológico*, ou seja: *como deve ser* “construída” a estrutura de um *Dasein* quando está presente aquilo que na patologia psiquiátrica constatamos e nomeamos designamos como delírio (isto é, que uma pessoa tenha “idéias” que não se fundamentam “nem se justificam” na realidade, idéias que sejam “incorrigíveis”, em torno das quais gira todo o interesse vital da pessoa etc.).

COMENTÁRIOS – NOTAS

¹ Compare p. 155 e ss.

² *Roland Kuhn* gentilmente se incumbiu, em Münsterlingen, à tarefa de efetuar os cálculos e a interpretação clínica do Teste. Devemos chamar atenção expressamente para o fato de que o Autor não estava orientado sobre o caso. Gostaria de expressar também aqui a minha imensa gratidão a ele pela valiosa cooperação.

³ Redigido sem conhecimento das discussões elaboradas por Kuhn.

⁴ A *ligação* extremamente forte com a mãe, na qual Jürg Zünd sempre torna a falar, não é – conforme precisamos constatar contrariando a Psicanálise – aquele amor no sentido do “livre” encontro-eu-tu e de sua produtiva dialética, mas uma “relação de dependência” acanhada, *não-espiritual, não-produtiva e não-dialética*.

⁵ Compare O conceito de medo, p. 117 e ss.

⁶ Ferida existencial não significa sofrer por um infortúnio (malheur), mas uma vida sofrida (“não feliz”) (une vie malheureuse).

⁷ Compare Grundformen p. 304 e ss. e 355 e ss.

⁸ Compare Grundformen p. 308 e ss e 362 e ss.

⁹ Freud já formulou na obra *Traumdeutung* (W. W. II, 153) que a identificação é *o apoderar-se* em função da mesma *exigência* etiológica.

¹⁰ O deslocamento da expressão da esfera da interioridade (*abrigado*) para a esfera social ou esfera do *mundo compartilhado* (*protegido*) já aponta para a mudança pela qual essa existência vinha passando desde então!

¹¹ É característico de Jürg Zünd que ele não fale em *caminho*, mas em uma *estabilização* na práxis. Seu *Dasein* inteiro se expressa nestes termos e em termos similares. Também seu modo de andar, de falar, seus movimentos são compostos por uma sucessão de *estabilidades*, uma após a outra. Seu *Dasein* inteiro é *abrupto, bruto, quebrado, não-fluido*!

¹² Só não podemos esquecer que tanto a esfera somatopsíquica *quanto* a esfera autopsíquica pertencem igualmente ao mundo próprio!

¹³ “Qui classe les êtres se trompe”. A enumeração dos tipos é “um scrutin de liste qui choisit sur étiquette”. *Alain*, *Vigiles de l’esprit*, p. 86 e s.

¹⁴ Compare nesse sentido *René Lê Senne*, *Obstacle et Valeur*, p. 286 ss.

¹⁵ Note-se também aqui a *roupagem mecanicista*, aos solavancos e pressionada da linguagem no que se refere à vivência da mácula. À *estabilidade* na práxis (p. 200) corresponde o ter sido empurrado do *trampolim* da vida.

¹⁶ Sabidamente, quanto menos autodomínio uma pessoa tem, tanto mais ela gesticula. Por essa razão Jürg Zünd tem tão poucos B no Teste de Rorschach; pois B não significa *Bewegung* (movimento), mas *Bändigung der Bewegung* (controle do movimento), *bändigende Gestaltung* (configuração controlada), moldagem de um modo geral.

¹⁷ Compare *Theophil Spoerri*: *Stil der Ferne, Stil der Nähe*. Trivium II, 1.

¹⁸ Compare *Weininger*: “Pois o homem genial é o homem mais religioso, e se a *religião* o abandona, então o gênio o abandonou”. *Über die letzten Dinge*, p. 32. – Por religiosidade, naturalmente – pensemos em Goethe – não devemos entender apenas a religiosidade cristã, mas o “sentimento” religioso (“aquele que une”, “aquele que liga”) de um modo geral.

¹⁹ Compare novamente *P. Valéry*: “*Tout peut naitre ici-bas d’une attente infinie*”.

²⁰ Compare *Philos. Anzeiger* III, 302.

²¹ Compare também o conceito de Hero em Giordano Bruno e, sobre esse assunto, *Ernesto Grassi*: *Über das Problem des Worts und des individuellen Lebens*. *Geistige Überlieferung*. Das zweite Jahrbuch, p. 1511.

²² Compare O caso Ilse, em relação ao isso.

²³ *Blätter und Steine*, p. 169. – Aqui é preciso relembrar também *Weininger* e sua compreensão de gênio como “inversão da loucura completa”. Compare *Über die letzten Dinge*, p. 125.

²⁴ Compare *Sein und Zeit*, p. 52 e s.

²⁵ Aquilo que é típico para o Dasein como esquizofrênico, nós também conhecemos a partir da “vida anímica normal”. Compare *Kierkegaard* (Studien, p. 441): “Quando estamos presos a algo e parecemos não ter saída; quando tudo se tornou tão mortalmente relativo, que pensamos sufocar: aí pode ser útil de repente agir sobre algum ponto, apenas para incutir movimento e vida na carne morta”.

“Se não sabemos se estamos com saúde ou se estamos doentes; quando neste aspecto nem sabemos mais o que fazer *conosco* mesmos: então é aconselhável de repente ousar algo desesperado. Estaremos, então, agindo sem pensar, mas, mesmo assim, com algum tipo de pensamento.”

²⁶ Compare *Grundformen*, p. 445 e ss.

²⁷ *K. Beringer* e *W. Mayer-Gross*: O caso Hahnenfuss. *Z. Neur.* 96 (1925), p. 233 – Compare também *Der Fall Ellen West*.

²⁸ Daqui também é lançada uma luz sobre a “bênção da terapia ocupacional”. Mas não devemos nos entregar à ilusão de que através dela o vazio do tempo “eterno” ficará preenchido e “ainda” ocorrerá uma genuína temporalização! No entanto, por meio da terapia ocupacional ao menos são extraídas da maioria dos esquizofrênicos as últimas possibilidades existenciais ainda dormitantes – o que apesar da perda da configuração do tempo como tal ainda é possível como puro preenchimento do tempo, por assim dizer, como um *sucedâneo* da temporalização.

²⁹ Visto a partir do ‘nós’ dual como base de todo o Dasein, o *modus singular* de ser-no-mundo se apresenta como o saltar-*de* (da *communio* e da *communicatio*). Amor e amizade, aqui, partem de uma base de Dasein e se transformam em tarefa religiosa ou filosófica, ou em obrigação ética.

³⁰ Compare com referência à análise do ensimesmamento como sendo o demoníaco e o repentino, as considerações básicas - mesmo que ultimamente orientadas para a religião - de *Kierkegaard* em O conceito de medo, p. 126 e ss.

³¹ Nessa expressão sempre pensamos em *Le Senne*, *Obstacle et Valeur*, mas compreendemos a mesma sempre mais explicitamente no sentido do *amor* do que *Le Senne*.

³² A.a.O. 128. Compare o parágrafo inteiro sobre o demoníaco ou o ensimesmamento e a exposição involuntária, p. 122 e ss, assim como *Stadien*, p. 394 e ss.

³³ Ao contrário de *Freud*, não podemos mais nos contentar com as rígidas categorias de consciente e inconsciente, da pulsão e do desejo (inconsciente). Por outro lado, justamente o terreno dos atos falhos revela que o ensimesmamento em si não deve ser entendido como um fenômeno patológico. Como o próprio *Kierkegaard* explica, cada pessoa tem algo de ensimesmamento e de uma “idéia fixa”. Tudo aqui depende das nuances, do grau e, principalmente, do conteúdo.

³⁴ Tudo isso também será de grande importância para a compreensão da mímica e do modo de falar esquizofrênicos.

³⁵ É certo que nossa *vida* não pode ser apenas amor, mas também julgamento ou determinação. A questão, apenas, é se e até onde o julgamento permanece consciente de sua limitação, i.e., o olhar para o infinito e, com isso, o olhar para sua “unilateralidade” de ponto de vista não se perde.

³⁶ Inimizade e ódio não são o mesmo. Também podemos respeitar o inimigo e, inclusive “amá-lo”.

³⁷ Em Ellen West esta mudança foi menos explícita porque ela se envergonhava muito menos diante dos outros do que diante de si mesma.

³⁸ Compare Der Fall Ellen West, Abschnitt D: Das Schamproblem und der schizophrene Prozess.

³⁹ Compare seu romance com o mesmo título.

⁴⁰ A mesma pluralização do tu nós pudemos verificar também no caso Ilse. Compare Wahnsinn als lebensgeschichtliches Phänomen und als Geisteskrankheit.

⁴¹ Compare Schweiz. Archiv f. N. u. Os. Bd. 54, S. 34 ff.

⁴² Psychopathologie, 3. Aufl. S. 61 ff.

⁴³ Compare a descrição já mencionada por *Jaspers* e ainda não superada até hoje deste fato no trabalho de *Hagen*: Fixe Ideen, Erlangen 1870, S. 71.

⁴⁴ Um de meus pacientes, catatonia avançada, descreveu com muita propriedade a relação entre o pensamento abstrato e o concreto na esquizofrenia da seguinte forma: “Pensamentos são, por si mesmos, abstratos, mas assim que eles podem significar alguma coisa na realidade, na vida cotidiana, ocorre colisão ou prolongamento.” Esse “prolongamento” é *dolorosamente* sentido na cabeça, como por Jürg Zünd. Trata-se de uma “tensão” ou de um “estiramento”, de pensamentos “que confluem em um prolongamento”. Entre a execução de pensamento de Jürg Zünd e essa execução de pensamento parece-me haver apenas uma diferença em grau.

⁴⁵ Hoje ainda é de interesse verificar como se imaginava antigamente a relação da hipocondria para com a neurastenia, principalmente se pensarmos no banimento total, que teve lugar mais tarde, do conceito de neurastenia pelo conceito de psicastenia e, desse último, pelo conceito de esquizofrenia: “Especialmente difícil é a diferenciação da *hipocondria*. Nesse quadro nosológico emerge a maioria, podemos dizer, até, emergem eventualmente todos os sintomas neurastênicos. Compreendemos muito bem que, com a ampliação progressiva do conceito de neurastenia, o conceito nosológico de hipocondria foi ficando cada vez mais estreito, e compreendemos que um grande número de autores substituiu o diagnóstico de hipocondria diretamente por aquele de neurastenia. Já antes expliquei que eu não partilho desses esforços. Não há dúvida *que a hipocondria nasce no solo da neurastenia e representa apenas um desenvolvimento posterior, uma intensificação do sofrimento dos nervos para o lado psíquico*. Ao lado dos dois sintomas em comum, no entanto, surge na hipocondria o sintoma psicopatológico do processamento unilateral excessivo e fantástico das sensações patológicas para as assim chamadas representações delirantes hipocondríacas, bem como o reflexo desses círculos de representação patológicos predominantes sobre processos corporais.”

“As representações nosofóbicas genéricas, indefinidas e na maioria das vezes fugidias da neurastenia espessam-se no hipocondríaco em círculos de idéias unilaterais e fixas, que mantém prisioneiro todo o conteúdo representacional e tornam o paciente incapaz para o desempenho de qualquer atividade profissional. A *indecisão do neurastênico* transforma-se em fraqueza de vontade hipocondríaca (abulia). O amuo constante do hipocondríaco por fim torna o paciente totalmente incapaz de conviver com os seus familiares. Desconfiança doentia, aversões gratuitas, explosões de fúria cheias de ódio são os sinais infalíveis de uma mudança de caráter profundamente egocêntrica, da qual se desenvolve, depois de muitos anos da presença da doença, o delírio de prejuízo e de perseguição do paranóico.” (*O. Binswanger*, Neurastenie, S. 345).

⁴⁶ Compare Die manische Lebensform. S. M. W. 1945, S. 49 f.

⁴⁷ Que a *desconfiança* represente uma forma *distanciadora* de ser-com-o-outro já foi apontado em “Grundformen”. (“Confiança ‘aproxima’, desconfiança ‘distancia’, p. 353). Ao mesmo tempo enfatizou-se que, enquanto a confiança constrói principalmente em direção ao futuro, a desconfiança se nutre do passado. O presentificação de algo futuro, na desconfiança, mostra-se somente no fato de que “antecipa a repentividade da *decepção*”, para o que justamente Jürg Zünd é um exemplo que fala. A desconfiança de modo algum se afasta, mas fica quieta, esperando. “Nesse ficar parado, quieto, apóia-se a esterilidade *moral* ou a genuína impossibilidade de amadurecimento *moral*, à qual chamamos desconfiança”. Isto, naturalmente, vale em alta medida para a desconfiança delirante e o delírio de observação. Em todas estas situações, estamos lidando com uma imobilização do amadurecimento existencial e com o seu “substituto” pelo entorpecimento na ligação com o mundo compartilhado.

⁴⁸ Compare *Otto Weininger*: “Das Problem der Einsinnigkeit der Zeit ist das Problem des Lebens.” Das Zeitproblem in: Über die letzten Dinge. 9. Aufl. S. 104.

⁴⁹ A comprovação para isso em *Hölderlin* reside no fato de que ele próprio conseguia empregar artisticamente o estilo esquizofrênico de linguagem e com ele criar obras de arte do mais alto valor poético.

⁵⁰ Compare *Strindberg* e *van Gogh*. 19.

⁵¹ Compare *L. Binswanger* Zur Frage der Häufigkeit der Schizophrenie im Kindesalter, Zeitschr. F. Kinderpsychiatrie 1945, XII. Jahrg., H. 2.

⁵² Grundriss der Psychiatrie, 2. Aufl. S. 126.

⁵³ Der sensitive Beziehungswahn, S. 24.

⁵⁴ Já nos referimos anteriormente à opinião de *M. Bleuler* acerca da relação entre o delírio de referência sensitivo e a esquizofrenia tardia (Schweiz. Archiv f. N. u. Ps. Bd. 54, S. 353 e mencionamos aqui também a opinião de *Jaspers* (a.a.O. 252), de que “esses processos talvez realmente só sejam tipos especiais de casos esquizofrênico-paranóicos”, os quais “permitem reconhecer uma quantidade não-habitual de encadeamentos que fazem sentido em uma personalidade natural que permanece intacta.”

⁵⁵ *Kretschmer*, a.a.O. 142.

⁵⁶ Affektivität, Suggestibilität, Paranoia, S. 152.

⁵⁷ Über katathyme Wahnbildung und Paranoia. Z. Neur. XIII, 1912.

⁵⁸ *Bleuler*, a.a.O., S. 119: “*Em nossos exemplos, um complexo de representação carregado de afetos constitui o ponto de partida de idéias delirantes e talvez da paranóia.* Essa compreensão em princípio nada difere da concepção de *Wernicke* sobre suas *idéias sobrevalorizadas.*”
